

WILSON VALENTIM BIASOTTO

CRÔNICAS:
VOLUME I

**GLOBALIZAÇÃO, NEOLIBERALISMO
E POLÍTICA**



Dourados
2011

Universidade Federal da Grande Dourados

Reitor

Damião Duque de Farias

Conselho Editorial - 2009/2010

Edvaldo Cesar Moretti | Presidente
Wedson Desidério Fernandes | Vice-Reitor
Paulo Roberto Cimó Queiroz
Guilherme Augusto Biscaro
Rita de Cássia Aparecida Pacheco Limberti
Rozanna Marques Muzzi
Fábio Edir dos Santos Costa

Editora UFGD

Rua Benjamin Constant, 685
Centro – Dourados – MS – Brasil
CEP 79.803-040
e-mail: editora@ufgd.edu.br

Capa e Projeto Gráfico: Marise Massen Frainer
Diagramação: Alex Sandro Junior de Oliveira
Impressão: Triunfal Gráfica e Editora

Ficha elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Federal da Grande Dourados

337 B579t	Biasotto, Wilson Valentim. Crônicas : globalização, neoliberalismo e política / Wilson Valentim Biasotto. – Dourados, MS : Editora da UFGD, 2011. v. 1. ISBN: 978-85-61228-87-3 1.Globalização. 2. Neoliberalismo. 3. Política. 4. Crônicas brasileiras. I. Título.
--------------	---

* Crônicas revistas e atualizadas, em casos incontroversos, em consonância com o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor a partir de 2009.

* Não se padronizou o uso do tempo verbal. Em algumas crônicas o autor usa o plural majestático – sua preferência - em outras a primeira pessoa e, ainda que raramente, o impessoal.

* Revisão: Milenne Biasotto-Holmo

Dedicatória

À Helena, companheira inseparável,
pelo amor, compreensão, auxílio e incentivo.

Aos filhos Mirella, Etienne e Milenne,
pelo amor e pelo compartilhamento
de experiências nessa
contínua relação de ensino e aprendizagem.

Ao meu irmão Jair e à minha cunhada Fátima,
pelo que são na essência, mas também
pelo carinho e dedicação dispensados aos
meus pais, Maria (*in memoriam*) e Valdomiro.

Agradecimentos

À minha mulher, Helena, que ao longo de todos esses anos, recortou e arquivou uma por uma todas as crônicas que escrevi.

Aos jornais O Progresso, Diário MS, Dourados Informa e Dourados News pelo generoso espaço cedido para a publicação dessas crônicas.

À Editora da Universidade Federal da Grande Dourados, pela possibilidade da publicação e pela dedicação especial na formatação desse livro.

SUMÁRIO

Apresentação	11
A título de introdução	13

Globalização e Neoliberalismo

Liberdade de expressão	15
A Ordem é privatizar	17
Das várias maneiras de se fazer algo	19
Olga, o Neoliberalismo e o Banco do Brasil	21
A Leite e a Liguite	23
Tio coragem	25
A cigarra e a formiga na era neoliberal	27
Bamerisos	29
De porteira fechada	31
Uma história neo que não é minha	33
Globalizando a natureza humana	35
A galinha dos ovos de ouro	37
Aprendizado doloroso	39
(Im)previdência Social	41
A encruzilhada da pátria	43
Cartinha	45
Transformações no mundo do trabalho	47
Horário livre para o Comércio	49
As barricadas de Gotemburgo	52
Vamos apagar	55
O 20 de dezembro e o culto às nossas tradições	57
O 20 de Dezembro	59
Em crise, o Império ataca	62
Em busca da Paz Universal	65

De volta à Idade Média: entre a gleba e o capital	67
A subprime brasileira	70

Crônicas Políticas

Magalhães e a história	75
Impossível pacificar a ARENA	77
Mau início para Harry Amorim Costa	79
Os rojões que aqui estrondam	81
Eleições na floresta tropical	83
Nomeações na floresta tropical	85
Soluções para a floresta tropical	87
Nefandas permanências	89
As regras do jogo	91
Fujimorização à brasileira	93
Esquerda carrancuda	95
Faltava o fosso	97
O debate e a democracia	99
Eleições 98 (I): Dourados virou a mesa	101
Eleições 98 (II): a democracia ultrajada	103
A cara alegre da esquerda	105
A Peste Negra	107
Um belo retrato	109
Eleições 98: a vitória de Pirro	111
Eleições e democracia	114
Nos limites da tolerância	116
Zé sem fé	118
Sinal dos tempos	120
Obras ou obrismo?	123
Invertendo valores	125
Alianças e responsabilidade política	127
A Câmara e a Guerra Civil	129
Dívida Pública e Intervenção no Município de Dourados	131
As marcas de uma administração	133

O fim do voto secreto na Câmara de Dourados	137
O velho discurso conservador	140
Política, politicagem e distorção da realidade	142
A lágrima de Helena	144
Carroceiros zeladores	147
Corrupção, assassinatos e as tentativas de desqualificação	149
CPI ou metralhadora giratória?	151
Delcídio senador	153
Destempero verbal ou incitação à violência?	155
Eleições na Câmara Municipal	157
Lula, Marçal e os intelectuais	159
Lula: intelectual e estadista	162
Os treze primeiros desafios para o segundo mandato de Tetila	165
Pronunciamento em 13 de dezembro de 2004	171
Toda irreverência será castigada	174
O nosso burgomestre em Coimbra	176
A morte do mestre	178
Depois da grande enchente	181
O PT no olho do furação	183
O silêncio dos intelectuais	187
A redução das vagas nas Câmaras Municipais	189
O ódio não pode vencer a esperança	191
Não procriem: a síntese em duas palavras	194
Maktub: assim estava escrito, assim devia ser, fulminante de cada dia, nos dai hoje... (nos dói hoje)	197 199
A superada democracia representativa	202
O contraditório no aperfeiçoamento da democracia	204
Muitos candidatos para poucas vagas	207
Nos tempos do meu vasto bigode preto	209
Minha terra tem palmeiras	211
A cidade e os olhos	213
Mandar ou coordenar, eis a questão?	215
A equipe é fundamental	217
Eleições 2008: “se o povo está feliz, fiquemos felizes também”	219

Eleições 2008: o PT não se afastou do povo, comunicou-se mal com o povo	222
Eleições 2008: o PT não perdeu por ter se afastado do povo	223
Eleições 2008: onde o PT atuou melhor é que abriu brechas	226
Eleições 2008: o financiamento das campanhas	230
Eleições 2008: “a grande invasão indígena”	233
Eleições 2008: pesquisas de opinião e voto útil	237
Eleições 2008: a sedução das imagens	241
Pau que bate em Chico...	245
Um cenário para as eleições de 2010	248
Se não for x nem y e for z: ensaio sobre política	250

APRESENTAÇÃO

Se crônicas jornalísticas, mesmo aquelas que consistem em apresentar aos leitores apenas o relato de um fato do dia-a-dia, assumem relevância para a história nesses tempos em que se buscam novos enfoques para a compreensão das transformações da sociedade, que dizer daquelas que superam a descrição dos acontecimentos cotidianos e extrapolam esse universo, à medida que produzem uma análise mais profunda da economia, da política ou da sociedade?

É o caso da coletânea de crônicas escritas ao longo de muitos anos e reunidas agora pelo professor Biasotto na presente obra. São 99 crônicas que marcam profundamente a posição do autor a respeito da globalização e do neoliberalismo e escancaram a sua maneira de ver e de encarar a política.

São crônicas contundentes. Vão ao âmago do tema abordado, seja de maneira direta, dando nome aos personagens, seja fazendo uso de metáforas ou de ironia, que o próprio autor faz questão de não dissimular.

O leitor pode até mesmo não concordar com essa ou aquela crônica, em face do firme posicionamento ideológico do autor; no entanto, impressiona a coerência das idéias desenvolvidas ao longo dos anos. Sem ser repetitivo, sem apresentar chavões, as crônicas do professor Biasotto oferecem uma contribuição importante para estudos nas áreas social, política, literária e histórica.

É obra recomendada para qualquer leitor. Aos mais jovens, para se inteirarem dos assuntos abordados nas crônicas. Aos mais velhos, para relembrem e refletir sobre tais assuntos. Aos historiadores, porque a coletânea é repleta de ingredientes que podem dar suporte a interessantes hipóteses para pesquisa. Aos políticos, principalmente, para

se fixarem num padrão de lealdade partidária. Aos literatos e linguistas, para apreciarem bons textos e proceder à análise do discurso de uma época determinada.

Enfim, as crônicas não poderiam ser diferentes da personalidade do autor. Franco, transparente, determinado, sua produção teórica não se desvincula em momento algum de seu labor, de sua trajetória de vida, seja como professor, seja como político, do qual sou companheiro, irmão de caminhada, na busca de um mundo melhor.

Delcídio do Amaral
Senador

A TÍTULO DE INTRODUÇÃO

Nunca me importei em ser chamado de irreverente. Compreendo e aceito com tranquilidade que para o bem ou para o mal, sou mesmo um cidadão irrequieto. Ao longo de minha existência, fui mudando apenas o foco de minhas preocupações. Na infância, o meu pensamento viajava pelo delicioso mundo da fantasia, do lúdico. Criava personagens e dialogava com amigos invisíveis. Com carretéis de linha, chuchus, batatinhas e palitos de sorvete ou quaisquer pauzinhos, montava carros e carroças, estruturava fazendas com vacas, cavalos, carneiros, porcos e galinhas. Na juventude, os sonhos pueris cederam lugar a uma dura labuta pela subsistência, no entanto, não me faltou espaço para sonhar com um futuro melhor, especialmente por meio dos estudos. Ainda na juventude, mas principalmente na idade madura, enxerguei na educação, na história, no teatro, no sindicato e na política, as ferramentas de construção de um mundo mais justo, mais solidário e mais igual. Vivi intensamente as minhas convicções. Agora, passado dos sessenta anos, entrando no crepúsculo da existência, sem renegar nenhuma das convicções que tive, acrescento que acredito na escrita como forma de avançar em conquistas. É necessário escrever, registrar experiências, (re) contar histórias e narrar fábulas para que não se percam, para que acalentem nas futuras gerações a esperança de dias ainda melhores.

Esse trabalho, que ora apresento ao público, reflete de certa maneira essa minha irreverência, em outras palavras, significa o meu olhar crítico diante dos acontecimentos que se sucedem no dia a dia. Se há lacunas, tanto temporais quanto temáticas, é porque nunca tive disponibilidade apenas para escrever crônicas. Minha falta de assiduidade significa que tive atividades profissionais que me absorviam em outros afazeres.

As crônicas, por se constituírem em matéria jornalística, redigidas sem compromissos científicos, muitas vezes se perdem, o que é lamentável, pois elas podem ser de grande importância como auxiliares da história. Gosto de crônicas sejam elas as narrativas medievais, callamaços enormes escritos normalmente por arquivistas especialmente contratados para contar os feitos reais e principescos, sejam as crônicas modernas, nas quais se pode pinçar de uma narrativa do cotidiano o fio de uma meada para o historiador desvelar modos de vida, arte, educação, política, religião, enfim, trabalhar com método científico aquilo que é apenas superficialmente abordado pelo cronista por questão de espaço nos órgãos de comunicação, ou mesmo trabalhar aquilo que o cronista fornece apenas como pistas.

Esse livro, em dois volumes, composto de crônicas escritas principalmente nos últimos quinze anos, substancia essa minha crença de que é preciso deixar registros. Trata-se de um trabalho de recuperação e seleção de crônicas, algumas escritas em 1978, quando colaborei durante três meses para o “Jornal de Notícias” de Dourados, outras escritas entre 1995 e 2009, cobrindo, portanto, um período de quinze anos, publicadas em sua maior parte no Jornal “O Progresso”, mas também no “Diário MS”, e, mais recentemente, com o advento do jornalismo eletrônico, no “Dourados News” e “Dourados Informa”.

No primeiro volume o leitor encontrará uma seleção de 99 crônicas, sendo 26 sobre globalização e neoliberalismo e 73 sobre política. No segundo volume, a coletânea – de 104 crônicas – versa sobre Educação (72), Cultura (16) e Sociedade (16).

1. GLOBALIZAÇÃO E NEOLIBERALISMO

Liberdade de expressão ¹

Ela acabara de olhar para o relógio de pulso verificando que faltavam cinco minutos para as dez. Mesmo assim, gritou para a empregada pedindo que olhasse no relógio da cozinha e, como quem está com muita pressa, transmitiu o recado para que, impreterivelmente, lhe ligasse às dez horas e quinze minutos, quando informaria o que deveria ser feito para o almoço.

Ato contínuo, entrou em seu carro e saiu. O calor estava escaldante, mas se abrisse os vidros, não poderia passar a ideia de que o seu carro tinha ar-condicionado. O trajeto, afinal, não era longo, poderia aguentar-se bem.

Mal virou a esquina sacou o celular, meteu-o no ouvido e desandou a falar continuamente sem que houvesse ligado para ninguém. Ao parar o carro, em virtude de o sinal ter fechado, um pequeno incidente: o telefone tocou. Levou um susto, é verdade, mas logo se recompôs ao lembrar que os vidros estavam fechados. Ninguém, com certeza, notara tamanha gafe.

Estacionou o carro em frente ao banco e as dez e dez já se encontrava na fila. Fila enorme e que crescia ainda mais.

¹ Crônica escrita em 15/04/1996, ano em que houve uma febre pela compra de celulares na cidade de Dourados. O uso do celular no mundo inteiro foi ao mesmo tempo um salto extraordinário na comunicação entre as pessoas, mas também o desencadeamento de um processo consumista ímpar na história da telefonia e congêneres.

Finalmente, dez e quinze. O telefone tocou. Ela fingiu que não ouviu e esperou que chamasse novamente. Só então retirou o celular da bolsa e atendeu. Não sem olhar para os lados e identificar, entre as dezenas de faces contraídas pelo desconforto da espera, ao menos quatro ou cinco conhecidas. Era a glória. Para a empregada, disse apenas que não se incomodasse, aguardasse dez minutinhos e já estaria em casa.

Ah! Pobre nova rica. Lembra-me o imortal Burguês Fidalgo, de Molière, com as suas descomposturas. E eu rio de ambos e só paro ao imaginar o embaraço em que estarei metido quando o meu próprio celular tocar em lugares públicos. Sempre haverá alguém para pensar de mim o que pensei da minha semelhante.

Não falemos, pois, mais sobre isso. Convém mudarmos de rumo. Cantemos as maravilhas da comunicação nos tempos contemporâneos. Um simples aparelhinho que cabe em uma mão é capaz de nos interligar com o mundo. Vidas podem ser salvas rapidamente, perigos podem ser evitados, ideias podem ser propagadas. Maravilhoso mundo, no qual existe até uma Declaração Universal dos Direitos Humanos, onde se lê em seu artigo XIX que: “Todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão. Este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras”.

O que não consigo entender é porque lacraram a FM Comunitária que funcionou em Dourados, em caráter experimental, pelo espaço de apenas quatro dias. ²

2 Trata-se da Rádio Tereré, emissora comunitária constituída em Dourados por Sindicatos, Associações, Entidades representativas do Movimento Estudantil e um grupo de aproximadamente oitenta cidadãos. A emissora foi lacrada pelo Departamento Nacional de Telecomunicações.

A Ordem é privatizar ³

A Assembleia Legislativa do Estado aprovou (na semana entre 13 e 18 de maio/1996) Projeto de Lei que autoriza o governador Wilson Barbosa Martins a privatizar empresas públicas. Gostaríamos, nesse espaço, de discutir alguns aspectos dessa onda de privatizações que se alastra por todo o país nesses tempos de globalização. Mesmo porque não conseguimos enxergar um único motivo plausível que justifique a venda pelo Estado de empresas financeiramente saudáveis e que estão cumprindo satisfatoriamente o seu papel social, como a Enersul, Sane-sul, Telems e por aí fora.

Alegar, portanto, que tais empresas não são boas é inaceitável; afirmar que não são lucrativas é inadmissível e, finalmente, dizer que o Estado precisa tornar-se mais enxuto para poder cuidar melhor da educação e saúde, é deslavada mentira. As privatizações, se de fato ocorrerem, deverão ser justificadas por uma única alegação: o Estado está endividado. Isso é certo e, para poder rolar as suas contas, o governo federal exige a política de privatizações que, por sua vez, lhe é imposta pelo chamado Consenso de Washington.

Resta saber se dispor do patrimônio é o caminho para sair da crise?

Não cremos. Lembremo-nos de que Mato Grosso do Sul é um Estado novo. Tem pouco mais de 15 anos. Quando foi desmembrado de Mato Grosso, não ficou devendo um único centavo e herdou um patrimônio enorme, inclusive Enersul, Sanesul e Telems. Nasceu para ser modelo e, em pouco tempo está endividado. Endividado por más

³ Escrita em 1996. Não encontrei comprovante de publicação.

gestões administrativas, por malversação do dinheiro público. Portanto, vender tudo para pagar dívida não é a saída.

Em primeiro lugar, porque bastaria que se repetissem mais algumas gestões ruins, mais 15 ou 20 anos de administrações equivocadas, como tivemos até agora, para que a dívida voltasse a ser enorme e, pior, sem que tivéssemos mais o nosso patrimônio, construído por gerações e gerações. Em segundo lugar, porque o nó da questão está na política de juros exorbitantes imposta pelo governo neoliberal de FHC e não no desempenho propriamente dito das estatais.

Enquanto o processo de privatização da Enersul e de outras estatais de nosso estado está em fase inicial de encaminhamento, seria bom que refletíssemos num exemplo recente de privatização: o caso da Light.⁴ Essa empresa foi comprada pela companhia Francesa de Eletricidade, ou seja, a estatal brasileira foi adquirida pela estatal francesa. Se as estatais são ruins, como explicar que um país, sabidamente muito mais desenvolvido que o nosso, possa mantê-las e até expandi-las internacionalmente?

Lamentavelmente, a sociedade não dispõe atualmente de nenhum mecanismo para impedir, por bem ou por mal, essa dilapidação do patrimônio público. Resta-nos apenas a vaga esperança de que o governador Wilson Barbosa Martins reveja sua postura e não deixe aberta a possibilidade de uma estatal paraguaia, boliviana, japonesa ou francesa vir a comprar o que temos de melhor.

4 A Light originariamente era uma companhia privada de capital canadense que tinha a concessão para operar no eixo Rio-São Paulo. Quando estava para vencer o prazo da concessão, na época da ditadura militar, foi estatizada por interferência direta do então ministro Delfim Neto. Com FHC foi novamente desestatizada passando a sua concessão a pertencer à estatal francesa de energia elétrica.

Das várias maneiras de se fazer algo ⁵

Velhos tempos. Estradas ruins, conservadas a enxadão, graças aos mutirões dos proprietários rurais. Nem haviam surgido ainda as primeiras lâminas, puxadas por bois carreiros, para aplinar as estradas. Nesse tempo, meu pai era ainda um garoto cheio de curiosidade que se encantava com as aventuras dos mais velhos.

Por essas estradas de chão, sem pontes, com certeza ainda piores que as nossas esburacadas vias asfaltadas, transitavam os possantes carros de bois, o mais eficiente meio de transporte da época. Alguns cantavam alegremente, outros seguiam silenciosos os seus caminhos. Eu cheguei a conhecê-los na minha infância. Quando passava férias no sítio de meu avô, acompanhei meu tio em várias viagens à cidade para levar café e trazer a palha, que era jogada nos cafezais, como adubo.

Meu pai os conheceu muito melhor que eu. Chegou a trabalhar com eles. Mas pouco, é verdade, pois nunca fez viagens distantes. Entretanto, pelo que conhecia, presumia que esses carros ficassem encahlados muitas vezes, principalmente na época das águas. Curioso, quis saber de um velho carreiro como procedia quando seu carro, puxado por oito juntas, atolava.

O experiente carreiro contou-lhe que várias foram as vezes que se viu nessa situação. Quando o seu carro atolava, a primeira providência era evitar que os bois se alvorçassem: o pisoteio agravava a situação, o terreno ficava pior e o carro afundava ainda mais. Para não aumentar o nervosismo da boiada, afastava-se, procurava um lugar adequado para sentar-se, fazia o seu cigarro de palha, fumava-o e, somente depois de algum tempo, voltava ao local.

⁵ Escrita em 12 de agosto de 1996.

Encontrava a boiada descansada e calma. Então, com idêntica tranquilidade, reiniciava a lida com voz firme. Sob o seu comando, os bois puxavam num único sentido e, assim, conseguiam sair do atoleiro.

Sem dúvida é uma boa forma de conduzir um carro de boi. Compreendo-a hoje, entretanto, com mais profundidade. Entendo porque meu pai contou-me tantas vezes essa história. Ela serve como paradigma, por ela podemos orientar-nos na condução de muitas coisas que nos acontecem na vida.

Existem, todavia, outras maneiras de se desatolar os carros de boi. Podemos embrutecer com a boiada, chicoteando-a, metendo-lhe o ferrão, usar uma enxada para remover obstáculos, descarregar um pouco o carro aliviando-lhe o peso, e, mesmo, desatrelar as juntas de bois e deixá-los pastando até que se acalmem, se restabeleçam e, posteriormente, voltem ao trabalho.

Da mesma forma, existem várias maneiras de se conduzir uma nação. No transcorrer da história da humanidade já foram experimentadas várias delas. Começamos com aquilo que conhecemos como modo de produção primitivo, passamos pelo escravagismo, feudalismo, capitalismo, socialismo (restritamente). No modo de produção capitalista conhecemos o liberalismo econômico, a social-democracia e agora, estamos conhecendo o mais perverso de todos: o neoliberalismo.

Nessa forma neoliberal de conduzir o Estado, o velho carreiro, conhecido de meu pai, se sentiria um extraterrestre, pois não há lugar para a calma, a paciência, a tranquilidade.

Olga, o Neoliberalismo e o Banco do Brasil ⁶

Olga é o nome de um livro de Fernando Morais, uma reportagem extremamente bem feita que relata a história de vida de Olga Benário Prestes, uma judia comunista entregue a Hitler pelo governo Vargas, mais precisamente pelo seu chefe de polícia, Filinto Muller. Não é o sobrenome, herdado do marido, Luís Carlos Prestes, que a torna uma mulher admirável, mas a sua própria vida, sua luta, sua inabalável convicção.

Olga, enfim, é um livro que tenho recomendado sempre que alguém me pede alguma orientação de leitura. Foi o que fiz há um ano e meio mais ou menos, quando uma amiga, funcionária do Banco do Brasil, pediu que lhe sugerisse alguma coisa para ler. E mais: percebendo o seu gosto pela literatura, emprestei-lhe o meu próprio exemplar.

O tempo foi passando e *Olga* ficando nas mãos da moça. Talvez ela não tivesse se entusiasmado com a história e não me devolveu a obra para evitar o constrangimento de deparar-se com o inevitável questionamento sobre o que tinha achado da obra. De qualquer forma, vez ou outra, nas minhas idas ao banco, eu não perdia a oportunidade de lembrar-lhe que estava com o meu livro.

Recentemente, estava na agência do Banco do Brasil quando um amigo devolve-me o livro. Admirado, perguntei-lhe a razão de ser ele o intermediário da devolução. Só então fiquei sabendo que a sua colega, nossa amiga comum, havia sido transferida para Recife.

Confesso que ao pegar o livro em minhas mãos fui tomado pela alegria de ver de volta uma obra que estimo, entretanto, após essa primeira reação entristeci: lembrei-me das crônicas recentemente escritas

⁶ Publicada em O Progresso: 18/07/1996.

por Clovis Rossi, através das quais denuncia a política de transferências que vem sendo colocada em prática pelo Banco do Brasil para forçar demissões de funcionários. Sai pensativo perguntando-me se a minha amiga porventura não teria sido vítima dessa política rasteira praticada por uma das mais respeitáveis instituições desse país.

Envolto nesses pensamentos, lembrei-me que na época de minha adolescência ser funcionário do Banco do Brasil era um sonho. Sonho de ascensão social, de segurança empregatícia, de estabilidade financeira. Como as coisas mudam em tão poucos anos?

O neoliberalismo? Deixemos esse assunto, limitemo-nos a erguer um brinde às pessoas que ainda devolvem os livros que tomam emprestados. E, se puderem, leiam *Olga*.

A Leite e a Lignite ⁷

Carlito não tinha o sobrenome de Alemão, mas era assim que todos o conheciam e chamavam. Morava no sítio vizinho de meu avô, mas quando se viu sozinho no mundo, sem mulher, sem filhos, sem ninguém, vendeu tudo e foi para São Paulo viver com uma irmã.

Passados alguns anos, apareceu o Carlito Alemão para fazer-nos uma visita. Bom de papo foi contando tudo o que lhe havia sucedido na capital paulista. Disse que foi explorado logo que chegou: o motorista do táxi que o levava da Estação da Luz até a Rodoviária cobrara-lhe uma fortuna. Mas, segundo ele, isso jamais voltou a acontecer, não precisou mais que essa para ficar esperto.

Conversa vai, conversa vem, Carlito começou a discutir com meu avô sobre o preço da energia elétrica. Em São Paulo, dizia ele, o preço era muito elevado, se bem que ele sabia apenas a tarifa de uma empresa, da outra desconhecia.

Eu, que até então estava desinteressado pela conversa e que sempre pensara que São Paulo possuísse uma única empresa, arrisquei perguntar quais eram as duas companhias às quais Carlito se referia. Uma, é a Leite, disse ele, e a outra, menos famosa, e que nos fornece energia, é a Lignite.

Como o nosso amigo Carlito percebeu claramente que eu duvidava, procurou no meio de seus pertences um recibo e, vitorioso, mostrou o nome da empresa onde se lia *Light*.

Diante de tamanha gafe calei-me. É verdade que poderia ter dito ao Carlito que tudo não passava de uma questão de pronúncia, que a *Light* era uma empresa canadense que atuava também no Rio por

⁷ Publica em O Progresso: 04/10/1996

concessão do Estado; poderia esclarecer ainda que, faltando apenas dez anos para o término do contrato, o governo estava prestes a transformá-la em empresa estatal, alegando que não viabilizava mais a implantação de indústrias e atendia muito mal à população, não lhe oferecendo mais a tão desejada luz, ou *light*, se quiserem.

E foi exatamente o que aconteceu: dez anos antes de vencer o prazo de concessão, o então todo poderoso ministro Delfim Neto promoveu a encampação da Light. Não duvido da existência de interesses financeiros grandiosos por trás dessa estatização, todavia, não se pode negar que a encampação fazia parte de um plano do governo da época para melhorar o precário fornecimento da empresa que nunca tivera interesse na industrialização brasileira e muito menos no bem estar da nossa população.

Confesso que não me arrependo por ter me calado e não explicado nada disso ao Carlito. Não me arrependo também de nunca ter contado essa história para ninguém. E se o faço hoje, tornando-a pública, é somente porque estamos na eminência de cometer outra gafe e termos duas empresas de eletricidade no Mato Grosso do Sul: uma, apenas em nossa lembrança, como testemunha de que as estatais são viáveis e necessárias, a Enersul, construída com o dinheiro dos contribuintes, e que nos orgulha, apesar de ter se prostituído algumas vezes nas alcovas de governos inescrupulosos; a outra, à qual sugiro o nome de *Power and Light*, deverá funcionar bem durante alguns anos, até que não sejam necessários investimentos pesados; depois, bem, depois é provável que o Estado a encampe, com o dinheiro do contribuinte, por ser ineficiente e inviabilizar a industrialização.

Só não tenho certeza se estarei vivo para ver.

Tio coragem ⁸

A represa do Ribeirão dos Porcos, construída para possibilitar geração de energia elétrica para o município de Borborema, no Estado de São Paulo, era enorme para mim, ao menos enquanto era a única que conhecia. Com o passar do tempo, a represa não me parecia mais tão grande. Não sei se porque fui crescendo, se porque foram construídas represas gigantescas pelo Brasil todo ou ambas as coisas. De qualquer forma, não era uma represa desprezível e até hoje sustenta com suas águas uma pequena hidrelétrica.

Aliás, foi com a construção de pequenas hidrelétricas, da natureza dessa do Ribeirão, que o Brasil foi adquirindo tecnologia para arrojarse em obras maiores, que o coloca, atualmente, entre os países de maior *know how* nessa área. Estou para apostar que é o primeiro do mundo em técnica de produção hidrelétrica, mas se não o for, com certeza, é um dos mais entendidos.

Mas nem só de energia elétrica vive o homem. Às margens da represa do Ribeirão, quando menino ainda, participei de um piquenique (convescote, se quiserem os puristas do vernáculo). Moços e moças espairesciam naquele local agradável. Uns pescavam, outros nadavam, enfim, todos se ocupavam de algum entretenimento antes que fosse estendida a toalha e servido o tradicional lanche preparado para essas ocasiões.

Ao longe, dois moleques passeavam com um barco. Eu já os vira antes perambulando pelas ruas da cidade de Itápolis, uma cidade vizinha dali. Nós os chamávamos de moleques de rua. Não havia como me enganar, naquela época os moleques maltrapilhos eram raros. Quando

⁸ Publicada em O Progresso: 13/01/1997.

havia meninos abandonados, o lar das crianças ainda dava conta de abrigá-los.

Não sei como chegaram à represa se a cidade distava dali mais de quinze quilômetros. Também não me perguntem como arrumaram aquele barco, nem como entraram naquela área. Sei que enquanto um remava, o outro tirava água do barco com uma latinha. De repente a embarcação virou. Um dos moleques agarrou-se ao barco e conseguiu, com muito custo, manter-se nele até que chegasse socorro, o outro começou a ser arrastado pela forte corrente provocada pela sucção da comporta principal da represa, que se encontrava semiaberta.

Todos vimos a cena, mas foi meu tio que em ato contínuo ao afundamento do barco lançou-se à água sem vacilar. Com fortes braçadas conseguiu agarrar o moleque e segurá-lo a salvo até que um barco se aproximasse para o resgate. Foram momentos de grande suspense para todos nós, mas o barco chegou e o moleque foi salvo. Perdera apenas o fôlego e a calça, única peça de roupa que usava e que a correnteza sugara-lhe.

Poucos são os que têm coragem de arriscar a sua própria vida para salvar a de outro, especialmente se for a de um “moleque de rua”. Poucos também são os que têm a coragem de entregar as nossas hidrelétricas à voracidade do capital estrangeiro, privatizando-as. Contudo, existem pessoas dos dois tipos. Aos primeiros, como o tio Jaime, meus cumprimentos, aos últimos a minha repulsa.

A cigarra e a formiga na era neoliberal ⁹

O verão era generoso, os alimentos fartos. A bicharada empanurrava-se sem nenhum esforço. Era bonito olhar para a natureza. O verde esparramava variados matizes pelos bosques, prados e plantações, enchendo de alegria os olhos daqueles que ainda enxergam esse tipo de beleza.

Os animais estavam tão bonitos que um condutor de cego, acostumado a andar pelas estradas, não se conteve com a beleza de um cavalo que pastava à beira da cerca e exclamou em voz alta: “que cavalo bonito!”, ao que o cego imediatamente respondeu: “bonito e gordo”.

Encabulado com a resposta o condutor perguntou como o cego poderia saber se o cavalo era gordo. Ora, disse o cego, para ser bonito é preciso ser gordo. Fez-se silêncio e os dois continuaram o caminho até que pararam para repousar debaixo de uma árvore frondosa.

No tronco da árvore podia ser vista a casca de uma cigarra que ali morrera no inverno passado. De tanto cantar é que morreu, disse o cego, de vagabunda que é, disse o guia. Ambos, entretanto equivocaram-se. Essa história é coisa de um passado remoto, da época em que trabalhar valia a pena. Vou lhes contar como se deu realmente a morte da cigarra.

O verão anterior à morte da cigarra fora também generoso. Ela aproveitara-se da fartura generalizada e cantara... cantara... somente cantara. Enquanto isso a formiga, muito precavida, pensando no que lhe poderia advir no futuro trabalhara... trabalhara... somente trabalhara. Mal deixava um grão no formigueiro e já voltava para apanhar

⁹ Publicada em O Progresso: 21/01/1997.

outro. E assim foi enchendo a sua casinha de grãos para aproveitá-los mais tarde.

Quanto à cigarra, quando chegou o inverno ficou meio apreensiva, mas, boa vida que era, não se envergonhou em ir bater à porta da formiga. Bateu, bateu e ninguém respondeu-lhe. Levada pela curiosidade e pela fome, arrombou a porta e, para sua surpresa e decepção, encontrou a formiga morta.

Pelo cheiro e pelo estado da casa, a cigarra, muito esperta, compreendeu logo tudo o que se passara: a formiga trabalhara durante todo o verão para levar veneno granulado para a sua própria casa. Morrera de tanto trabalhar.

Mesmo enfraquecida pela fome a cigarra alçou voo, pousou no tronco da árvore, onde agora descansava o cego e seu guia, e desandou a rir. E riu tanto da pobre formiga que estourou de prazer.

Bamerisos¹⁰

Correntistas do Bamerindus: brindai! Vocês, que iniciaram o feriado prolongado da Semana Santa como depositantes de um banco à beira da falência, são agora correntistas de um dos maiores bancos do mundo: o Hong Kong & Shanghai Bank. Não é incrível? E isso como que num passe de mágica! Nunca pensei que essas coisas fossem tão simples. Só mesmo no Brasil! País verdadeiramente abençoado pelos deuses. Ainda bem que ninguém se admira. Estamos acostumados com milagres, afinal, onde se abate a inflação com uma simples mudança do nome da moeda, porque não se pode revitalizar bancos usando o mesmo processo?

Pouco importa se o Banco Central vai injetar US\$ 2,5 bi como adiantamento de uma conta que será paga (?) pelo Proer e que a parte podre do Bamerindus ficará com a Caixa Econômica e o Banco do Brasil. À Caixa caberá a Carteira Habitacional, pela bagatela de US\$ 2,5 bi; ao Banco do Brasil a Carteira Agrícola, em torno de US\$ 400 mi. Mais um buraquinho aqui, um ajuste ali, um remendo acolá e estaremos próximos de mais um rombo em torno de US\$ 6 bi.

Que importa? Rombos são detalhes insignificantes. Afinal, se você dividir 6 bilhões por 160 milhões de brasileiros, cada um pagará uma insignificância. Ademais, teremos a honra de receber um banco estrangeiro que, com certeza, irá nos adaptar a conviver com a globalização.

Agora, satisfeitos mesmo estão todos os anticorinthianos. Eu explico: estão torcendo para que o Hong Kong & Shanghai Bank seja tão eficiente quanto o Excel e, em breve, patrocine um time de futebol que

10 Publicada em O Progresso: 01/04/1997.

faça frente ao novo terror dos gramados: o Corinthians. A torcida maior é para que a equipe escolhida seja popular e de origem bem brasileira, times que tenham se originado de colônias estrangeiras devem fazer como o Palmeiras, buscar patrocínio nas multinacionais de seus países de origem.

Quanto ao Banco do Brasil e à Caixa Econômica Federal, não há motivo algum para preocuparmo-nos: dentro de dois ou três anos, quando a opinião pública já tiver se esquecido como esses bancos assumiram tais contas, serão acusados de incompetência pelo próprio governo e privatizados.

Até lá já estarão privatizadas a Vale, a Petrobrás e as empresas de eletricidade e telecomunicação. Seremos então um país desenvolvido. Entraremos no Grupo dos 7 países ricos, provavelmente no lugar da França ou da Itália, que insistem na besteira de manterem empresas estatais e não cobrirem os rombos de bancos, socializando o prejuízo entre a população.

Só uma coisa me preocupa. É saber quem dará emprego à Andrade Vieira, esse pobre banqueiro que ficará, quem sabe, como Calmon de Sá, sem eira nem beira nesse mundo cansando de guerra. Por outro lado, pensando bem, acho que não há motivo nem para essa preocupação, Andrade Vieira já foi ministro do governo FHC e quem não se lembra de sua simpatia, de sua competência e de sua obstinada seriedade no trato da coisa pública?

Não há mesmo com que me preocupar. Só não entendo porque não saio por aí gargalhando de alegria.

De porteira fechada ¹¹

Cinquenta e oito, respondeu Seu Odilú, com jeito acanhado, quando o comprador perguntou-lhe quantos hectares possuía. Nem lhe passou pela cabeça que o interessado pudesse relacionar imediatamente 58 com o número de empresas pertencentes à Companhia Vale do Rio Doce. Falou o número omitindo a palavra mil. Seu Odilú nunca foi mesmo pessoa de ficar contando vantagens. Mesmo assim, arrependeu-se. O comprador deveria estar querendo saber quantos hectares possuía a Vale da Esperança, propriedade que estava vendendo para saldar umas dívidas de financiamento que contraía para plantar trigo e que não dera conta de quitar porque não pode concorrer com o similar argentino e canadense.

Logo refeito, Seu Odilú explicou ao interessado a quantidade de hectares que estava à venda, deu o preço pretendido e ficou olhando de soslaio para o seu interlocutor, na tentativa de captar-lhe alguma reação.

Jeremias procurou disfarçar o entusiasmo, sem perceber que seus olhos brilharam com mais intensidade. Tirou do bolso uma calculadora e pôs-se a fazer contas. A cada resultado obtido, parava e fazia as suas reflexões. O preço estava muito alto, pensava. Verdade que a área estava toda formada de pastagem. Tinha uns mil bois gordos, mas estariam incluídos no preço? O que Odilú com certeza desconhecia é que nessa sua propriedade havia alguns minerais que, explorados, pagariam o valor de mil daquelas fazendas. Apesar de caro Seu Odilú levaria um belo prejuízo.

De seu lado, Odilú parecia fazer uma leitura dos pensamentos de Jeremias. Ele deve estar achando o preço alto, por certo vai propor que

11 Publicada em O Progresso: 10/05/1997.

a venda seja de porteira fechada. Hum! Só falta ele me pedir que eu lhe repasse, junto com a fazenda, o meu saldo bancário? Bom, se ele souber da mina de bauxita vai pensar que sou bobo e achar o preço bom. Pobre tolo, mal sabe que tudo o que existe no subsolo é propriedade do Estado. Vai levar um belo prejuízo!

Tá caro, disse finalmente o comprador. Por esse preço só se o senhor me der a fazenda de porteira fechada, com o crédito da última venda de bois e com direito de explorar o subsolo.

Olidú mal esperou que o pretenso comprador terminasse a pronúncia da última sílaba para explodir: quem o senhor pensa que sou? Papai Noel? Como pode passar pela cabeça de alguém vender uma propriedade nessas condições? Nem que eu tivesse roubado. Nem que tivesse roubado, venderia minhas terras nessas condições. Que seria dos meus filhos, dos meus netos?

Jeremias desculpou-se e despediu-se sem entender muito bem o motivo da explosão do vendedor.

Uma história neo que não é minha ¹²

Com três livros debaixo do braço entrei no salão da escola para proferir uma palestra sobre a crise na educação brasileira. Tive o cuidado de colocar alguns marcadores de página para, no momento oportuno, fazer algumas citações, *ipsis litteris*, objetivando comprovar o raciocínio que desenvolveria.

Pretendia demonstrar que a crise na educação brasileira tanto mais se agravaria quanto maior fosse o avanço do neoliberalismo e que, paradoxalmente, o trabalhador, que ao longo dos séculos criara toda a parafernália tecnológica que nos maravilha, estava, no momento, vivendo a expectativa de ser vítima do desemprego estrutural.

Enquanto a colega me apresentava àquele público, eu percorria com o olhar cada um daqueles rostos. Confundiam-se com os de meus filhos adolescentes, não com os de meus alunos da universidade, mais amadurecidos pelos anos. Em consequência, talvez não se interessassem tanto se eu me prendesse a uma terminologia mais árida. Resolvi deixar de lado os livros para começar a palestra com uma história que li dias atrás, não sei bem onde, mas provavelmente na Folha de São Paulo.

Floreando um pouco nos detalhes, mas não me desviando do conteúdo, disse-lhes que dois jovens caminhavam por uma estrada. Não me lembrava se eram dois rapazes, se duas moças ou se um casal. Não lhes sabia também os nomes, aliás, poderiam até mesmo estar entre eles, ali, naquele momento. Quando já estavam bem longe do ponto inicial da jornada depararam-se com um enorme urso. Imediatamente, um dos jovens pegou a sua mochila, tirou um par de tênis novinho e pôs-se a calçá-lo.

12 Publicada em O Progresso: 14/05/1997.

Perplexo diante daquele quadro, o jovem companheiro perguntou de que adiantaria colocar tênis novos. Com certeza seriam estraçalhados pelo urso por mais que corresse.

A resposta foi imediata:

- Eu não preciso correr mais que o urso, basta que corra mais que você.

Os estudantes que me ouviam gostaram da história. Espero que, a partir dela, tenha atingido o meu objetivo de demonstrar que num país onde os governantes impõem o neoliberalismo como política econômica não pode haver educação de boa qualidade. Seria contraditório. Se todos fossem igualmente espertos, não haveria mais aptos, mais fortes, mais eficientes, mais lucrativos, mais competitivos. Não haveria, enfim, o próprio capitalismo em sua roupagem neoliberal.

Globalizando a natureza humana ¹³

Reunido na Alemanha, no último fim de semana, o grupo dos sete países mais ricos do mundo pode ter tomado medidas importantes, mas não desejo sequer abordá-las por saber que tudo o que fazem, via de regra, é para a manutenção do *status quo*. E, como a manutenção das coisas nos mesmos níveis em que se encontram significa que os mais ricos continuarão enriquecendo e os mais pobres empobrecerão ainda mais, cansei-me.

Chega da mesma cantilena. Os argumentos dos sete poderosos não me convencem há muito tempo. Portanto, o que me prendeu a atenção, não foi a reunião em si, mas dois acontecimentos marginais, dois atos de rua.

Em Londres, milhares de pessoas demonstraram indignação em relação ao capitalismo e, em Colônia, mais de setenta mil manifestantes pediram o perdão total das dívidas dos países mais pobres.

Claro que não serão os três ou quatro mil manifestantes londrinos, mesmo quebrando algumas vidraças de bancos importantes, que decretarão o fim do capitalismo; evidente também que setenta mil manifestantes alemães não possuem força para anistiar as dívidas dos países pobres, todavia, os dois atos, refletem uma tendência universal contra o discurso único do neoliberalismo.

Se manifestações dessa natureza estivessem ocorrendo na América Latina, não haveria motivo para surpresas, seria até natural. Os latino-americanos mal suportam tanta exploração. No Brasil, não é à toa que a popularidade de FHC bateu recordes de baixa, ele representa o modelo acabado de governante subserviente aos interesses do capital

13 Publicada em O Progresso: 24/06/1997.

internacional do qual o povo já se cansou. Mas que dizer dos povos que, a princípio, são beneficiados pela transferência de divisas dos países latino-americanos para os de primeiro mundo?

Estariam apenas e simplesmente repetindo o tímido apelo do papa João Paulo II, que pede a anistia das dívidas no ano 2000?

Não. Não, começa a se formar uma consciência coletiva sobre a perversidade neoliberal. Cidadãos do mundo têm coisas mais importantes para partilhar que a simples gana desenfreada de ganhar dinheiro. Existem pessoas preocupadas com o ambiente, com a cultura, com os valores humanos.

Quatro ou cinco anos atrás a onda, melhor dizendo, a vaga neoliberal parecia inexorável, agora se dobra, verga-se. E verga-se diante da própria natureza humana. Menos mal, há uma luz também no fim deste túnel.

A galinha dos ovos de ouro ¹⁴

Ter comprado aquela casa com um terreno que atravessava o quarteirão, cem metros de fundo, fora um golpe de sorte. Sair do sítio para uma casa sem quintal teria sido traumático, principalmente para os mais velhos, mas não para tia Dete, já acostumada à vida da cidade. Ela estudara até então em colégio com regime de internato, coisa comum nos anos cinquenta e sessenta. Como a família mudara para a cidade, deixou o internato para concluir o normal (atual magistério) na companhia dos pais e irmãos.

Foi, aliás, debaixo de uma das muitas árvores do quintal dessa casa que minha tia improvisou uma sala de aula, com um único aluno, para treinar a sua aula de estágio. No dia seguinte, todo cheio de importância, vangloriava-me de conhecer antecipadamente do que se tratava.

Ano seguinte, minha tia, já lecionando, emprestou-me um livro, usado como material didático: “A galinha dos ovos de ouro”. Levei-o para a minha classe e o “Zé Orelha” inventou de lê-lo durante a aula. Pura burrice! Dona Irene, incontinenti, tomou-o para si e, apesar dos meus protestos, nunca mais o revi.

Foi o primeiro de uma série de livros que perdi, mas os demais foram emprestados e jamais devolvidos, esse, da galinha dos ovos de ouro, me foi tirado indevidamente. Essas injustiças a gente jamais esquece, embora o meu prejuízo não tenha sido tão grande. Eu já o havia lido, já conhecia muito bem a moral da história: se um dia viesse a ter uma galinha dos ovos de ouro jamais a mataria, ao contrário, trataria dela com todo o carinho, daria bastante milho e até mesmo lhe faria um ninho especial.

14 Publicada em O Progresso: 21/08/1997.

O tempo foi passando e devagar fui percebendo que a galinha dos ovos de ouro não precisava ser necessariamente uma galinha, podia ser um diploma, um ofício, um emprego, um sítio, uma empresa, uma série de coisas das quais, com mais ou menos esforço, tiramos o nosso sustento, nossa segurança, nossa estabilidade.

Hoje percebo mais uma coisa: não fui a única vítima a perder o livro de histórias contando sobre a galinha dos ovos de ouro, muitos outros alunos devem ter sofrido o mesmo problema, inclusive governadores, ministros, presidentes, deputados e senadores. O detalhe é que a professora dessas autoridades deve ter lhes tomado os livros antes que tivessem feito a leitura e compreendido a moral da história. Senão, com certeza, haveriam de entender que Vale do Rio Doce, Petrobrás, Eneer-sul, Sanesul, Telems, Eletrobras e inúmeras outras empresas públicas são galinhas dos ovos de ouro que estão sendo mortas. E aí se vai a rentabilidade, a estabilidade, a segurança.

Aprendizado doloroso ¹⁵

Há dois meses não publico minhas crônicas neste jornal. Alguns leitores, amigos bondosos, que sempre me incentivam com uma palavra de estímulo sobre os meus escritos, quiseram saber a razão. Penso que talvez os leitores mais distantes do meu convívio também gostariam de ouvir minha história.

Não foi por falta de tempo. É verdade que as vinte e quatro horas do dia têm sido poucas, mas não insuficientes. Já aprendi, não sem dor, através de meu irmão, quando vim para Dourados há vinte e quatro anos, e me demorava em escrever-lhe, que tempo é uma questão de preferência.

A história é outra. Tive problemas com meu computador. N, nunca nos demos muito bem. Meu primeiro amor por um três oito meia não foi feliz.¹⁶ Julguei-me um ser inferior, pouco inteligente diante da máquina onipotente, e o meu sofrimento com a aprendizagem era maior que os benefícios. Depois veio a dúvida mais cruel, logo comprovada, de infidelidade. Não pude mais confiar-lhe os meus escritos, já que fizera desaparecer, misteriosamente, mais de trinta páginas de um trabalho científico que lhe confiara.

Disseram-me que o quatro oito meia era melhor; mais prestativo graças a rapidez com que me serviria; mais moderno, mais isso e aquilo e, sobretudo, mais digno de confiança.

¹⁵ Escrita em 01/04/1998.

Os computadores enquanto processadores necessários para o uso da Internet constituem-se em instrumentos de globalização. A relação com o neoliberalismo está na política de estabelecimento de um Estado Mínimo que não valorizava o funcionalismo público impedindo-o de acessar novas tecnologias. Daí a inclusão dessa crônica nesse capítulo.

¹⁶ Os computadores pessoais, conhecidos pela sigla inglesa: PC - personal computer- eram identificados pelos microprocessadores que possuíam (286, 386, 486, Pentium, AMD),.

Confiei e, de fato, durante alguns anos ele serviu-me bem. Em sua cabeça, ou entranhas, sei lá, fui depositando as minhas crônicas, meus artigos, minhas palestras, enfim, fui confiando-lhe a minha produção, da mesma forma que o capitalista vai confiando os seus rendimentos ao banco.

De repente, não mais que de repente, como diria o poeta, o meu novo amor traiu-me da maneira mais ignóbil. Esvaziou-se, simplesmente, e eu quase me pus a chorar por ter perdido tanto. Senti principalmente pela perda de uma obra, praticamente pronta, sobre os casos de Liberato Leite de Farias, o Laquicho. Eram cerca de duzentas páginas, que terei que reescrever para resgatar os sessenta e quatro casos compilados e devidamente trabalhados.¹⁷

Não me dou por vencido! Um técnico formatou novamente o meu quatro oito meia e eu, pacientemente, o tolerarei até o dia em que o governo federal entender que os servidores públicos merecem um bom reajuste salarial. Aí, será a glória, a traição será minha, irei buscar imediatamente um novo amor num pentium, ou algo novo que o valha.

Enquanto isso, vou aprendendo de forma dolorosa, mas não me lastimo, compreendo o fenômeno, foi assim também com o carro, que aprendi a dominar aos trancos e barrancos, literalmente.

Ah! Essas maravilhosas máquinas! Tão frágeis que não resistiriam a um só golpe de machado!

Ah! Pobre geração essa minha, que tanto sofre para aprender a lidar com as máquinas sem sucumbir diante das vertiginosas transformações deste fim de século.

17 O livro “Até aqui o Laquicho vai bem: os casos de Liberato Leite de Farias” foi publicado em 1998, pela Editora da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS.

(Im)previdência Social ¹⁸

Minha homenagem aos vagabundos

Em 11/12 de maio de 1996, publiquei a crônica que segue abaixo nesse mesmo espaço, exatamente um ano antes de o Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, ter chamado de vagabundos aos que se aposentam por volta dos cinquenta anos. **Republica-la** parece-me oportuno. Vamos a ela.

Minha memória não me tem sido motivo de orgulho. Compará-la a de alguns amigos, nem pensar. O Ramiro, por exemplo, consegue com facilidade repetir a chamada feita no tempo do exército e ir enumerando de 1 a 150 os nomes de nossos colegas de farda, quando servimos. A vida é assim mesmo. Uns são mais dotados para algumas coisas, outros para outras, e existem ainda os que não são dotados para nada. De qualquer forma, todos têm o direito à vida. Não invejo ninguém, e se a minha memória não é de elefante, ao menos tenho algumas lembranças que desejo compartilhar com os leitores.

Quando cursei o primário, não existiam na minha cidade escolas particulares. Na escola pública sentavam-se, lado a lado, filhos de gente das mais variadas origens sociais. Era uma convivência gratificante, aprendíamos a nos respeitar; os ricos tomavam conhecimento da existência dos pobres e estes tinham a expectativa de que, se houvesse esforço, poderiam ascender socialmente. Ah! Que tempos! Tempos de sonhos e de ilusões. Sonhos realizados para uns, desfeitos para outros.

Guerino e Stéfano sentavam-se sempre nas primeiras carteiras e vieram-me à lembrança como paradigmas perfeitos para mostrar como

18 Publicada em O Progresso: 19/05/1998.

uns podem ser bem sucedidos e outros não. Atentos e estudiosos, disputavam, ao menos nos dois primeiros anos escolares, as melhores notas. Depois, Guerino foi decaindo, suas notas eram cada vez mais baixas e só conseguiu o diploma do quarto ano porque colou; quero crer que com a complacência da professora. Desistiu, abandonou tudo para ser cortador de cana.

Ao contrário, Stéfano continuou firme em seus estudos, concluiu o primeiro e segundo graus (ginasial e científico, como eram chamados na época), seguiu para o Rio de Janeiro e hoje, para encurtar a história, tem dependurada, em frente ao seu consultório, uma bela placa de bronze onde se lê: “Dr. Stéfano: urologista”.

Guerino morreu. Mal tinha completado quarenta e sete. Ironicamente, quarenta e sete anos é a vida média dos cortadores de cana. E ele foi logo morrer com essa idade para confirmar a estatística. Parece que levava uma vida muito desregrada. Levantar cedo, vá lá, era próprio da profissão, mas não precisava ir dormir tarde, e ainda com a cara cheia de cachaça. Ouvi dizer que às 5h da manhã, quando encostava no ponto do caminhão que o levava ao canavial, ao invés de dirigir-se ao bar do Abílio para tomar um café com leite, pedia um lavrado de pinga. Dizia aos amigos que era para calibrar.

Morreu sem sequer esperar pela reforma da Previdência que, se aprovada, levará o trabalhador brasileiro a aposentar-se com 65 anos. Puxa! Ainda faltariam dezoito para o Guerino. Não sei por que tem gente, como ele, que escolhe ser cortador de cana e opta por tomar cachaça às cinco da matina?

Um dia ainda peço ao Ramiro que faça a chamada de nossa turma do exército: só para ver quantos já morreram sem se aposentar, por terem optado por profissões erradas.

A encruzilhada da pátria ¹⁹

Não é a primeira vez que me acontece de ler uma crônica da Folha de São Paulo sobre uma questão que havia comentado num dia antes e que só não escrevera sobre ela pelas minhas limitações de tempo. Muitas vezes essa coincidência deve-se ao fato de se tratar de assuntos quentes.

Ainda nesse último domingo, Clóvis Rossi, sob o título “A pátria financeira”, abordou a eleição para presidente com impressionante semelhança ao que eu havia dito numa roda de amigos.

A ideia central é que se Lula “*ganhar, ou mesmo ameaçar ganhar*”, poderá haver uma fuga espetacular de capitais. Se essa possibilidade se concretizasse, Lula teria que dizer que “*não mexeria no câmbio nem nos juros*” para acalmar os investidores e, assim, seria tão FHC quanto FHC. Para Rossi, dessa forma, entre o original e a cópia, a tendência é de que se vote no original. Conclui avaliando que o processo democrático de escolha praticamente não existe e pergunta se “não seria mais fácil limitar o direito de voto apenas aos jogadores do tal de mercado?”

Essa é a questão. Procura-se passar a ideia de que não há nenhuma luz; prevalece a hegemonia do discurso único de que a globalização neoliberal é irreversível.

Por isso, ouve-se muitas pessoas dizerem que, apesar do comércio, indústria e agricultura estarem na bacia das almas, não tem alternativa que não seja FHC. Gente falida, gente que perdeu tudo o que tinha devido ao Plano Real, não vê saída para a crise.

E se FHC ganhar, qual a garantia que teremos de que o capital não migrará para outros países? Quantas estatais FHC têm ainda para

19 Publicada em O Progresso: 09/05/1998.

vender? Quantos bilhões levantará e por quantos anos, para sustentar sua política? Quantas universidades públicas serão sucateadas para saciar a voracidade dos nossos credores? E, ademais, Lula, ou alguém de esquerda, ganhou por acaso na Tailândia ou na Indonésia?

Será muito bom para todos nós se a sociedade brasileira conseguir, nesse ano eleitoral, aprofundar o debate sobre essas questões, principalmente sobre a globalização neoliberal.

Particularmente estou otimista: quanto mais abrangente for a globalização neoliberal tanto mais rapidamente ela gerará as contradições para a mudança. Haja vista que os países europeus, após uma rápida onda neoliberal, voltam suas preocupações para o estado de bem estar social, e os que insistiram na sua manutenção, quebraram ou empobreceram, com enorme sacrifício para o povo.

A espécie humana é muito criativa, haveremos de não nos permitir, no limiar do terceiro milênio, repetir os poetas do final da Idade Média, como Meschinot, que se lamentava dizendo: *o miserable et très dolente vie!* (*Oh miserável e tão triste vida!*).

Cartinha ²⁰

Queridos pais,

Espero que esta vá encontrá-los gozando de plena saúde. Confesso que lhes escrevo com certa preocupação, estou sem notícias suas e bem sei que aos setenta e nove anos as pessoas são mais vulneráveis: qualquer resfriado pode abatê-las, especialmente nesses tempos em que o inverno impõe-nos temperaturas mais rigorosas.

Não me critiquem se não telefono. Vocês sabem que não sou avarento, gastaria de bom grado algum dinheiro para falar-lhes e ouvi-los. Não culpem tampouco FHC; os funcionários públicos, como eu, podem muito bem pagar uma conta telefônica. N, nos últimos dois dias insisti dezenas de vezes em ligar para vocês, mas não consegui. Lamento muito.

Talvez esses transtornos sejam passageiros. Nem quero pensar em voltarmos aos tempos em cheguei a Dourados, nos idos de 1974. Naquela época, por volta das dez horas, pedi uma ligação para falar-lhes. Desejava dizer-lhes que chegara bem, que fizera boa viagem, essas coisas que deixam os pais mais tranquilos. A telefonista tentava em vão obter sucesso. Eu insistia. A moça desculpava-se. Por Presidente Prudente não consigo, dizia-me ela, vou tentar por Ribeirão. E eu ficava aguardando e insistindo. Para encurtar a história, às 22 h, finalmente, conseguimos completar a ligação. Alguns segundos depois, decepcionado eu desligava, cansado de gritar sem ser ouvido e sem escutar uma única palavra. Lá se foram vinte e cinco anos!

Por falar em lembranças, vocês se lembram da Oneide? Aquela vizinha nossa, minha amiga de escola? Oneide Aparecida Carlos, ela

20 Publicada em O Progresso 08/07/1999.

morava um pouco adiante de nós. Um belo dia tomei emprestado o seu caderno para copiar uma matéria. Folheando-o cometi a indiscrição de ver algo que ela tinha escrito para si, algo que deveria estar talvez em um diário, não no caderno que me emprestara. Lá encontrei, na introdução ao texto, uma frase que refletia seu estado e sua situação: “Estou mergulhada sob a luz tosca de uma lamparina...”

Talvez para evitar que os estudantes ficassem à mercê da luz tosca das lamparinas, ou quem sabe para propiciar a industrialização do país, o governo foi encampando uma a uma todas as pequenas companhias de energia elétrica. E, para que uma ligação telefônica não demorasse doze horas, o governo foi encampando também as pequenas empresas telefônicas, de modo que, ao menos até ontem, podíamos conversar com pessoas que se encontrassem nos mais distantes rincões desse país. A demora, quase sempre, não passava do tempo que gastávamos para a discagem.

Por aqui está tudo bem. Desculpem-me se não entro em detalhes, mas tenho pressa de postar essa carta logo. Vai que privatizam também os correios!

Não, não se preocupem. Se privatizarem os correios tanto melhor, ao invés de enviar-lhes cartas, iremos pessoalmente vê-los. Afinal, ainda temos a Petrobrás que nos fornecesse gasolina. Não, não sejam pessimistas, se privatizarem a Petrobrás e exportarem todo o nosso petróleo para pagamento de nossas dívidas restar-nos-á os burricos. De qualquer forma nos veremos.

Lembrança a todos nossos queridos e um grande beijo.

Do filho que os ama

Wilson

PS. Não há a mínima possibilidade de privatização da ponte sobre o rio Paraná. Não se preocupem, de qualquer forma conheço o vau do rio.²¹

21 Para os leitores mais novos informo que PS quer dizer “post scriptum”, uma expressão latina que significa depois do escrito, o nosso atual “em tempo”.

Transformações no mundo do trabalho ²²

Desde os tempos em que os nossos ancestrais esforçavam-se para andarem eretos, a humanidade vem acumulando o saber e, desse saber, as maravilhosas máquinas que paradoxalmente nos libertam e oprimem. Libertam-nos porque desempenham o serviço pesado e os mais diferentes trabalhos que outrora nem sonhávamos realizar. Oprimem-nos porque ao liberarem o homem do trabalho físico não o conduzem ao paraíso, mas para o inferno do desemprego e da exclusão social.

Se o saber acumulado produziu esse maravilhoso mundo em que vivemos, é correto afirmar que quem gerou toda essa riqueza científica e tecnológica foi a classe trabalhadora, ao longo de séculos e séculos.

Todos os avanços que verificamos nos mais variados campos da ciência não se constituem em fruto de um esforço individual, imediato, mas da somatória (ao longo de centenas ou até milhares de anos) de experiências, de invenções, às vezes pequenas, e que hoje resultam em sucessos espetaculares. Basta um olhar para a informática ou para a robótica. Se a notícia da tomada de Constantinopla pelos Otomanos em 1453 demorou um ano para se espalhar pela Europa, hoje uma notícia pode ser divulgada para todo o orbe concomitante ao acontecimento. Se um homem há pouco tempo demorava mais de 70 horas para produzir um carro, hoje os robôs são capazes de produzi-lo em poucas horas e sem a interferência de um único dedo humano.

Temos, portanto nos dias atuais, uma das maiores contradições já vividas pela humanidade. De um lado uma elite, apropriando-se dos meios de produção criados por gerações e gerações, desfruta de uma riqueza incalculável; de outro, um exército de trabalhadores desempre-

22 Publicada em O Progresso: 30/04/2001.

gados sendo excluídos não só do uso dessa maravilhosa tecnologia, mas também alijados de uma subsistência digna ao ser humano. Nunca, depois do fim da escravidão, as diferenças entre ricos e pobres foi tão profunda.

O novo capitalismo, que comumente chamamos de neoliberalismo, é a forma acabada de perversidade perpetrada pelo homem sobre o seu semelhante. Quem tem um emprego precisa trabalhar cada vez mais e ganhar cada vez menos para não se ver na mesma condição de seus parentes e vizinhos, desempregados e sem grandes perspectivas para o futuro.

Os comerciantes desejariam tirar as portas de seus estabelecimentos de forma que eles ficassem permanentemente abertos. Os industriais, por sua vez, gostariam de ter um único empregado para apertar um botão que colocasse em funcionamento toda a sua linha de produção.

Mundo maravilhoso e cruel. Se os governantes não tivessem se subjugado à ideologia do estado mínimo, mas, ao contrário, estabelecido um estado forte, com a sustentação das forças populares, poderiam redistribuir a tamanha riqueza que é gerada atualmente, tornando o mundo mais justo, mais fraterno, mais igualitário.

De qualquer forma há ainda boas novas que o trabalhador pode comemorar. Governos progressistas e populares implementam programas de renda mínima, bolsa escola, banco do povo, programas de segurança alimentar e, principalmente a redução da jornada de trabalho, com manutenção do mesmo salário, para que haja uma melhor distribuição de renda.

No fundo, temos atualmente o embate entre dois programas. Um que nos conduz à competitividade desenfreada, à busca do lucro a qualquer preço e outro que nos levaria à redução drástica das horas semanais de trabalho e permitiria ao homem um padrão de vida muito melhor.

Horário livre para o Comércio ²³

Não desconheço que existe uma tendência mundial de flexibilização do horário comercial e pelo jeito que as coisas caminham as lojas não precisarão mais de portas. Permanecerão abertas as vinte e quatro horas do dia.

Ótimo, dirão muitos. Todo consumidor terá à disposição, na hora em que desejar tudo aquilo que lhe aprouver. Maravilha! dirão outros. Os comerciantes venderão ininterruptamente, as fábricas trabalharão ainda mais na geração de riquezas e as cidades se desenvolverão. Salvação! poderão dizer os governantes. A arrecadação aumentará e haverá dinheiro para as obras públicas (estamos falando de governantes honestos).

Talvez poucos se lembrem que na nossa vizinha, Pedro Juan Caballero, menos de vinte e cinco anos atrás, os comerciantes fechavam as portas do comércio para a sesta. E não era diferente da Itália, que também parava para o almoço. Lembram-se daquele filme em que uma quadrilha aproveita a paradeira geral de uma grande cidade italiana para assaltar um banco? (“O Homem de 7 milhões de Dólares”, se não me falha a memória).

É impressionante! Estamos vivendo em uma Era onde as transformações se operaram vertiginosamente. E, pior, uma época em que somos levados a nos transformar em macaquinhos que têm que copiar tudo.

Lembro-me, por exemplo, que o Plano Diretor de Dourados, elaborado por Jayme Lerner, na gestão Zé Elias Moreira, proibia terminantemente a construção de edificações com mais de quatro andares

23 Publicada no Dourados News: 08/05/2001.

em Dourados. Coisa bem pensada. Dourados têm um perímetro urbano que comporta mais de 600 mil habitantes, portanto os terrenos baldios são numerosos. Não precisaríamos crescer verticalmente.

Mas vieram os grandes investidores. A Câmara Municipal mudou a Lei e foram permitidos edifícios de qualquer altura. Interessante que nessa mesma época a população de uma cidade inglesa de porte médio (cujo nome não me lembro), discutia uma fórmula para implodir os grandes edifícios. Nem sei o que virou dessa discussão, provavelmente os prédios estejam lá, firmes, mas o povo daquela cidade bem que tentou ficar com os pés no chão, convivendo melhor com a natureza, desfrutando as energias da mãe Terra.

E Dourados perdeu a grande oportunidade de ser ímpar, ser modelo de cidade voltada para a busca da felicidade e não voltada apenas para o lucro.

Bem, voltando ao horário livre para o comércio, desejo informar que na última Sessão da Câmara Municipal de Dourados, foi votada uma Lei que não permite a abertura de supermercados aos domingos. Nesse sentido é de bom tom que nos lembremos dos comerciários. São eles, evidentemente que geram a mais valia para os patrões, logo, merecem ser ouvidos.

Em que ponto os trabalhadores serão beneficiados com a abertura do comércio aos domingos. Quantos empregos geraria essa abertura? Já não está de bom tamanho que o horário seja livre em alguns dias úteis? Não seria bom reservarmos o domingo para nossas reuniões familiares, para o cultivo de nossas amizades, de nossos entretenimentos?

E quanto a população? Haverá mesmo necessidade de se fazer compras aos domingos? Será que estamos tão sobrecarregados durante a semana? Se estivermos, isso é certo? E, por fim, as compras aos domingos não estariam apenas suprimindo a falta de lazer existente em nossas cidades?

São muitas as perguntas e poucas as respostas imparciais. O certo é que a Câmara proibiu a abertura dos mercados aos domingos. Talvez

por pouco tempo. Levada pela onda neoliberal que nos invade, a Câmara poderá revogar a proibição de se trabalhar aos domingos e aprove uma Lei estabelecendo liberdade total no horário de funcionamento dos estabelecimentos comerciais. Talvez...

Particularmente gostaria que os prédios em Dourados tivessem no máximo quatro pisos e que o comércio não abrisse aos domingos. E, se fosse o caso de funcionar livremente, penso que deveria haver a obrigatoriedade de se contratar novos empregados. Ou seja, não me importa que o horário do comércio seja livre, mas isso tem que obedecer a uma lógica. Se o comércio se mantém aberto é porque vende mais, se vende mais fatura mais, portanto, nada mais justo que haja redução na jornada de trabalho para empregar essa massa excluída e gerar uma sociedade mais solidária, mais justa e mais igualitária.

E isso tudo sem dizer que domingo vem de *Dominos Dei* (Dia consagrado ao Senhor).

As barricadas de Gotemburgo ²⁴

Gotemburgo não terá para os historiadores do futuro a importância que teve a batalha de Adrianopla, na Antiguidade; Crécy, na Idade Média; ou muito menos da Revolução Francesa, na Idade Moderna e da Revolução Russa de 1917, na Época Contemporânea, em comparação às transformações que essas batalhas operaram. Com certeza Waterloo, Pearl Harbor e tantos outros combates mais antigos serão mais bem lembrados. No entanto as manifestações de Gotemburgo, tanto quanto as de Quebec e Seattle constituem-se em marcos importantes para a demonstração do descontentamento que toma conta dos principais centros capitalistas do mundo em relação ao neoliberalismo.

Gotemburgo! Em toda a nossa vida jamais ouvimos falar de Gotemburgo. Agora quando vemos estampada nos jornais, fotos de uma barricada feita com móveis, ardendo em chamas, descobrimos que essa pacata cidade fica na Suécia e que, durante o encontro de líderes da União Europeia, houve uma batalha, com 12 horas de duração, entre policiais e cidadãos anticapitalistas, deixando um saldo de 30 pessoas feridas e mais de 600 que foram presas.

Manifestações anticapitalistas nos principais centros capitalistas? Sim, porque além de Seattle, Quebec e Gotemburgo, são comuns manifestações dessa mesma natureza em Londres e Paris, por exemplo. Chegamos a pensar que o mundo está girando de ponta cabeça. Os que deveriam protestar veementemente contra a exploração neoliberal parecem anestesiados. Que fazem os africanos, os asiáticos e latino-americanos, que estão sendo arrastados violentamente para a linha da miséria?

²⁴ Publicada no Dourados News: 16/06/2001.

E nós, brasileiros em particular? Até quando suportaremos tantos saques? Primeiro os portugueses, mais tarde os ingleses, depois os norteamericanos e atualmente conseguimos a façanha de nos deixarmos explorar por todo o mundo, desde que nos ofereçam 30 moedas em dólar para comprarem nosso patrimônio. Foi-se o nosso ouro, grande parte de nossas reservas de matéria prima, foram-se as nossas estatais e agora vão-se embora, religiosamente, 60% daquilo que produzimos, em pagamento de juros de uma dívida estratosférica.

“É chocante a resignação do brasileiro”, diz o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, ganhador do prêmio Jabuti, entregue na última Bienal, na categoria Ciências Humanas e Educação. Se é certo que o mundo todo passa por um processo de despolitização, é surpreendente como no Brasil isso chega as raízes da resignação, completa o autor com suas palavras.

Boaventura, ao fazer essas declarações, e tendo como pano de fundo a ameaça de apagões²⁵, avaliou que somos levados à insegurança e por ela rendidos, sem que haja contestação social.

Sem discordar do ilustre sociólogo português vamos mais longe. Cremos que muito além da insegurança, o governo FHC está nos submetendo a uma propaganda neofascista extremamente condenável. Exemplificaremos nossa afirmação comentando sobre dois comerciais que podem ser vistos pela televisão.

Em um deles o ator, parafraseando antiga música carnavalesca, canta para que não chova. A propaganda, enquanto mostra o negativismo, apresentada em cor vermelha, a cor dos partidos de esquerda, como se eles torcessem pelo quanto pior melhor. No segundo comercial um vizinho surpreende outro com a luz acesa em pleno dia. A cara do ator reflete a sentença: a culpa é sua.

25 Os “apagões” no Brasil ocorreram nos dois últimos anos do governo FHC, 2001-2002 e consistiram em grandes ameaças de interrupção do fornecimento de energia elétrica por conta da falta de investimentos no setor.

Percebe o leitor? Ou a culpa é nossa, ou é dos partidos de esquerda ou, na melhor das hipóteses, é de São Pedro, que não manda as chuvas necessárias para o funcionamento de nossas usinas.

Neoliberalismo, FMI, Banco Mundial, Consenso de Washington e o próprio governo estão fora.

Enquanto isso em Gotemburgo os suecos fazem as suas barricadas anticapitalistas e os intelectuais estrangeiros não se conformam com a nossa resignação.

Vamos apagar ²⁶

Apaguemos nossas lâmpadas, desliguemos o *freezer*, acendamos uma pequena fogueira no centro de nossa sala e vamos conversar, cantar, contar causos. Aposentemos a televisão e o toca discos e voltemos ao teatro para ver ao vivo óperas, espetáculos teatrais, nossos artistas prediletos, como nos tempos de D. Pedro. Voltemos aos estádios de futebol, superlotemos o nosso tão pouco frequentado Douradão, façamos tremer as suas arquibancadas nas tardes de sábado ou domingo.

Não sejamos, pois, pessimistas! Lembremo-nos dos impecáveis ternos de linho que nossos pais e tios usavam, passados com o ferro a brasa. Arrumar a brasa hoje talvez seja um problema nas grandes metrópoles, em compensação poder-se-ia abrir em cada esquina uma lavanderia e tinturaria, como nos velhos tempos, que dariam conta de conseguir brasa suficiente para abastecer os ferros de passar, manuseados por um exército de felizes (re)empregados. E, de lambujem, teremos a oportunidade de plantar mais e mais árvores para fazer o carvão, o que implicará em oportuno reflorestamento.

E as velhas lamparinas? Basta que não nos importemos com a fumaça escura e mal cheirosa que exala do querosene queimado, mas que tenhamos em conta o lado humano e romântico das coisas. Humano porque é evidente que serão vendidos muito mais óculos, gerando empregos. Romântico porque sou capaz de imaginar o retorno das cartas de amor e as pessoas iniciando suas missivas como já o fizera uma amiga minha nos anos 60: “estou mergulhada sob a luz tosca de uma lamparina...” Quanta criatividade poderá ser resgatada!

26 Publicada no Dourados News em 2001

Se o leitor mais novo não conheceu esse maravilhoso mundo antigo do gramofone, e os mais velhos não tiverem saudades dele, que não se esqueçam: nós, usuários, seremos os únicos responsáveis pelos eventuais apagões que ocorrerem em julho. Da parte do governo FHC não há falha, ele já está tomando todas as providências necessárias. Só não me lembro de ter visto ou lido em algum lugar que ele deixará de pagar alguns centavos da dívida externa para estudar se nesse imenso país tropical não existiria alguma maneira de se produzir energia. Coisas do tipo de energia das marés, energia solar, termoeétrica, hidroelétrica, de aproveitamento de resíduos, enfim, sei lá...

E que ninguém pense na incompetência do governo FHC, muito menos na maquiavélica hipótese de que a falta de energia tenha algo a ver com alguma política antinacionalista e de sucateamento da indústria nacional.

Nesses aspectos, os únicos que têm que se penitenciar são os que escreveram contra os programas de privatizações e que erramos em cheio. Nós, particularmente, sempre assegurávamos em nossos artigos, que a privatização dos setores estratégicos, como o energético, trariam consequências altamente negativas ao Brasil, somente dez anos após concretizadas. Erramos, foram necessários apenas cinco anos para que as nefastas consequências se manifestassem.

Apaguemos nossas lâmpadas. Mas deixemos marcados indelevelmente em nossa memória e em nossa história esses acontecimentos. E sejamos atenciosos porque a direita tem o mau hábito de fazer com que a história se silencie sobre determinados feitos ou, quando isso não é possível, procura apagar a história usando como arma a desqualificação de seus adversários, ou jogando a culpa nos outros, mesmo que seja em São Pedro.

Desculpem-nos os leitores pelas ironias, mas são tão absurdas as medidas tomadas contra o consumidor que foi a melhor maneira que encontramos para demonstrar a nossa indignação.

O 20 de dezembro e o culto às nossas tradições ²⁷

À Ercília de Oliveria Pompeu
e a todos que, como ela, amam
Dourados com verdadeira paixão

O menino virou moço e o moço teve que provar aos amigos que era homem. Bebeu, embriagou-se. Maneira estranha de se provar a hombridade! Mas essas provas existem. Eu próprio quando adolescente tive que aprender a fumar. Homem tinha que fumar, embora nem todos conseguissem. Alguns se engasgavam, tossiam, eram chamados de maricas, mas não havia meio de adquirirem o vício. Que sorte! Duro foi para mim que somente me separei do cigarro quando criei juízo aos quarenta anos de minha existência.

Mas o menino-moço que bebeu o seu primeiro pileque, riu, cantou, brincou, enquanto vagueava com os amigos pelas ruas já desertas do bairro. De repente imaginou-se ofendido, ficou sério, quis brigar e só não levou uma surra de um rapaz muito mais forte porque os amigos do deixa pra lá entraram no meio e desviaram a sua atenção para um “orelhão” novinho que foi arrebetado totalmente.

Embalados pelo álcool o grupo continuou sem rumo, arrastando o lixo para o meio da rua, arrancando o fone de outro telefone público, arremessando pedrada certa na lâmpada do poste da esquina, arrancando o pássaro da avenida, que era artesanal, mas tinha vida, porque alegrava os olhos das pessoas que por ali passavam. Correram, saltaram, caíram várias vezes até que cada qual foi recolhendo-se em sua respectiva casa ao raiar do dia. Bêbados e exaustos.

²⁷ Escrita em 13/12/2002 e postada no site: www.biasotto.com.br: crônicas: 2002.

Era vinte de dezembro, num ano em que esse dia caiu num domingo.

Levantou-se para almoçar. Olhos vermelhos, cabeça doída. Prometeu aos pais que jamais beberia. Mas não prometeu que não quebraria mais pássaros e lâmpadas. Talvez porque nem se lembrasse do que havia feito, talvez porque estivesse envergonhado, ou, quiçá por medo.

É que o menino-moço-ressaca nem se lembrou que era 20 de dezembro. Talvez nem soubesse que era aniversário de sua cidade. E como haveria de saber, não teve desfile, nem banda, nem salva de tiros. E era domingo, pé de cachimbo e cachimbo é de barro, bate no jarro, jarro é valente, bate na gente... Voltou para a cama e curtiu a sua ressaca.

E se não fosse domingo, o vinte de dezembro seria como um dia qualquer e ele estaria trabalhando numa loja qualquer, ganhando o mesmo dinheiro que vale a mesma coisa tanto no dia útil como no feriado. Da mesma forma não haveria desfile, não haveria banda, não haveria salva de tiros. Afinal, para que salva se muitos não saberiam o por que?

Na segunda, o menino-moço refeito do primeiro porre foi para o trabalho normalmente, completamente sóbrio, mas teve a infelicidade de torcer o pé num buraco enorme da feia calçada defronte a loja de seu patrão.

O 20 de Dezembro ²⁸

No Cartório do 2º Ofício de Dourados, encontra-se cuidadosamente guardado um Livro de Atas de relevante importância histórica. Nele estão contidas as Atas de Instalação do Distrito de Paz de Dourados e a da Emancipação do Município.

A instalação do Distrito de Paz ocorreu aos 24 de fevereiro de 1915 e a emancipação do Município deu-se vinte anos depois, em 20 de dezembro de 1935. Em 1977, graças à gentileza do Sr. Marcos Fioravante, que me cedeu o original, fiz publicar a Ata de Instalação do Distrito de Paz na revista Textos, órgão de divulgação científica da UFMS/Dourados. Minha intenção era publicar no número seguinte da Revista a cópia da Ata de Instalação do Município, o que nunca ocorreu porque a revista não foi mais publicada (fica a sugestão de publicação para revistas e jornais, principalmente agora que existem tantas facilidades graças aos meios oferecidos pela informática).

Transcorridos 67 anos de sua fundação, Dourados, até aproximadamente o seu cinquentenário, foi palco de intensas manifestações comemorativas. Nos últimos vinte anos, no entanto, a empolgação que havia outrora foi gradativamente perdendo força. Ir às compras no Paraguai virou moda e com isso sofria o comércio local que passou a abrir suas portas no dia do aniversário da cidade objetivando segurar por aqui o dinheiro que recheava as burras coreanas, chinesas e dos próprios paraguaios de Pedro Juan Caballero.

Ultimamente o comércio paraguaio não assusta mais os comerciantes douradenses, mas eles insistem em manter as portas abertas. Alegam que o dia 20 é próximo do Natal e que o prejuízo com o fecha-

²⁸ Escrita em 16/12/2002, postada no site www.biasotto.com.br: crônicas 2002.

mento das lojas é muito grande. Preferem os comerciantes, oferecer o dia 26 como compensação aos funcionários.

Não deixa de ser justa a reivindicação dos comerciantes, afinal se é um sacrifício para o comerciário trabalhar no feriado, não deixa de ser prazeroso para os que estão folgados irem às compras.

Por outro lado cresce nos últimos anos um movimento cívico-tradicionalista que pretende a recuperação das comemorações alusivas ao aniversário da cidade, com a volta dos desfiles, gincanas e outras atrações, visando despertar nos moradores da cidade o amor pela terra onde vivem.

Portanto não deixa de ser justa também a reivindicação daqueles que desejam homenagear os pioneiros da cidade bem como manter aceso o espírito cívico.

Com a organização desses dois partidos, cresce a pressão sobre os vereadores para se posicionarem-se favoráveis ou contrários à abertura do comércio no dia do aniversário. E todo ano, ao aproximar-se o aniversário da cidade o filme se repete.

Paira, no entanto, sobre as cabeças dos vereadores uma dúvida cruel. Se optarem pelo fechamento do comércio poderão ser taxados de provincianos. Se optarem pela abertura poderão ser chamados de neoliberais, preocupados unicamente com o lucro e não com as tradições culturais.

Só há uma certeza: os políticos não podem mais protelar e têm que buscar uma decisão sobre o assunto. O melhor a fazer, como já foi sugerido por diversas personalidades locais, é entregar ao povo de Dourados o direito de tomar definitivamente uma decisão sobre o caso. Promovamos uma grande audiência pública na qual se abra espaço para a defesa das duas posições e posteriormente realizemos um plebiscito para que livre e democraticamente os douradenses possam se manifestar. E que seja feita a vontade soberana do povo.

Como talvez seja grande a dificuldade para se escolher simplesmente entre abrir e fechar o comércio, talvez possam ser postas propos-

tas alternativas para serem votadas, a exemplo dos shoppings que abrem a partir das 14 horas aos domingos e feriados.

E, da mesma forma como poderemos encontrar alternativas para o capital, ou seja, para que os comerciantes tenham seus lucros garantidos, haveremos de encontrar também soluções para que o trabalhador não seja penalizado com excessiva carga de trabalho.

Qualquer que seja a solução vamos empenhar-nos para que o 20 de dezembro seja lembrado e festejado condignamente. Seria uma imensa ingratidão não tirarmos um dia sequer do ano para agradecer e louvar essa maravilhosa cidade que nos acolheu.

Em crise, o Império ataca ²⁹

Em 1974, logo quando cheguei em Dourados, um estudante de Letras do CEUD/ UFMS perguntou-me se a crise que o mundo ocidental experimentava àquela época poderia levar à derrocada do capitalismo.³⁰

Não, respondi enfaticamente. Os Estados Unidos ainda têm muito gás.

Com o passar do tempo esse ex-aluno, que é meu amigo até hoje, foi se convencendo de que o fim do capitalismo estava deveras longe. No entanto, em 1989, desanimado com o novo fôlego que o capitalismo puxava com a queda do Muro de Berlim, marco histórico do fracasso do socialismo real, pareceu-lhe que o declínio do Império norte-americano estava ainda mais longe.

De fato, os Estados Unidos continuaram a exercer a hegemonia, e todo o mundo capitalista que gira em sua órbita respirou aliviado com o fim do socialismo real. Em Washington gestou-se rapidamente um novo modelo de liberalismo econômico que convencionou chamar-se “neoliberalismo”.

Historiadores engajados na defesa do capitalismo apressaram-se em seguir os conceitos do colega norte-americano, com nome de japonês, Fukuiama, que “profetizou” o fim da história. Comercializada e comentada no mundo todo, a obra de Fukuiama, “ O fim da história”, tinha a intenção de demonstrar que não havia mais espaço para se pensar na possibilidade de se construir uma sociedade com outros fundamentos que não os do capitalismo.

²⁹ Publicada no Dourados News em 01/03/2003.

³⁰ A crise referida iniciara-se em 1973 e ficou conhecida como a “crise do petróleo”.

Como se percebe a obra constitui-se numa das análises mais equivocadas que se conhece na historiografia universal. Tanto é verdade que hoje vemos que a política econômica neoliberal não logrou impor-se com o mesmo êxito do liberalismo implantado a partir do século 18. A perversidade embutida nessas políticas econômicas excludentes encontrou, em suas respectivas épocas, sociedades com níveis civilizatórios bem diferentes e hoje, podemos constatar que o neoliberalismo, apesar de ter provocado estragos monumentais em países de todo o mundo (Brasil, Uruguai, Argentina que o digam), já perdeu o seu vigor.

O maior perdedor com o fracasso do neoliberalismo foram os Estados Unidos que não conseguiram impor ao mundo um novo “modus operandi” que dispensasse a guerra para o exercício da sua hegemonia.

Fracassado o “Consenso de Washington”, ou, ao menos enfraquecido, pois não se deve esquecer que a imposição da ALCA (Área de Livre Comércio das Américas) é um dos tentáculos daquele enorme polvo, o Império volta-se contra o Iraque, o detentor de uma das mais ricas jazidas de petróleo do mundo.

Não se trata de desarmar o Iraque, de conter uma iminente ameaça ao mundo. Se esse fosse o real objetivo, a ONU (Organização das Nações Unidas) poderia e deveria constituir uma força internacional porque tem poderes para tanto. N os Estados Unidos querem por que querem atacar o Iraque, independente de toda a demonstração de boa vontade que Sadan Hussien tem demonstrado ou que venha a demonstrar. Os Estados Unidos querem um ataque ao Iraque por três razões principais: a) para assenhorearem-se da política petrolífera do oriente; b) para alimentarem com milhões de dólares a sua indústria bélica e, por via de consequência, manterem baixo o índice de desemprego em seu território e c) abrirem caminho para a sua vocação imperialista uma vez que se atacarem sem o apoio da ONU esta instituição estará desmoralizada e não terá forças para intervir em outros conflitos. Nesse sentido já se pode vislumbrar os próximos alvos: Irã e Arabia Saudita.

Felizmente, o processo civilizatório atingido pelo mundo atual, o avanço da cidadania, está provocando reações contrárias a um ataque ao Iraque em todo o mundo. Manifestações fortes, milhões de pessoas saindo às ruas pela paz. Portanto, se apesar de todas essas manifestações, os Estados Unidos ainda insistirem na promoção da guerra, mau sinal. Ruim para o Iraque que não terá como resistir, pior para os Estados Unidos que mostrarão a sua fraqueza de não darem conta de resolver os seus problemas sem apelarem pela guerra. De lambuja, atrairão sobre si ainda mais ódio do que já carregam.

A guerra contra o Iraque, se ela ocorrer, será um marco para a decadência da hegemonia norte-americana. Decadência que poderá resistir ainda por mais uns cem ou duzentos anos, ou que poderá ruir rapidamente, como o Muro de Berlim, se se seguirem a Bush mais dois ou três presidentes tresloucados como ele.

É nosso dever de cidadãos (vereadores, deputados, senadores, senhoras e senhores) utilizarmos-nos do espaço que tivermos, por menor que seja, para levantarmos as nossas vozes em favor da paz mundial.

Em busca da Paz Universal ³¹

Cai definitivamente a máscara. O neoliberalismo não significa outra coisa senão a universalização da exploração perversa imposta ao restante do mundo pelo Consenso de Washington. E, pior, se algum país se negar a submeter-se ao jugo norte-americano: guerra.

E eu, que pensei que o terceiro milênio fosse consagrado à paz, ainda posso sorrir. Alegro-me por não estar só, milhares de pessoas, de diferentes credos, de diferentes raças, de diferentes costumes, manifestam-se diariamente em defesa da paz.

E eu, que sonhei com um mundo melhor para meus descendentes rejubilo-me com minhas companhias. Em todo o mundo o processo civilizatório avançou de tal maneira que mesmo no interior dos países beligerantes, apesar de toda propaganda midiática, há manifestações espetaculares contra a guerra.

E eu, que um dia imaginei o esperanto como fator universalizador, percebo hoje, com muita clareza, que a natureza humana, se sobrepõe às criações do homem e que, graças a ela, somos capazes de universalizar muito mais que uma língua falada ou imaginada. Podemos universalizar outras coisas maravilhosas, como a música, o futebol, o amor, a solidariedade, a paz.

E todos aqueles que acreditaram em governantes, mesmo nos raros estadistas, haverão de compreender que o avanço da democracia e as manifestações de massa podem ser mais importantes do que presidentes-representantes de interesses predominantemente econômicos.

Pelas manifestações ocorridas durante as duas últimas semanas, pelas manifestações que ocorrerão na semana vindoura, inclusive em

31 Publicada no Dourados News: 28/03/2003.

Dourados, é que podemos continuar sonhando com um mundo mais justo, mais civilizado, onde as pessoas possam viver mais felizes.

É bom que nos manifestemos, que nos organizemos, que saibamos da nossa força: o boicote internacional a produtos norte-americanos, por exemplo, pode resultar em um abalo muito maior à economia que o provocado por uma bomba inteligente.

Por falar em bomba inteligente, quem sabe os norte-americanos não se convençam de que seria mais importante, útil e civilizado colocar uma dessas bombas na cadeira presidencial da Casa Branca.

De qualquer forma, conformemo-nos por hora. A história já nos mostrou muitos governantes tresloucados. Nero, Calígula, Hitler, Pinochet. Bush, Blair não serão os únicos. Outros ainda haverão de aparecer. A diferença é que a cada dia há menos espaço para esse tipo de gente.

Ah! Sadam Hussein? Oxalá seja também uma espécie em extinção. O avanço do processo democrático em todas as partes do mundo, haverá de sobrepor-se às tiranias. E se essa democracia não for imediatamente universalizada, se a paz não for imediatamente obtida, ao menos que seja motivo constante de nossas preocupações, de nossa luta, de nosso sonho.

De volta à Idade Média: entre a gleba e o capital ³²

Longe de mim qualquer tipo de comparação entre o modo de produção capitalista e o modo de produção feudal. Cada período histórico com as suas características próprias. O que me chama a atenção é a continuidade ininterrupta da exploração do homem pelo homem ao longo de todo o processo histórico, inclusive e marcadamente em nossos dias. Essa exploração é o que justifica o título.

Na Idade Média a produção agrícola assentava-se em um sistema de arrendamentos da terra que fazia do arrendador um senhor e do arrendatário um servo. O servo medieval diferia do escravo da antiguidade e da Idade Moderna, ele não podia ser vendido, n ele era fixo à terra, à gleba, e daí não podia sair. Não obstante essa distinção, o servo da gleba, principalmente os de mais baixo nível, tinha uma vida paupérrima. Do que produziam com pouco ficavam. Os direitos dos senhores eram escorchantes. Se as safras fossem cheias era possível alimentar a prole com um pouco de vinho e pão preto. Se o comportamento climático não favorecesse era a fome.

Claro que temos acima uma generalização do problema, havia servos não tão miseráveis e nem todos os homens pobres eram necessariamente servos, homens livres, na Idade Média, conviviam com as dificuldades daquele tempo.

Quinhentos anos após o fim do período medieval o que é que temos no que diz respeito à produção agrícola?

A liberdade, dirão uns, Educação, dirão outros. A faculdade de vender ou comprar a nossa propriedade agrícola. Claro, claro que os tempos mudaram. Estou apenas insistindo na exploração do homem

32 Postada no site www.biasotto.com.br: crônicas 2005

pelo homem. Nesse sentido as coisas até pioraram um tanto na medida em que a exploração se faz de modo muito mais dissimulado. N ao invés de um senhor, temos vários, mas que, no final, se rendem todos ao deus “capital”.

Tomemos por exemplo os produtores que trabalham em sistemas que convencionou-se chamar de integrados, seja para a produção de leite, frango, porcos, peixes.

O “senhor feudal” da atualidade fornece tudo o que o produtor necessita. Desde que seja integrado a um sistema, tem o crédito para construir galpões, pocilgas, tanques, o que for preciso, com financiamento bancário. Pronta a infraestrutura, o “produtor” recebe os filhotes, a ração e o próprio caminhão da firma vai à sua porta buscar o produto pronto.

Na hora da entrega o “produtor” fica sabendo quanto vale a sua ave, o seu porco, o seu peixe, o seu leite. Então, se a dedicação nos cuidados com a criação foi integral, se tudo correu bem, se não houve nenhum acidente, o produtor consegue pagar as contas e ainda tirar um ou dois salários mínimo para a sua subsistência.

Havendo algum infortúnio, a culpa recai única e exclusivamente sobre o produtor, que vai acumulando dívidas sempre à espera de melhoras.

Com produtores de soja, milho, cana, ou outras monoculturas, não se passa de forma diferente. Muda apenas o senhor que passa a ser a loja de implementos e insumos agrícolas. Em última instância o banco.

No final das contas, como na Idade Média, existe hoje uma relação de laços de dependência. Na Idade Média a dependência era de homem para homem, hoje é de homem para instituição. Às vezes a revendedora, outras a firma que recebe os produtos, outras vezes ainda o banco. Na Idade Média, no topo da hierarquia encontrava-se o rei. Atualmente no topo estão firmas multinacionais. Ao rei podia-se ao menos pedir clemência, ele tinha um trono, onde podia ser encontrado, tinha uma cara que podia ser vista, tinha coração.

Hoje, domina a frieza dos números. A rigidez do limite de crédito. A impossibilidade da clemência. O deus capital é o mais exigente dentre todos os deuses. Não basta que lhe consagremos um dia da semana. Temos que nos curvar aos seus dogmas todos os dias, todas as horas. Assim é o capitalismo, o mais inclemente dos deuses.

A subprime brasileira ³³

A *subprime* refere-se a um sistema de empréstimos de alto risco implantado nos Estados Unidos especialmente para o financiamento e (re)financiamento de moradias. Esses financiamentos têm como garantia o próprio imóvel. Aqui no Brasil já li manchete de jornal denominando de *subprime* os financiamentos de carros. Não deixa de ser, pois, no momento em que o governo abre mão da arrecadação de impostos para incentivar a produção, de alguma forma está subsidiando os financiamentos que têm os próprios carros como garantia. Os resultados dessas ações são conhecidos: nos Estados Unidos a inadimplência imobiliária deu origem à crise financeira que ganha contornos internacionais e no Brasil já são cerca de cem mil veículos retomados pelos bancos.

Desses fatos inferimos inicialmente que os governos do mundo contemporâneo, diante de uma crise considerável, cada qual a seu modo, procuram evitar uma depressão e, ao mesmo tempo, auxiliar no desenvolvimento do país injetando recursos públicos seja na sustentação do sistema financeiro - que garante o crédito - seja no socorro às indústrias que geram emprego. Destarte está completamente inviabilizada a onda neoliberal - o endeusamento da livre iniciativa - que surgiu após a queda do Muro de Berlim que decretava até mesmo o “fim da história”. Keynes, que sobrevivia apenas na Europa, renasce agora nos Estados Unidos como a fênix. A sua teoria de intervenção do Estado na economia, que tanto contribuiu na superação da crise de 1929, volta a ser ensaiada na terra de tio Sam embora o próprio povo norte-americano atribua a culpa de seu fracasso à sua incompetência pessoal. Famílias inteiras que perderam as suas casas e que moram na rua ou em motéis

33 Publicada no Dourados Informa e Dourados News: 26/03/2009.

à beira das estradas, graças à caridade de algumas instituições, mesmo assim, não se convencem totalmente de que o culpado pela situação é o sistema e não a sua falta de competência (na acepção de competição).

Essa mentalidade – o modo capitalista de pensar - arraigada ao longo de séculos no imaginário social da população gera esse tipo de distorção que é agravado pela defesa do sistema capitalista pela burguesia e pelos governos que a representam. É compreensível, nesse contexto que Marx não seja lembrado e que mesmo a teoria keynesiana seja adotada a contragosto das elites econômicas do mundo ocidental. Mas é que o neoliberalismo se apagou e mesmo o liberalismo à Adam Smith já não faz sentido.

De qualquer, forma toda a superestrutura gerada pelo modo capitalista de produção trabalhará na busca de superação da crise que ora se apresenta. Claro que isso tem um preço e embora não me dê ao trabalho de pesquisar o total que os governos já injetaram para salvar especialmente bancos, tenho a noção de que já foram gastos em torno de 4 trilhões de dólares, sem contar ações indiretas como redução de impostos dentre outras.

De onde sai esse dinheiro? Ora, nós sabemos, mais uma vez na história do capitalismo, está havendo uma socialização das perdas, ou seja, bilhões de pessoas pelo mundo afora estamos dividindo entre nós os prejuízos. É justo?

Circula um e-mail na Internet onde se faz o seguinte cálculo: se tomássemos apenas os 700 bilhões de dólares que os Estados Unidos injetaram no início da crise em bancos e indústrias e dividíssemos entre os 6 bilhões e setecentos milhões de habitantes do planeta Terra teríamos 104 milhões para cada um. Seguindo o mesmo raciocínio se dividirmos os 4 trilhões teremos a significativa importância de 628 milhões de dólares para cada habitante da Terra. Já pensou? Quase 1 bilhão e meio de reais em nossas mãos?

Claro que as coisas não são simples assim. Não faríamos nada para melhorar a crise se dispuséssemos dessa importância. Mas embora

o raciocínio seja enviesado, convenhamos: a distribuição de renda no mundo está muito mal feita. Fomos incapazes até agora de estabelecermos governos que harmonizassem melhor a distribuição da riqueza produzida no mundo. Se somente os 4 trilhões divididos promoveria mais igualdade entre a humanidade, imaginemos toda a riqueza da Terra sendo melhor dividida? Com certeza estaríamos bem próximos do paraíso terrestre.

Mas voltando ao foco inicial dessa crônica: a *subprime* brasileira. Seria mesmo o financiamento de veículos a ponta do iceberg? O que temos n é a culminância de um processo, o esgotamento do que chamamos de “capitalismo financeiro”, a fase mais aguda da exploração do trabalho pelo capital. Quer dizer, a acumulação de capital pela classe dominante – representada nos organismos financeiros - foi tão agressiva que levou a um desequilíbrio social muito forte. A lógica desse sistema é muito perversa porque você pensa que tem algo sem realmente ter de fato. O carro é financiado em seis anos. Se o cidadão tiver a felicidade de cumprir com o pagamento, ao termino desse prazo terá inevitavelmente que trocar de carro e financiará outro por mais seis anos. A casa é financiada por trinta anos, quase uma vida. A ilusão de ter uma casa própria se acaba se o cidadão (a exemplo do cidadão norte-americano) não puder honrar com as prestações.

Pior ainda que o financiamento do carro e da casa é que as atividades comerciais, industriais e agropecuárias não fogem a essa regra. Os pequenos produtores, seja de que ramo de negócio for, transformaram-se em servos do capital. Atingimos o refinamento do feudalismo medieval, somos vassalos do capital financeiro. Usamos o termo refinamento porque os senhores do capital conseguiram dissimular a vassalagem. Por exemplo, avicultor e o suinocultor recebem financiamento para instalar suas respectivas granjas. Isso os compromete com o financiador, para o qual terão que entregar o produto até o término da dívida. Mas, descapitalizado, recebe a ave ou o porco, conforme o caso, depois a ração. Enfim, ao entregar produto a sua margem de lucro é tão pequena que

mal paga a mão de obra que utilizou. E se houver um imprevisto o risco é do produtor. Da mesma forma ocorre com o agricultor, seja sojicultor, triticultor ou plantador de milho.

Esse jogo na agropecuária está sendo praticado há trinta anos. Quando vem uma boa safra ao invés de haver uma capitalização dos produtores rurais o que há é, pura e simplesmente, a recuperação de seu crédito junto aos organismos financeiros. E não é segredo para ninguém, na própria Bíblia está escrito que José decifrou os sonhos do faraó egípcio dizendo que as sete vacas gordas representavam sete anos de abundância e as magras os anos de miséria. Nessa época foi possível ao faraó encher os celeiros egípcios para prevenir-se da futura crise. Na atualidade enchemos as burras dos bancos que não têm dó nem piedade.

Mas, o que vale ressaltar é que não somente o financiamento de carros constitui-se na subprime brasileira. Lojas comerciais têm ganhado mais com a cobrança de juros das prestações que propriamente com a venda de produtos. Como a inadimplência é alta os juros são cada vez mais elevados para compensar as perdas. No que se refere aos financiamentos agrícolas também passaram a ser de alto risco. Tanto é verdade que até mesmo o Banco do Brasil, que é tido e havido como banco de fomento do desenvolvimento rural, tem restringido o crédito para os agricultores que passaram a lançar mão de financiamentos diretamente das firmas revendedoras (normalmente multinacionais), a juros exorbitantes. Não há quem aguente.

A luz no fundo do túnel é a reunião do G20 que acontecerá nos próximos dez dias. Devemos esperar que essa luz não seja um trem que nos atropela, mas sim medidas que reprimam a selvageria financeira a que estamos assistindo e valorize mais o trabalho e a produção. Não será com empréstimos fáceis que haveremos de usufruir dos maravilhosos bens que nos são oferecidos hoje pela avançada tecnologia disponível, mas sim com uma distribuição mais justa da riqueza.

Tênue é essa luz no fundo do túnel. Mas há luz.



DOURADOS-MS, TERÇA-FEIRA, 02 DE SETEMBRO DE 1997

Wilson Valentim História

Biasotto*

LEITURA DE CIVILIZAÇÃO Pompeu

entrar, vemos, invariavelmente, no mesmo lugar, sentada em sua cadeira, uma figura doce, de olhar meigo, com a cabeça coroada de melancias brancas como a paina. É Dona Ercília.

Fui visitar-lhe esses dias, apresentar-lhe uma de minhas alunas que fazem pesquisa de iniciação científica. Conversamos. Disse-lhe que coleciono entrevistas suas desde

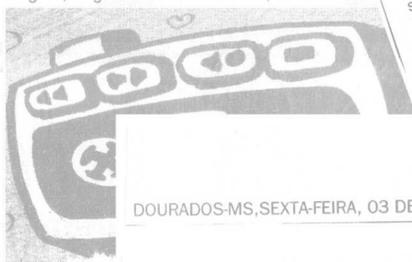
só pelas histórias contadas, ma principalmente pela figura humana de Dona Ercília. Tento contê-la, explico-lhe fundamentos científicos: a emoção, o deslumbramento não devem sobrepor-se à objetividade da ciência, mas como não se deixar apaixonar...

E Dona Ercília, uma enciclopédia viva sobre a história de Dourados, vai contando com sua voz pausada: "...daqui até Rio Brilhante era um dia de viagem, a gente saía bem cedo, à

"UMA ENCICLOPÉDIA DA HISTÓRIA DE DOURADOS"

vida sobre os pioneiros, a Colônia Federal, da Mate Laranjeira, a passagem da Coluna Prestes etc, etc.

1975. Ela sorri. Digo-lhe que desta feita pretendemos fazer uma longa entrevista com ela. Queremos o seu testemunho de



DOURADOS-MS, SEXTA-FEIRA, 03 DE OU.

BADO/DOMINGO, 20/21 DE SETEMBRO DE 1997

Realiza-se durante esta semana, de 1 a 7 de setembro, o primeiro curso de história da África, no CEUD/UFMS. Foram necessários vinte e quatro anos de existência do curso de História em Dourados para que pudéssemos dedicar uma semana para estudar a "mãe África". É muito pouco, ao menos de acordo com os níveis de minhas exigências, mas um bom começo. Mais da metade da população brasileira é negra ou tem sangue negro nas veias, portanto, se não houverem outras razões, somente essa seria suficientemente forte para justificar a presença de uma História da África não só no curso de História do CEUD mas em todos os cursos de História. Não creio que os cursos curriculares para os cursos de História devam ser produzidos de modo de produção capitalista. Seria valorizar demais esse sistema político, econômico e social que a sociedade humana encerra em seu destino um determinado modo de história... Compreende

Terminar Biasotto*

Termiteiras em tempos

Minha colega mostrava-se surra graças a uma b presa por aquelas moradias. Parei Com um pedaço

TERMITEIRAS S7 RESIDÊNCIAS TÉRMITES ROEDORES

do carro à margem da rodovia para uma aula prática. Apesar de leigo no assunto, com certeza, sabia mais que ela. Então, como em terra de cego quem tem um olho é rei, fiz dizendo-lhe que os cupins corrigiam dar aquela consistência à te.

Wilson Valentim Biasotto* Tudo porã

EMMANUEL MARINHO BRINCA COM AS PALAVRAS COMO POUCOS

em sua apresentação divi em sua apresentação divi, nha atenção entre ele e o público, desejava sentir qual seria a reação em relação ao espetáculo. Impressionante, as pessoas acompanhavam cada movimento, cada som, e as expressões, por mais fechadas que estivessem, iam, aos poucos, descontraindo-se, até cedem lugar ao sorriso. Emanuel Marinho brinca com as palavras como poucos, transforma-as em versos que saem de sua boca como se tivessem vida. É um poeta que une ação ao pensamento e ao sentimento ao colocar doçura em mesmo

Mário Geraldini foi quem me ensinou o termo há mais de vinte anos. De tão esdrúxulo que é jamais pude esquecê-lo. Uso-o raramente, é verdade, mas o leitor tem o direito de saber como o usei recentemente.

Aconteceu-me de ser o cicrone de dois mestres que proferiam conferências no CEUD/UFMS. Dentre outras visitas levei-os a nossa futura Cidade Universitária, hoje Núcleo de Ciências Agrárias, onde funcionam, além do próprio curso de Agronomia e dos Departamentos de Ciências Exatas e Biológicas e de Ciências Sociais Aplicadas do CEUD/UFMS, a Universidade Estadual de Mato grosso do Sul.

Em nossa viagem, a professora, nascida e moradora do Rio de Janeiro, onde leciona na UFRJ, não conteve a sua curiosidade e perguntou-me o que eram aqueles montículos vermelhos que ela via por toda parte.

São termiteiras, disse-lhe eu, e, para não ser pedante, fui logo explicando que termiteiras são as



DOURADOS-MS, S.

2. CRÔNICAS POLÍTICAS

Magalhães e a história ³⁴

Para nós que sempre nos preocupamos mais com a história que com a política, embora sabendo que a maior parte das páginas históricas escreve-se através da narração e análise dos feitos políticos, torna-se difícil a compreensão clara da campanha do então senador da República, Magalhães Pinto.

Por um lado é sabido que o futuro presidente da República será o General João Batista Figueiredo e nestas condições, conseqüentemente, a campanha de Magalhães Pinto é infrutífera. Por outro lado, todavia, sabe-se que Magalhães tem incomodado sobremaneira aquilo que seria um tranquilo trabalho de aglutinação de forças em torno do nome do General Figueiredo.

Uma recente do senador Magalhães Pinto é a proposta de retirar sua candidatura à presidência em troca da renovação pura e simples do Ato Institucional nº 5. Será que o Senador Mineiro, um dos endossantes do Ato, pretende realmente a volta ao Estado de Direito, ou ingressar na História como todo bom mineiro, na qualidade de democrata?

Não nos compete aqui analisarmos tal questão porque ela já vem sendo há muito destrinchada por vários jornais no âmbito nacional, por jornalistas especializados no assunto. Queremos enfatizar apenas um ponto. Trata-se dos meios da barganha.

³⁴ Trata-se de Magalhães Pinto, senador por Minas Gerais que depois de lançar-se candidato à Presidência da República em 1978 abriu mão de sua candidatura em apoio ao General Euler Bentes Monteiro. Publicada no Jornal de Notícias: 17/05/1978.

Há muitos anos que vemos falar que as trocas no setor político são sempre realizadas dentro do minguado campo das realizações materiais. Agora, entretanto, vemos uma proposta diferente, que foge ao rotineiro: trata-se como já dissemos da troca de uma candidatura por um Ato. Dignificante se o senador tiver realmente condições de concorrer com o General João Batista de Figueiredo, humilhante se Magalhães Pinto pretender pura e simplesmente dar um drible na história.

Agora vem a possível união com líderes do MDB para a pregação em âmbito nacional da campanha pela reabertura política.

Várias nuvens formam-se em nossos céus. Esperamos que chova.

Impossível pacificar a ARENA ³⁵

A última sessão ordinária da Câmara Municipal de Dourados transcorreu num clima de muita paz, como há muito não se via.³⁶ Foi para muitos ouvintes da Rádio Clube uma grande decepção porque na realidade parece que o povo gosta mesmo é de barulho, de ataques e defesas, não importando se estes se constituem em autênticos debates políticos ou em meras acusações de ordem estritamente pessoal. Para outros, mais preocupados com um trabalho sério e dinâmico do Legislativo em prol dos legítimos interesses da comunidade, marcou-se na última sessão o início de uma era de concórdia que só poderá redundar em benefícios a Dourados.

Não acreditamos, sinceramente, que possa haver pacificação em nenhum dos dois partidos existentes atualmente no Brasil. Nem MDB nem ARENA reúnem condições para constituírem-se em partidos políticos realmente unidos em torno de ideais e objetivos comuns, porque ambos congregam elementos oriundos de extintos partidos políticos que tinham de 1945 – época em a maioria deles foram criados – até 1964 – anos em que foram liquidados – solidificado umira filosofia partidária.

No âmbito nacional abundam os exemplos de facções dentro da ARENA que se digladiam como se desconhecem o significado da sigla que é Aliança Revogadora Nacional e não os antigos palcos de lutas dos gladiadores. Os dissidentes aumentam: Severo, Castro, Euler,

³⁵ Publicada no Jornal de Notícias: 25/05/1978.

³⁶ Refiro-me à sessão realizada em 23/05/1978, que transcorreu sem que houvesse provocações, ataques e defesas veementes, como de costume nesse ano em pauta entre situação e oposição, no entanto essa “paz” em si, não é a tônica da crônica, nela estão contidas outras informações importantes.

Magalhães³⁷ e tantos outros que, se unidos, formariam um partido de grande expressão.

Dourados não se constitui em uma exceção à regra.

Duas facções existem e isso não constitui segredo para ninguém; uma liderada pelo ex-prefeito, João da Câmara e outra liderada pelo atual, José Elias Moreira. Não é segredo também que estas duas alas constituem, n, dois partidos distintos e que só coexistem por força das circunstâncias.

O que pode ter havido então pode ser considerado um acordo de cavalheiros, expectativa de melhores dias para Dourados e é isso que, no fundo, interessa porque o povo escolheu seus representantes para trabalharem em benefício de toda a comunidade.

37 Trata-se respectivamente de Severo Gomes (Ministro da Indústria e Comércio), Ribeiro Castro (presidente da OAB), Gen.Euler Bentes Monteiro (gen. do exército brasileiro, que disputou a eleição indireta de 1978 com João Figueiredo, tendo como vice Paulo Brossard) e Magalhães Pinto (senador por Minas Gerais).

Mau início para Harry Amorim Costa ³⁸

As forças arenistas do novo Estado de Mato Grosso do Sul, ou receberam com entusiasmo a indicação do primeiro governador ou acomodaram-se com a designação, uma vez que sabem da irreversibilidade da decisão tomada pelo Presidente da República, ratificada pelo Senado Federal. Os emedebistas, como era de se esperar, pronunciaram-se mais uma vez contrários às eleições indiretas sabendo, contudo que suas palavras têm pouca ressonância.

Era de se esperar, dadas as circunstâncias, que o novo governador não teria problemas maiores em seus primeiros anos de mandato, no que concerne ao setor político porque acreditava-se que receberia adesões das mais variadas correntes que compõe a ARENA. Eis que dia 04 último o partido da situação escolheu para a vaga de senador indireto um nome que não é o indicado pelo Planalto. A reação ainda é imprevisível, todavia não há dúvidas de que Harry Amorim terá problemas políticos, uma vez que a ARENA sul-mato-grossense encontra-se dividida em Ortodoxos e Independentes.

Mas a questão política não é tudo. Falava-se muito, meses antes da divisão, que Mato Grosso do Sul seria o principal beneficiado, uma vez que a grande produção agrícola aqui verificada levaria, indubitavelmente, o novo Estado à industrialização e a consequente projeção em âmbito nacional.

Muita esperança de melhoras existiam, mas a mãe natureza, à revelia do abnegado homem do campo, desamparou Mato Grosso do Sul, provocando significativa perda nas lavouras do arroz e da soja. Isso

38 Publicada no Jornal de Notícias: 06/06/1978.

irremediavelmente trará consequências funestas a toda Economia, ao menos durante o transcorrer deste ano de 1978 e parte do seguinte.

Acreditamos que a crise em Mato Grosso do Sul, dadas as potencialidades deste Estado, será passageira. Resta esperar que o Governo Federal, da mesma forma que auxiliará Mato Grosso, ampare o mais novo Estado da Federação para que Harry Amorim Costa não inicie tão mal seu governo e para que nossa história não comece a ser escrita com pesados déficits.

Os rojões que aqui estrondam... ³⁹

... não estrondam como lá... Era pequeno ainda, mas lembro-me perfeitamente da irritação do meu avô quando, após uma eleição, pipocavam os rojões na porteira de seu sítio. Como bom italiano não deixava barato e trazia à Terra inúmeros Santos que não tinham absolutamente nada a ver com os estrondos. Tirava uns *porcos*... quer dizer blasfemava muito.

É bom que me explique. Em São Paulo, quando eu era criança, e nisso se vão mais de quarenta anos, existiam dois líderes políticos que dividiam a atenção do eleitorado: Jânio Quadros e Ademar de Barros. É provável que em nenhum outro lugar do Brasil tenha existido tanta paixão política envolvendo dois políticos contemporâneos. Não falo do getulismo que talvez tenha revelado uma paixão até mais intensa, porque Getúlio foi um caso para ser analisado em outro contexto. N, em sua época, Getúlio não teve um adversário à sua altura.

Jânio e Ademar não. As disputas entre eles eram palmo a palmo, voto a voto. Até mesmo as piadas que circulavam sobre ambos acabavam empatadas, tanto em número como em gênero. Janismo e ademarismo constituíam-se, portanto, em mais que simples adjetivos qualificativos que distinguiam seguidores daquelas facções, eram adrenalina pura.

Tanto é verdade o que digo que o leitor pode percorrer sua memória e ver se encontra termos de comparação. Aqui em nosso Estado, por exemplo, se fala por acaso em Wilsismo, Pedrismo, Hamorinismo? Dos governos militares nem pensar, castelismo, figueiredismo nem

39 Escrita em 1996 essa crônica foi publicada em O Progresso, no entanto não encontrei a comprovação do dia e mês.

soam bem. E vejam que o próprio Juscelino, apesar da sua grande estatura política, não conseguiu emplacar um juscelinismo.

Voltando ao meu falecido avô, desejo completar dizendo que era janista roxo, fanático, como ademais eram também fanáticos os seus adversários ademaristas. Ora, sua irritação ao ouvir o pipocar dos rojões era justificada: Jânio havia perdido alguma eleição e os adversários ao saltarem os rojões promoviam simplesmente a sua festa de vitória. Talvez não faltasse, é verdade, um tom provocativo, mas tudo bem, bastava esperar uma outra eleição para a revanche. Na hora bastava o xingamento para desabafar.

Bem, essas coisas se davam pelos lados da araraquarense, mais precisamente em Borborema. Em Santo Anastácio, terra do Tetila, não estou certo se se passava da mesma forma, mas é provável que sim. Afinal quando foi despertado pelo estampido de mais de duzentas balas em sua porta, na manhã de 20 de março de 1995, horas após a votação da CPI do Dorgival Ferreira, Tetila disse simplesmente à sua esposa: “são rojões que o pessoal solta à nossa porta para comemorar”.

Passado o susto Zonir, esposa do vereador petista, que é da família Matos, disse-nos em tom de brincadeira: “nem nos tempos dos meus ancestrais as coisas eram assim por aqui”.

Mas apesar do acontecimento ser chocante não creio que a sociedade douradense deva ficar apreensiva. Nossa polícia tem dado provas de grande eficiência quando nossas autoridades são molestadas de alguma forma. Haja vista a rapidez com que desvendou o sequestro da filha do ex-prefeito, Braz Mello e prendeu os sequestradores do neto do governador Wilson Martins. Não será agora que haverá de faltar-nos.

Eleições na floresta tropical ⁴⁰

No tempo em que os animais falavam, o leão, sentindo o peso dos anos, percebendo que seus músculos, outrora tão fortes, já não obedeciam mais com a mesma rapidez aos comandos de seu cérebro, resolveu dar um jeito na vida.

Depois de muito matutar sobre o que fazer chamou para uma conversa o macaco que nessa época já tinha renomada fama de fofoqueiro. Com muito cuidado, para não se deixar trair, afirmou estar cansado da vida que estava levando. Aquilo era vida de cachorro, não de leão. Queria mudar seus hábitos, desejava subir em árvores e saltar de galho em galho para ver mais longe, como o seu amigo macaco.

Foqueiro sim, mas bobo não, é o que deve ter pensado o macaco naquela hora, pois muito rapidamente envidou os seus melhores esforços para demover o leão daquela intenção. Foi usando uma série de argumentos tão lógicos que bastariam para reverter a ideia inicial do leão, mas, preocupado com o que pudesse lhe acontecer, tratou de encontrar um argumento definitivo. Procurou demonstrar ao leão que ele era muito mais útil no chão do que trepado em árvores, sugeriu-lhe então a hipótese de realizar eleições para a escolha de um chefe dos animais e que o candidato ideal seria ele, o leão. Não poderia, portanto, nesse momento mudar os seus hábitos; os eleitores, que seriam todos os bichos, por certo o taxariam de exibicionista e por aí afora.

O leão segurou-se, não podia deixar transparecer que era exatamente isso o que desejava. Depois de insinuar alguma resistência, deixou por conta do macaco toda a organização. Este, dando por barato

40 Publicada em O Progresso: 26/09/1996 e (re)publicada no Dourados Informa e Dourados News em 30/12/2008.

sair-se dessa sem risco de perder a vida, não se fez de rogado e em pouco tempo organizou tudo.

Na véspera da eleição, o Leão convidou a bicharada para uma grande festa. Naqueles tempos isso era permitido, mesmo porque não existia ainda nenhuma legislação eleitoral. E os bichos compareceram em massa: foi um churrasco grandioso. Todos comeram até se arregalar.

No dia seguinte houve a votação, no outro a apuração, o leão era o rei, eleito democraticamente. Somente então, passado o alvoroço provocado pela eleição, os bichos deram pela falta da zebra. Tudo lhes pareceu muito claro e até o burro pareceu não ter dúvidas quanto ao responsável, mas, por medo, ninguém ousou abrir a boca ou o bico. Alguns meteram o rabo entre as pernas, como o lobo; outros se tornaram vegetarianos, como a lebre; a girafa, de tão desconfiada das coisas passou a andar com o pescoço exageradamente esticado; alguns, como o urubu, juraram que somente comeriam carne em estado de putrefação, pois assim saberiam que o bicho tinha morrido por morte natural.

Depois disso passou a ser comum vez ou outra desaparecer algum bicho, mas se mesmo antes do leão ser rei todos já o temiam, imaginem depois de estar investido do poder real.

Nomeações na floresta tropical ⁴¹

Já contei neste espaço a história de uma eleição no Reino da Floresta Tropical, na época em que os bichos falavam e que o leão foi o grande vencedor. Hoje vou lhes narrar o que se passou logo após a realização do pleito, durante os dias que antecederam a grande festa de posse.

Rei leão sentiu sobre os seus ombros o peso de uma grande responsabilidade. O reino era grande e muito maiores os problemas. Era preciso estabelecer regras de conduta; educar a bicharada, nem que fosse apenas e tão somente para respeitar o *status quo*; fazia-se necessário cuidar da segurança, não só pessoal, mas para a manutenção da ordem. Enfim, era imperioso organizar a administração.

Primeira conclusão do leão: sozinho não daria conta de governar, era necessário a organização de uma equipe para ajudá-lo. Então inferiu que a equipe devia ser merecedora de sua confiança; precisava ser competente, porque em última análise era o seu próprio nome que estava em jogo e, finalmente, mas não por ser menos importante, pretendia colocar nos cargos os bichos mais amigos. Aliás, quando chegou a essa conclusão arrepiou-se todo só em pensar no tigre, no jaguar, na pantera e na onça.

Não relato alguns episódios que antecederam a escolha dos auxiliares diretos do rei leão para poupar os leitores, mas houve tanta confusão, tanto arranca-rabo, que até hoje muitos bichos são desprovidos de cauda. E se o elefante tem tromba é porque um gaiato, que queria

41 Publicada em O Progresso: 27/12/1996 e (re)publicada no Dourados Informa e Dourados News em 20/01/2009.

arrancar-lhe o rabo, não percebeu que pegara do lado errado e esticou-lhe o nariz, sem, entretanto ter conseguido arrancá-lo.

Para encurtar a história, depois de muita confusão, o leão constituiu a sua equipe. Não me lembro dela toda, mas mencionando algumas das nomeações o leitor poderá avaliar se houve sabedoria nas decisões. Para cuidar da segurança externa foi nomeada a águia, para assuntos relativos ao saber a coruja, para a comunicação fluvial o lambari, para a área de transporte leve o burro, para transporte pesado o elefante, para a limpeza o urubu. O macaco foi nomeado para o serviço de informação, entretanto, como existem muitas espécies de macacos, foi devidamente esclarecido que seria o macaco prego quem ocuparia o cargo.

Foi nessa época, e por causa dessas nomeações, que surgiu o célebre ditado: “cada macaco em seu galho”.

Soluções para a floresta tropical ⁴²

Um dia escrevi sobre as eleições realizadas no Reino da Floresta Tropical, depois sobre as nomeações, hoje escrevo sobre as soluções encontradas pelo rei Leão para resolver uma das questões mais cruciais existentes em seus domínios: a falta de recursos.

Deitado na relva fresca, sob árvore frondosa, fazendo a sesta, pois ninguém é de ferro, rei leão, entre um cochilo e um arrote, pensava em como superar as dificuldades financeiras do reino.

Seu primeiro pensamento foi no sentido de arrochar um pouco mais a situação dos bichos de classe média, aumentando-lhes os impostos. Desistiu por saber que já não havia classe média em seu reino. Os pobres, por sua vez, já eram miseráveis. Que fazer?

Poderia acabar com a corrupção reinante, todavia isso significava torpedear toda a estrutura que, em última análise, o elevava e sustentava no poder. Rei Leão chegou mesmo a pensar em diminuir o número de ministros e cortar-lhes os privilégios, mas superou rapidamente esse seu estranho pensamento. Sem seus áulicos nem rei seria.

Já estava desistindo de procurar soluções quando seu ministro macaco trouxe-lhe à presença um bicho parecido com uma raposa. Diferia das raposas do reino porque estava bem gorda, tinha os pelos reluzentes e os olhos pequenos, ligeiramente oblíquos e que se dizia de um país muito distante.

Dona raposa, sem perda de tempo, foi logo ao assunto: desejava comprar uma árvore daquela floresta, inexistente em seu reino.

Rei Leão pediu um tempo. Mandou hospedar dona raposa com todas as honras e pôs-se a arquitetar um plano. Uma árvore? Que me

42 Publicada em O Progresso: 31/05/1997.

adianta vender uma árvore? É certo, pensava o rei, que podia vender muito caro, afinal a árvore desejada era um mognum, uma árvore rara. Mas esse caro acabaria sendo pouco para resolver os seus problemas.

Pensando, pensando, rei Leão animou-se e convocou uma reunião extraordinária com seus ministros. Expôs-lhes sucintamente a situação: o reino acumulara enorme dívida interna e não menor dívida com outros reinos vizinhos; dos bichos subalternos já não tinha mais nada a tirar. Que fariam?

Com calma, usando palavras brandas foi argumentando e, ao mesmo tempo dando forma à seguinte proposta: venderiam a árvore desejada, mas para não terem trabalho em localizá-la venderiam também metade da floresta. Como a floresta era grande e eles não tinham tempo de verificar o que de fato havia, junto com a árvore e com a floresta, venderiam tudo o que se encontrasse em seu interior.

Mas não pense o leitor que Rei Leão e sua Corte eram bobos. Ao proporem a venda de todas as coisas que se encontrassem no interior da floresta tinham pensado em mandar para lá todos os bichos sem dentes, sem tocas, sem cascos, sem comida, sem educação, enfim, todos os incapazes, frágeis, inoperantes, que eram em última análise os verdadeiros responsáveis pelo precário estado do Reino.

Menos boba era a embaixatriz Raposa que viera disposta a pagar dois tostões por um único mogno e acabou comprando meio reino por três.

Nefandas permanências ⁴³

Já se vão mais de quarenta anos desde que Armando Campos Belo e Nelson de Araújo disputaram uma das mais concorridas eleições para a escolha de prefeito de Dourados, mas ainda hoje, se comenta uma interessante história ocorrida àquela época.

Campos Belo, declarado derrotado após a apuração, ficou inconformado, entendia que o resultado das urnas era diferente do anunciado. Recorreu então à Justiça e ficou esperando pelo resultado. Enquanto um aguardava o outro governava. Nelson de Araújo iniciou o seu mandato em 1951 e administrou o município até 1955, portanto durante quatro anos. Somente quando faltava apenas um dia para o término de seu mandato é que a Justiça, finalmente, deu o seu veredicto: Armando Campos Belo ganhara a eleição.

Que fazer? Nada! Absolutamente nada! O mandato para o qual Armando Campos Belo se elegera havia acabado. Ganhou mas não levou. Alguns anos mais tarde, pelo que me consta, Campos Belo foi prefeito de Caarapó.

Não é o caso de questionarmos aqui se Nelson de Araújo fez ou não uma boa gestão. O que nos interessa, no momento, é a discussão sobre a morosidade da Justiça. Naquela época, como se viu, andava no ritmo dos carros de boi. E, como a capital era muito longe, tudo se tornava custoso. Hoje, com a capital bem próxima, com tanta tecnologia, com a informática à disposição e toda uma parafernália de instrumentos legais estaríamos mais bem servidos pela Justiça?

Recorramos à nossa Câmara Municipal. Nessa última legislatura, tivemos ao menos quatro vereadores envolvidos com a Justiça: Azola,

43 Publicada em O Progresso: 29/10/1996.

Bela, Dorgival e Péricles. O primeiro, e único cassado, por algumas confusões que provocou, Bela e Péricles por clientelismo exacerbado e Dorgival por malversação de verba pública. O mandato desses vereadores, como sabemos, expira no dia 31 de dezembro, resta saber se o veredicto da Justiça será dado em tempo.

Aliás, tempo para que? Parece que tudo está como dantes no quartel de Abrantes! N, o veredicto já pouco interessa. O povo, que tem a Justiça para defender-lhe de toda sorte de abusos, acabou sendo mais rápido e já julgou em 3 de outubro: nenhum desses vereadores foi reeleito e também não o foram os contrários a cassação de Dorgival. Todos não. Ficou o Dioclésio Artuzi para contar a história. Mas como o Dioclésio jamais subiu à tribuna para falar é provável que nem a história seja contada.

Enquanto isso, no mundo encantado de FHC discute-se a reeleição, como se isso promovesse, por si, a tão necessária reforma do Judiciário, aumentasse o número de juizes e melhorasse os salários dos servidores da Justiça, para que ela entrasse em ritmo mais rápido que o do carro de bois.

As regras do jogo ⁴⁴

Não esperem que eu lhes diga exatamente quantos anos já se passaram desde que joguei, pra valer, bolinha de gude, que pulei sela ou rodei pião. Faz tanto tempo que já nem sequer me lembrava se o brinquedo feito de madeira, parecido com uma pêra e com ponta pontiaguda de metal, ao qual se enrola uma fieira para rodá-lo, era pião ou peão. Confesso que recorri ao dicionário para certificar-me de que era realmente pião.

Não me esqueci, entretanto das regras existentes para cada tipo de jogo. Brincava-se de várias maneiras com as bolinhas de gude, com os piões ou de pular sela. Quando alguém sugeria que se jogasse triângulo, por exemplo, todos sabiam exatamente o que devia ser feito. Da mesma forma conhecia-se antecipadamente as regras quando se jogava pião ou se pulava sela. Aqueles que entravam no jogo submetiam-se às regras, custasse o que custasse. Muitos saiam de mãos abanando, sem uma bolinha sequer ou um único pião; outros saiam com as costas doendo de tanto selar para que a criançada fosse uma a uma, em fila, pulando sobre o que havia selado, metendo-lhe as mãos nas costas e repetindo as palavras do líder: “uma na mula... amassar pão... rosquinha... pular toco...”. Mas não se tinha do que e nem para quem reclamar, afinal, as regras, embora não fossem escritas, eram claras e, ademais só entrava no jogo quem quisesse.

Não me parece ser diferente com as crianças de hoje. Embora os jogos possam ser outros, as regras continuam existindo e são obedecidas. Crianças, mesmo que pequenas, esperam longos minutos diante do

44 Publicada em O Progresso: 10/01/1997.

monitor de um computador até que o companheiro de jogo passe-lhe o comando do avião de guerra que se lança no espaço virtual.

As crianças têm as suas regras e elas nem precisam ser escritas. Nós, adultos, entretanto, preocupados com a falta de memória ou de decência, precisamos escrever as nossas regras. Não nos basta o uso costumeiro para que a norma fique automaticamente estabelecida: fazemos Leis, Códigos e Constituições. No Brasil mesmo, não faz ainda dez anos, em 1988, foi promulgada a nossa última Constituição. Nela se encontram as Leis Maiores do País, dentre as quais, inclusive, aquela que diz ser o mandato presidencial de quatro anos não sendo permitida a reeleição.

As crianças, pelo que me consta, não precisam jurar para cumprir as regras de seus jogos, os presidentes juram, juram cumprir e fazer cumprir a Constituição. Qualquer tentativa em contrário é, portanto, casuísmo, perjúrio e imoralidade.

Fujimorização à brasileira ⁴⁵

Quando vejo pela televisão, a propaganda para a reeleição do presidente FHC, especialmente aquela em que aparece uma mão em verde e amarelo, fazendo um V da vitória, lembro-me da trajetória de Collor de Mello.

Impressionam-me, aliás, as muitas semelhanças existentes entre ambos. Collor tinha um ar tão autoritário que eu jamais entendi porque a grande maioria do povo brasileiro estava decidida a elegê-lo, como de fato o fez. FHC também não deixa de ter um jeito autoritário embora sua expressão fisionômica não o demonstre de forma tão acentuada quanto Collor. Mas que não lhe desviem o rumo de seus interesses que ele logo mostra as mangas, como fez com diversos deputados que ousaram colocar-se contra o seu sonho de reeleição.

No que diz respeito à moralidade e a ética no trato da coisa pública a diferença que os separa não passa de detalhes. É verdade que o grupo de FHC por possuir uma visão mais ampla e não ser composto de gente tão vulgar cerca-se de uma aura de respeitabilidade, todavia os meios utilizados para aprovar os seus intentos são tão condenáveis quanto quaisquer outras práticas ilícitas. Haja vista o balcão de negócios aberto escancarada e desavergonhadamente para a aprovação de várias emendas constitucionais, inclusive para a sua própria reeleição.

Collor era mais provinciano e o seu grupo de apoio não percebeu que quem os pôs no poder tinha um projeto de longo prazo para ele. Talvez, se tivesse pensado em permanecer vinte anos no poder, como pretende o PSDB, não teria sido tão ávido de metal sonante, não teria

45 Publicada em O Progresso: 25-26/01/97. Empresto a expressão fujimorização de Alberto Fujimori, presidente que impôs ao Peru três mandatos autoritários entre 1990 e 2000.

ido com tanta sede ao pote e, em consequência, poderia ter evitado a cassação.

Ambos são vaidosos ao extremo. Locupletam-se com o poder. Collor, entretanto, contentava-se com uma cascata na casa da Dinda, FHC quer mais, muito mais, quer tornar-se presidente vitalício.

Mas não pensem os leitores que me engano pelas aparências: além, muito além da vaidade pessoal de FHC, existe o Consenso de Washington, que quer implantar aquilo que eles chamam de globalização e nós chamamos de neoliberalismo.

Fiquemos atentos. Tentar-se-á impor a prorrogação do mandato presidencial a qualquer custo. Mesmo se o PMDB conseguir reencarnar o espírito do velho MDB e fizer com que os seus quadros votem contra a reeleição, eles tentarão o plebiscito, tendo por arma o Real. Se o plebiscito não passar farão o que for possível. Assim foi no Chile, na Argentina, no Peru e assim será no Brasil, se nosso povo não abrir os olhos em tempo.

Esquerda carrancuda⁴⁶

Ao ser apresentado a uma jovem senhora não sei quem ficou mais surpreendido: ela, que fazia de mim a imagem de um senhor carrancudo e deparou-se com uma pessoa alegre ou se eu, que não tinha ideia de que algum leitor pudesse manifestar esse tipo de perplexidade ao conhecer-me e mesmo que houvesse alguém imaginando a minha índole com base em meus escritos.

Minha nova amiga, n, segundo me contou, fazia a imagem de que todos os militantes de esquerda fossem pessoas de caras fechadas, chatas, mal humoradas, enfim, pessoas de difícil trato. Influência do pai, talvez, a quem inclusive relataria a sua surpresa em conhecer um esquerdista que fugia aos padrões que estabelecera.

Achar que a esquerda brasileira é carrancuda não é um juízo particular de minha amiga, é uma tendência muito ampla em nossa sociedade. Por quê?

Creio que seja pelo fato de a esquerda ser quase sempre do contra. E isso não deixa de ter um fundo de verdade. Afinal, se a esquerda acredita numa sociedade socialista, é natural que se manifeste contrária aos projetos dos detentores do poder. Isso desgasta, amargura. A cada dia é um golpe que fere, que gera desesperança.

Lembro-me da entrevista de Antonio Callado à Folha de São Paulo, pouco antes de sua morte.⁴⁷ Apresentou-se triste. Não tinha mais razão para viver, cansara. O seu projeto político jamais fora realizado. Seu próprio êxito pessoal não lhe tinha muito sentido. Uma pessoa que pensa o coletivo não se realiza plenamente sozinha.

46 Publicada em O Progresso: 10/07/1997.

47 Antonio Callado faleceu em 28/01/1997.

Callado, mesmo sendo um vencedor, pois tem posição garantida no time principal da intelectualidade brasileira, viveu o paradoxo de ser sempre derrotado ao longo de seus oitenta anos. Derrotado pela ditadura Vargas, pela doutrina de segurança nacional do regime militar, derrotado enfim, numa visão mais ampla, pelas estruturas capitalistas que impõem a exclusão de amplos setores da sociedade.

As pessoas não são carrancudas por serem de esquerda. Alegria e tristeza, assim como outros sentimentos, são da própria natureza humana. As pessoas ficam carrancudas por não realizarem os seus projetos de vida. Nesse sentido pode ser que a esquerda reúna realmente mais gente carrancuda. Talvez fosse melhor dizer pessoas amargas.

Você não ficaria carrancuda, minha amiga, se já velha, ao final da vida, olhasse para trás e constatasse que o seu combate (la vie c'est un combat – a vida é um combate) foi totalmente infrutífero?

Mas não nos culpemos, não foi, afinal, somente para Drummond que um anjo torto apareceu e disse-lhe para ser *gauche* na vida.

Faltava o fosso ⁴⁸

A escolha dos reitores das universidades públicas federais se dá através do encaminhamento, ao ministério da educação, de lista tríplice, constituída através de eleições dentro da instituição. Legalmente o presidente da república tem o direito de escolher, para reitor, qualquer um dos nomes indicados na lista tríplice, todavia, desde o fim da ditadura militar, é costume indicar-se o primeiro colocado.

Recentemente, entretanto, o presidente quebrou essa tradição deixando de nomear para reitor da UFRJ o prof. Aloísio Teixeira que obteve esmagadora maioria dos votos, optando pelo terceiro colocado, José Henrique Vilhena.

Duvido muito que os telejornais estejam noticiando, mas estudantes, professores e funcionários da UFRJ, indignados com esse ato, ocupam a reitoria daquela universidade, impedindo a entrada do reitor nomeado. Um jornal, a Folha de São Paulo, qualificou de “estudentada grosseira” aos que tentam impedir a posse do novo reitor. Este conceituado jornal esqueceu, no entanto de esclarecer que a atitude do governo é, no mínimo, provocativa. Não bastasse ter levado os docentes do ensino superior a uma greve nacional, procura agora minar a democracia que se vinha conquistando no meio acadêmico.

Atitudes dessa natureza são autoritárias e retrógradas e só se tornaram possíveis graças à perigosa união do centro e da direita em torno da figura de Fernando Henrique. Sem contarmos o perigo nazifascista que ronda nessas circunstâncias, essa união transforma o presidente em

48 Publicada em O Progresso: 10/071997. O título da crônica é uma referência à ideia do senador Antonio Carlos Magalhães que propôs a construção de um fosso em torno do senado. De tão esdrúxula a proposta morreu no nascedouro.

verdadeiro déspota que poderá inclusive reeleger-se. Recursos não faltarão e nem uma imprensa seduzida, capaz de agigantar pequenas boas obras e acobertar as grandes más ações.

Por outro lado a recente declaração do ministro do TSE, Ilmar Galvão, de que a eleição de FHC em primeiro turno facilitaria o trabalho da justiça eleitoral, longe de ser uma frase fortuita ou um destempero verbal, mostra de que lado esta a justiça eleitoral. Essa posição, aliada aos sonhos de políticos governistas, de implantarem o parlamentarismo, gera a expectativa de FHC vir a ser primeiro ministro.

Pobres Braganças que acalentam o sonho de restaurar a monarquia no Brasil para recolocarem a coroa na cabeça de um herdeiro de D. Pedro II. Se esses sonhos de reeleição e de parlamentarismo se realizarem, o monarca haverá de se chamar Fernando, já conhecido como príncipe dos sociólogos. Princesa também já a temos há alguns dias: é Sasha de Xuva.

Vivemos um outro samba do crioulo doido. A princesa, que poderia ter sido filha de rei (do futebol) e de rainha (dos baixinhos), nasce bastarda, sem poder pleitear, por via de consequência, a sucessão do rei Fernando. Mas isso pode mudar, estamos no Brasil, o país onde tudo é possível, até mesmo a execução do projeto de um conde gordo, conhecido por Toninho Malvadeza, que prevê a abertura de um fosso para proteger a distinta nobreza palaciana.

Protejam-se nobres desse medieval país! A plebe vagabunda e neoboba poderá adentrar em seus palácios com seus fedores característicos, seus jeitos rudes e suas vontades primitivas de alimentarem-se.

O debate e a democracia ⁴⁹

Na terça preparava-me para sair de casa, com uma crônica de baixo do braço (sobre debate político e democracia), com destino a redação deste jornal, quando li que haverá um debate nesta quinta, envolvendo os candidatos que disputam o governo de Mato Grosso do Sul. Confesso que é com muita satisfação que substituo as severas críticas que tecia a respeito da ausência de debates, por elogios, tanto aos candidatos como aos promotores do evento.

Os debates enriquecem a democracia e criam um clima de comprometimento entre os candidatos e os eleitores. Ganha a sociedade em seu conjunto, sem contar que o cidadão passa a ter parâmetros mais claros para decidir.

Mesmo que os candidatos tenham aceitado o debate público por não existir um favorito disparado nas pesquisas, devemos aplaudir a iniciativa. Por outro lado, é lamentável que em alguns estados, candidatos favoritos recusam-se a debater com os concorrentes as suas ideias de governo. E, ainda pior e lastimável, é que no âmbito nacional, o candidato que se diz mais preparado para governar recusa-se a confrontar as suas ideias com as dos adversários.

Sem debates de âmbito nacional; com o instituto da reeleição e suas mazelas; com a grande mídia tomando o partido da continuidade ou, no mínimo, não cumprindo o seu papel de fazer um jornalismo investigativo; com boa parte do eleitorado desejando vender o voto e não faltando candidatos querendo comprá-los; com o ministro do Supremo Tribunal Eleitoral fazendo declarações impróprias ao seu cargo, estava

⁴⁹ Postada no site: www.biasotto.com.br: crônicas 1998.

temendo que essas eleições brasileiras não contribuíssem em absolutamente nada para o aperfeiçoamento democrático.

Dentro desse quadro, o debate anunciado entre os candidatos ao governo de nosso estado dá-me certo alento. Ainda é pouco, é verdade, todavia os índices de audiência haverão de fazer com que a mídia envolva-se mais com o processo de redemocratização brasileiro iniciado em 1985.

Significa dizer que os meios de comunicação, sem tomar o partido deste ou daquele candidato, deveriam contribuir de forma mais incisiva na construção da democracia, abrindo espaços para mais debates, envolvendo também candidatos ao senado, às Câmaras Federal e Estadual.

Jornais, rádios, emissoras de televisão, não descobriram ainda o quanto a sociedade lucraria com a ampliação dos debates ou estão a serviço de políticos incapazes e que por via de consequência fogem do debate?

Eleições 98 (I): Dourados virou a mesa ⁵⁰

Confesso que gostaria de realizar uma avaliação aprofundada sobre as eleições ocorridas domingo passado, pela sua dimensão e importância no processo de consolidação da tênue democracia brasileira. Evidentemente com a devida licença dos cientistas políticos que me permitirão, com certeza, uma breve incursão nessa seara que lhes é muito mais familiar. O tempo (sempre o tempo) me permitirá, entretanto, somente alguns breves comentários, distribuídos em duas crônicas, para as quais peço a atenção do leitor.

Nem o político bem informado, nem o mais sonhador dentre os militantes de partidos políticos esperavam o resultado que Dourados apresentou nessas eleições: Zeca superou as expectativas mais otimistas; Carmelindo extrapolou quaisquer estimativas; João Grandão obteve uma vaga na Câmara Eederal e, pela primeira vez, são eleitos dois deputados estaduais de esquerda, Tetila e Geraldo Resende.

Méritos não faltam a esses candidatos sufragados. O trabalho, a luta, a dedicação e a clareza nas suas opções pelo coletivo, credenciaram Tetila, João Grandão e Resende a esse voo mais ousado. Como vereadores, dignificaram a função política e o cargo público que ocuparam. Distinguíram-se. Construíram suas respectivas carreiras tijolo por tijolo, é verdade que amparados por partidos ideológicos e por uma militância que impunha as suas bandeiras unicamente porque elas representam um ideal.

Mas que dizer de Zeca? E de Carmelindo, que foi sufragado sem que muitos de seus eleitores o tivessem visto uma única vez? Teria

50 Publicada em O Progresso 08/10/1998.

ele merecido tantos votos somente porque o seu suplente, o professor Cláudio Freire, é de Dourados?

Não tenho dúvidas de que Tetila e seus companheiros puxaram votos para os candidatos aos cargos majoritários, mas há um outro aspecto a considerar. É o ostracismo a que foi relegado o município de Dourados. Os douradenses parecem estar querendo mais que a presença de um vice-governador nas chapas dos governantes. Os douradenses querem mais obras públicas, querem respeito. Cansaram-se do bairrismo exacerbado dos governadores anteriores que praticamente só tiveram olhos para a capital.

Sendo correta a minha avaliação, se Zeca vier a ser eleito governador, Dourados deverá merecer um tratamento digno porque depositou nele as suas esperanças. Se, todavia, o restante do estado eleger Bacha, Dourados deverá ser tratada também de modo muito especial porque o alerta está feito, a lição está dada.⁵¹

51 Essa crônica é uma referência à eleição, para o governo do Estado de Mato Grosso do Sul em 1998, que excluiu da disputa em primeiro turno o candidato Pedro Pedrosian e levou ao segundo turno Ricardo Bacha, apoiado pelo então governador Wilson Barbosa Martins e Zeca do PT.

Eleições 98 (II): a democracia ultrajada ⁵²

Disse, na parte I dessas considerações sobre as eleições 98, que Dourados votou massivamente na esquerda tanto pela qualidade intrínseca de seus candidatos como também porque os douradenses cansaram-se do tratamento que o município vem recebendo dos governantes, que lhes dão quando muito as figuras decorativas de um vice.

Hoje desejo abordar algumas questões que em nada, absolutamente, dignificam a democracia.

A primeira delas refere-se à compra de votos. É escandalosa a soma que alguns candidatos gastam para tentarem a eleição. Cito um fato menor. É de conhecimento público que nas vésperas de eleições, boa parte da população de alguns bairros pobres da cidade fazem serão nas calçadas, esperando pelos compradores de votos, através das cestas básicas. É uma festa! Se isso é notório, não bastaria que a polícia ficasse alerta?

A segunda questão refere-se ao comportamento da imprensa. É lastimável que a mídia tenha se posicionado tão escancaradamente em favor da manutenção do *status quo*, especialmente em favor da reeleição de FHC. A grande imprensa, especialmente a televisada, contribuiu para minimizar os efeitos da crise, jogou a culpa no exterior, encobriu as mazelas do plano real, enfim, deixou de fazer um jornalismo crítico e investigativo, para deixar-se, no mínimo, seduzir pelo canto dessa sereia da globalização neoliberal.

Outra questão que não contribuiu em nada para com a democracia foi a participação dos institutos de pesquisa nessas eleições. Esses institutos “erraram” de forma grotesca. Erraram? Quem conhece

52 Publicada em O Progresso: 10-11/10/1998.

do assunto sabe que uma pesquisa bem feita não apresenta margem de erro superior a três pontos percentuais. Que houve então? Mudanças de comportamento dos entrevistados? Aparecimento de dados novos imperceptíveis ainda pelas metodologias utilizadas?

O estranho dessa questão é que em nenhum Estado da Federação, em nenhum momento, esses institutos “erraram” em benefício da esquerda. Aliás, a esquerda sempre foi a grande prejudicada, haja vista os exemplos de Mato Grosso do Sul, onde Zeca sempre apareceu em terceiro lugar (exceto uma pesquisa do Jornal O Progresso, específica para Dourados), Brasília, Rio Grande do Sul e, principalmente em São Paulo, onde Marta Suplicy foi a mais prejudicada. Colocada sempre em quarto lugar a militância de Marta arrefeceu os ânimos e milhares de eleitores procuraram o voto útil contra Maluf.

Não basta que esses institutos estejam desmoralizados diante da opinião pública, é preciso que sejam processados e punidos por terem induzido os eleitores a votarem em candidatos fabricados.

Finalmente, é preciso denunciar, para o bem estar da democracia, que a atitude do Ministro Ilmar Galvão, favorável à (re)eleição de FHC, não engrandeceu em absolutamente nada a Justiça Eleitoral. Se a Justiça é cega, é necessário que seja também muda não se imiscuindo na política partidária, sob pena de perder a sua elevada credibilidade.

É preciso mudar esse estado de coisas!

A cara alegre da esquerda ⁵³

Amigo, me perdoa se não correspondo a sua expectativa de escrever uma crônica sobre a vitória das esquerdas imediatamente após a apuração do segundo turno. Ressaca não houve, as comemorações foram poucas; em primeiro lugar porque não se deve exagerar tripudiando os adversários e, em segundo, porque a alegria da vitória logo cedeu lugar ao peso da responsabilidade que cada militante sente. É como se fossemos o próprio Zeca do PT assumindo o governo. Não exagero. É impressionante! Mas isso não vem ao caso neste momento. O que lhe devo, e agora pago, são algumas considerações sobre o assunto.

Não se desconhece que em Mato Grosso do Sul existem, neste momento, três forças eleitorais de grande peso, uma de esquerda e duas de direita. Embora esse equilíbrio se manifeste também em âmbito nacional, o que se verificou é que no geral a direita uniu-se em torno da figura de FHC, ao contrário daqui, onde o antagonismo das duas forças de direita lançou uma delas para a esquerda.

Essa constatação inicial nos leva a inferir que haverá nos dois próximos anos um esforço concentrado dos três grupos na busca da hegemonia. Essa luta por espaço poderá implicar num realinhamento de forças. Num primeiro momento a direita deverá resistir a uma união (haja vista que alguns políticos já se reacomodam em novas siglas partidárias para a disputa em 2000). Isso porque a direita ainda se sente forte o suficiente para tentar dar a volta por cima, procurando, cada facção por si, tornar-se mais poderosa que a esquerda. Esta, por sua vez, torna-se uma espécie de fiel da balança: sua boa atuação administrativa poderá atrair em definitivo muitos eleitores que por ora votaram em Zeca

53 Publicada em O Progresso: 06/11/1998.

unicamente por rejeição a Bacha. Se, entretanto, a esquerda aumentar muito a sua força provocará a união da direita, se se enfraquece, pouco que seja, não chega a mais nenhum segundo turno. A única conclusão no momento é que parece não haver espaço para o radicalismo, seja de extrema direita ou extrema esquerda.

Mas como não ser radical se o povo anseia por mudanças?

N a questão não encerra nenhum paradoxo. As mudanças desejadas pela população não são de ordem ideológica, mas de ordem ética e moral. Por via de consequência não nos iludamos com a possibilidade de realizações utópicas, estamos dando apenas o primeiro passo de uma longa caminhada.

De qualquer forma será um grande passo! A nossa carta de cidadania nos será devolvida. Os comerciantes preferirão pagar seus impostos. Os professores acreditarão novamente na educação como principio básico para a liberdade. Os trabalhadores em geral haverão de se sentirem dignificados à medida que o suor de seu trabalho for revertido para a edificação do social. Todos nós, afinal, sentir-nos-emos honrados em poder “cobrar” do governo, porque não lhe demos nossos votos em troca de vinte moedas, mas em troca de um programa.

Muito mais haveria para ser dito, limitado, todavia pelo espaço que se dispõe para uma crônica, desejo concluir manifestando outra alegria: tenho ouvido muita gente (do comércio, das profissões liberais, da roça, dos professores, etc.) e noto que ninguém está esperando milagres, e sim mais respeito no trato da coisa pública.

As demais medidas do governo, especialmente nas áreas da saúde e da educação virão como que por acréscimo.

A Peste Negra ⁵⁴

A fame, impidemia et bello libera nos, Domine!
(Da fome, da epidemia e da guerra, livrai-nos Senhor!)

“A Peste Negra, cuja maior incidência foi entre 1348/49, tem como agente patogênico o bacilo *Pasteurella pestis*, ou *Bacillus pestis* ou ainda *Yersinia pestis*”. A moléstia pode revestir-se de três formas: bubônica, pulmonar e septicêmica. A Peste Negra bubônica tem por vetor a pulga e por hospedeiros os roedores, em especial os ratos de cor escura, caracterizando-se pela formação de bubões fétidos nas axilas e juntas e apresentando manchas negras por todo o corpo. Atinge o elevado índice de 70% de mortes dentre os contaminados. A Peste Negra pulmonar diferencia-se na forma pela qual é transmitida, podendo ser contraída pelo simples hálito do contaminado que, note-se, torna-se repelente; chega a atingir o índice de 100% de mortes dentre os contaminados. A Peste Negra septicêmica, a mais violenta das três formas, provoca a morte do contaminado, mesmo antes da plena manifestação dos sintomas característicos de quaisquer das outras duas formas.

A história registra que a Peste Negra, manifestada na Europa em 1348, eclodiu no oriente. Segundo fontes confiáveis, em 1346 a feitoria genovesa de Cafá achava-se assediada pelas tropas do Cã Mongol do Kitchap que perseguiam os ocupantes de uma outra feitoria Genovesa, Tana, há pouco evacuada. Como a moléstia se manifestou nas hostes assediadoras, o Cã ordenou que se lançassem os cadáveres por sobre as muralhas de Cafá. Daí, os ratos escuros, hospedeiros das pulgas portadoras da moléstia, transmitiram a epidemia para Constantinopla, de onde esta se propagou para o Mediterrâneo. Por outro lado, a tropa de socorro, tendo acolhido os sobreviventes da epidemia, contaminou-se e

54 Publicada em O Progresso: 11/09/1998.

ia disseminando a moléstia pelos portos onde escalava: Constantinopla; várias ilhas mediterrâneas; Messina e daí para toda Sicília; Gênova, Pisa; Toscana; Marselha, iniciando o contágio de Provença: por fim Maiorca. Não se pode dar como única explicação para a disseminação da peste a macabra frota genovesa, pois sabemos que atingiu toda a Europa; é provável que após a eclosão da pandemia na Crimeia, se tenha verificado uma diversificação nas rotas de transmissão e que a amplitude alcançada pela peste se explica, não só pela unificação do mundo pelas rotas comerciais, mas também pelo estágio dos conhecimentos médicos, os hábitos de higiene e os costumes em geral da época.

Se já não aceitamos a Idade Média como uma era unicamente de trevas, somos, entretanto, forçados a concordar que algumas causas endógenas tiveram certa influência na propagação da Peste Negra pela Europa, a ponto de atingir proporções catastróficas. A própria mentalidade do medievo, atribuindo como causas do aparecimento da moléstia de um lado a má conjunção dos astros, a contaminação do ar, o envenenamento das fontes por judeus ou muçulmanos e mesmo o desencadeamento da ira divina sobre o mundo pecador; de outro, a falta de higiene e os precários conhecimentos médicos, contribuíram para que a moléstia se alastrasse a ponto de matar cerca de 20% da população Europeia.

Pois é! Esse é um excerto, um trecho apenas, de um artigo científico que escrevi para a Revista Textos, em 1976. Com ele quis demonstrar que a peste veio de fora, todavia, se não tivesse se deparado com um corpo doente (a Europa com suas cidades imundas, etc.), não teria encontrado as condições propícias para o seu desenvolvimento. Assim é também com a crise financeira: ela pode até mesmo vir de fora, mas se o corpo (o Brasil) estivesse sadio, com uma economia saneada, não haveria o perigo de contágio. E, da mesma forma, como não adiantava culpar judeus ou o próprio Deus no caso da peste, não adianta culpar gregos nem troianos pela crise.

Quem pariu Mateus que o embale.

Um belo retrato ⁵⁵

Ao ver o presidente FHC ora ao lado de Maluf, ora ao lado de Covas, em *outdoor*, fiquei preocupado: não bastasse estarem tentando exterminar com as ideologias, estariam também querendo acabar com os partidos políticos? Como pode alguém, em sã consciência, apoiar ao mesmo tempo, adversários que se opõe tão tenazmente?

Da mesma forma, confesso, não consigo entender como se possa, também ao mesmo tempo, alguém apoiar Bacha e Pedro⁵⁶. Ambos não passam a ideia de que pertencem a partidos antagônicos? Não dão a entender que têm visões administrativas diferentes? Seus respectivos partidos não têm propostas diferenciadas?

Como não encontrasse resposta para essas minhas indagações, passei a formular outras. Se fosse Ciro Gomes, nem falo de Lula, mas Ciro, se ele apoiasse dois candidatos a governador em um mesmo estado, o que a mídia teria feito? Será que não seria acusado, desqualificado, condenado?

Sem resposta ainda dessa vez, olhei para o alto, talvez para descansar o pescoço, cansado com o ato de digitar alguns textos. Deparei-me com um retrato, dependurado no alto da parede. Um belo retrato! Devo-o ao meu irmão que o recuperou, resgatando, com ele, boa parte do passado de nossa família.

Meu avô paterno teria seus vinte e dois, vinte e três anos; meu bisavô, mais de sessenta; ao trisavô, homem robusto, não daria setenta anos, se não soubesse que seria impossível ter concebido seu filho quan-

55 Postada no site www.biasotto.com.br em 14/09/1998.

56 Trata-se respectivamente de Ricardo Bacha e Pedro Pedrosian que concorreram ao governo de Mato Grosso do Sul em 1998 juntamente com Zeca do PT, vencedor do pleito.

do tinha apenas dez anos. Minha avó materna também lá esta, com seus dezesseis, dezessete anos.

Recompus mentalmente suas vidas. Quanto trabalho? E que trabalho duro! Levantavam-se com o nascer do sol e só paravam ao entardecer; inclusive minha avó, que abanava o café na roça como qualquer homem, diferenciando-se apenas pela quantidade, e olha lá!

- Trabalhei como vocês! Pensei em voz alta.

Talvez meu trabalho não tenha sido tão pesado, é verdade, mas foi árduo. Acho, sinceramente, que fizemos a nossa parte. Se nossos filhos e netos não gozarem o fruto de nosso trabalho, não nos lamentemos, alguma criança, em algum lugar do mundo, com toda a certeza, usufruirá da riqueza que produzimos.

Quanto aos *outdoors*? Bem, cada família, cada nação tem os seus retratos. O meu eu o penduro à vista, ao alto de minha mesa de trabalho. Ele me inspira trabalho, ética, dignidade.

Eleições 98: a vitória de Pirro ⁵⁷

Mais fácil seria elogiar apenas os vencedores

Pirro, rei do Epiro (318-272 a.C.), invadiu a Itália e pegando os romanos de surpresa impôs-lhes duas derrotas (Heracleia e Asculum). As vitórias de Pirro, entretanto, foram tão desgastantes e os prejuízos sofridos tão grandes que ao ser felicitado pelos seus generais teria dito: “Mais uma vitória como esta e eu estarei perdido”.

Pirro não chegou a vencer novamente os romanos, ao contrário, sofreu consecutivas derrotas, sendo forçado a retornar à Grécia com seu exército praticamente destruído.

No mundo político não são poucos os candidatos que obtêm uma Vitória de Pirro, quer dizer, vencem as eleições, mas arrepentam-se, afundando-se em dívidas ou assumindo compromissos espúrios que os impedem de exercer o mandato com dignidade. Alguns vão além do plano pessoal, arrepentam seus municípios, estados e mesmo seus países.

Parece haver algo inebriante no poder! Por um mandato alguns homens são capazes de coisas impensáveis para aqueles que podem ser chamados de cidadãos dignos. Ora uma concessão de rádio, ora duzentos mil, os preços variam...

Ainda agora assistimos no Brasil a um descalabro. Os meios de comunicação, tendo adotado o candidato FHC, não sei se a preço de ouro ou da simples sedução, esconderam a dimensão da crise brasileira. O re(i)eleito será agora investido para mais quatro anos de mandato (Sarney contentou-se com mais um ano). Ao povo foi passada a ideia de

57 Publicada em O Progresso 13/10/1998.

que só existe um caminho e somente FHC seria capaz de administrar a crise.

Lula nem queria disputar esse mandato. É um homem inteligente, sabia exatamente o que iria enfrentar. Sabe avaliar a conjuntura, conhece o seu povo e os seus algozes. Submeteu-se, entretanto, à vontade de seus companheiros, de seu partido, entrou para a luta e, novamente, perdeu. Assim também foi quando disputou com Collor e na primeira vez que concorreu com FHC.

Lula é o candidato derrotado. FHC é Pirro vitorioso. E eu sou apenas um crítico moderado, pois Carlos Heitor Cony compara-o a Barrabás e arremata dizendo que foi o escolhido porque o povo “temendo o ruim escolheu o pior”. E até o jornal o Estado de S. Paulo, (quem diria?) agora que se encerrou o pleito, começa a dizer com todas as letras que FHC tem que passar os próximos quatro anos tentando consertar o estrago que fez nos seus quatro anos anteriores.

De qualquer forma as águas continuarão correndo para o mar, as estações do ano se repetirão, o mundo continuará meio arredondado, entretanto, não me falta a convicção de que se Lula tivesse sido eleito quando concorreu com Collor o Brasil seria outro, a América do Sul seria outra.

Desperdiçamos uma grande chance. Lula não é o radical que pintaram. Um radical com as características que a direita lhe conseguiu impingir jamais teria condições de liderar um partido integrado por tantos intelectuais de renome internacional. Não é também nenhum analfabeto despreparado, como querem seus opositores na tentativa de desqualificá-lo; ao contrário, é um intelectual, porque tem uma leitura de mundo e, a partir dela, opções claras para o estabelecimento de relações sociais ancoradas na solidariedade humana.

Acontece que não faltaram detratores capazes de infamá-lo com besteiras, como as ditas por Collor, que tiraria uma geladeira da casa que possuísse duas e outras coisas do gênero. Não faltou também, é

claro, quem interiorizasse essas mensagens transformando-as em forte rejeição a Lula.

Todavia, consulte-se a intelectualidade brasileira e se verificará que a maior parte dela reconhece em Lula um homem sensível aos problemas do povo, um intelectual, embora sem o Dr de doutor, um líder que atrai mais de 30% dos eleitores sem dispor de nenhuma máquina de fazer voto. Quando não, respeita-se sua luta e sua capacidade.

Só espero que num futuro próximo não nos falem candidatos como o Lula que acabamos de perder.

Eleições e democracia ⁵⁸

Na minha maneira de entender, num regime democrático, o debate entre os candidatos deveria ser cada vez mais aprimorado para que o eleitor tivesse parâmetros claros para escolher seus representantes.

As redes de televisão poderiam viabilizar um *pool* de emissoras para transmitir em rede nacional, e em horário nobre, dois ou três debates entre os presidenciáveis. As redes locais, por sua vez, promoveriam também alguns encontros para que os candidatos aos governos estaduais pudessem debater as suas propostas. Num encontro se debateria, por exemplo, finanças públicas, segurança, transportes; noutro educação, saúde, cultura; enfim, abrir-se-iam espaços para que os eleitores pudessem discernir o melhor programa e votar no candidato que lhes convencesse.

Não seria diferente com os candidatos ao senado, cada qual participando, em seu Estado, de debates que esclarecessem ao eleitor suas reais intenções.

Talvez não fosse viável, em cadeia de televisão, o debate entre os candidatos às Câmaras Estaduais e Federal em razão do elevado número de concorrentes. Mesmo assim os debates poderiam ocorrer, nas escolas públicas, entidades de classe, clubes de serviço e até serem transmitidos pelas emissoras de rádio.

Com certeza, essas realizações seriam uma grande vitória da democracia e com ela ganhariam todos os cidadãos brasileiros. No entanto onde estão os debates? Por que os candidatos fogem ao debate? Por estarem melhor colocados nas pesquisas não poderia ser. Se assim fosse,

58 Postada no site www.biasotto.com.br em 28/09/1998.

se eles estivessem na frente por serem melhores, teriam a oportunidade de ampliar ainda mais a margem de diferença.

A resposta deve ser buscada em alternativas. Talvez nem todos os candidatos estejam bem preparados. Quiçá prefiram os comícios, onde podem falar o que quiserem, mesmo que tenham decorado o *script*. Ou, quem sabe, prefiram a distribuição de cestas básicas, remédios, sacas de cimento, milheiros de tijolos, em troca do voto.

Sem debates, com o instituto da reeleição, com a grande mídia tomando o partido da continuidade ou, no mínimo, não cumprindo o seu papel de fazer um jornalismo investigativo, com boa parte do eleitorado desejando vender o voto e boa parte dos candidatos querendo comprá-los, com o próprio ministro do Supremo Tribunal Eleitoral fazendo declarações impróprias ao seu cargo, temo que essas atuais eleições brasileiras não contribuam em absolutamente nada para o aperfeiçoamento democrático.

Ah! as urnas eletrônicas?

Já fui mesário, já fui fiscal de eleições. Alguns votos são praticamente ininteligíveis, tem-se praticamente que adivinhar o número ou nome escrito, para poder computá-lo. Por isso tenho receio que muitos eleitores terão dificuldades em lidar com as urnas eletrônicas. Pior: como poderão levar por escrito os números de seus candidatos o trabalho de boca de urna poderá definir as eleições.

Não falo na confiabilidade do sistema porque, sinceramente, tenho ainda as minhas dúvidas.

Nos limites da tolerância ⁵⁹

Imaginei-me cansado. Era domingo e me recusara até mesmo a me levantar na hora combinada para o futebol. Após o almoço deitei-me novamente para descansar. Algo estava errado. Seria cansaço? Logo comigo que sempre me vangloriei de não sentir cansaço e preguiça? Não dormia, entretanto, a notícia recebida pela manhã deixara-me profundamente triste, um nó apertava-me o peito, mas o corpo queria cama.

De repente a campainha. Pulei rápido. Quem seria? Algo anormal com certeza, a hora não era apropriada para visitas. Abri o portão e deparei-me com uma criaturinha frágil que me estendeu uma garrafa plástica de Coca-Cola e foi logo dizendo que queria comida e água. Sorri, tomei a garrafa e entrei.

Abri a geladeira, tomei uma garrafa de Coca-Cola bem geladinha e entreguei para o meu inoportuno visitante. O indinho tomou-a nos braços, apertou-a no peito, levantou o seu rostinho sujo, sorriu-me e se foi.

Foi contente, saltitando. Eu, se não tinha motivos para alegrar-me com minha boa ação, afinal uma garrafa de coca é muito pouco, talvez pudesse contentar-me com a minha tolerância, afinal não é qualquer ser cansado que levanta de merecido descanso, dá de cara com um pedinte e ainda seja capaz de sorrir; mas entrei triste, o peito apertado, uma vontade imensa de chorar. Comparei a minha tolerância com a tolerância dos assassinos de Dorcelina⁶⁰.

Soubera do assassinato pela manhã. Há tempos não me sentia tão indignado. Nem no que me tange individualmente, nem pelo que

59 Publicada em O Progresso: 04/11/1999

60 Dorcelina Folador, prefeita de Mundo Novo foi assassinada em 30 de outubro de 1999.

me toca como homem de partido. Individualmente tenho me debatido com as picuinhas cotidianas e nem sequer aquela nota da associação médica de Campo Grande contrária ao nosso curso de Medicina me tiraram do sério. Como homem de partido passei os meus últimos vinte e cinco anos neste Estado, perdendo eleições, sem nunca ter atirado um ovo em ninguém. Passei esses anos todos sendo administrado por governantes de direita, alguns de reputação duvidosa e nunca lhes atirei uma pedra sequer. Em respeito às instituições democráticas, em respeito à soberana vontade do povo sempre me resignei.

Agora, neste momento em que um companheiro de meu partido assume o governo do estado e que duas, apenas duas mulheres, também do meu partido, assumem duas modestas prefeituras, não foi suficiente execrá-los pela imprensa, não foi suficiente o boicote às verbas federais, não foi suficiente a ação judicial. Foi preciso matar. Extirpar um corpo honesto e digno, do meio político.

Agora, justo agora que este estado toma um rumo, depois de vinte anos de bandalheiras. Agora, logo agora que boa parte da população de Campo Grande e Dourados vislumbra a possibilidade de colocar em suas respectivas prefeituras homens da estatura moral e ética de Dorcelina, um assassinato dessa natureza!

Ben Hur e Tetila que se cuidem. Nem todos têm a tolerância de sorrir para o indinho, de cara suja, que nos acorda da sesta.

Zé sem fé ⁶¹

A conversa que eu mantinha com dois trabalhadores rurais já ia morrendo quando ouvi o canto da seriema (do Mato Grosso, do Norte e do Sul). Foi uma boa oportunidade para poder reanimar a nossa prosa. Logo vem chuva, disse-lhes eu.

- Não leva três dias, respondeu-me o retireiro no estalo.

- Bom que venha logo, arrematou o que cuida da roça, o milho está de dar dó. Se não chover logo, vai se perder muita roça por aí.

Roça perdida é desgraça certa. Não tem quem acuda. Se fosse banco ou estatal privatizada não faltaria socorro, pois para isso existe um governo generoso. Mas, pensando bem, não há porque ter dó. Esses agricultores e pecuaristas, principalmente os de gado leiteiro, que dá mais trabalho, são uns teimosos. Por que não abandonam essas coisas primitivas de puxar teta de vaca e plantar sem tecnologia avançada.

Oras bolas, não se mostrou ser bem mais prático, por exemplo, importarmos trigo da Argentina? Importemos milho dos Estados Unidos, que têm pivôs de irrigação tão modernos que não causam decepções. Leite importemos da Europa, e esses teimosos, que abandonem a roça, venham para a cidade. Não percebem que as luzes os atraem?

Se alguns porventura restarem, se insistirem em ficar enfiados no mato, a esses vou ensinar um versinho:

Ah! São João / São João do carneirinho / O senhor é tão bonzinho / Peça lá pra São José / Peça pro meu milho dá / Vinte espiga em cada pé.

61 Publicada em O Progresso 12-13/06/1999.

Não duvido que esse versinho seja bem antigo. Meu pai dizia-me que era parte de uma música de Luiz Gonzaga. Minha mãe não endossa, poderá até ser um verso do rei do baião, mas ela não se lembra.

Sem duvidar de meu velho pai, acho que o verso acima está mais para oração. Na época de crise é assim mesmo, as pessoas se apegam muito às coisas religiosas e esperam verdadeiros milagres, como por exemplo, um pé de milho, que ao longo de milênios sempre deu uma ou duas espigas, ter que dar vinte.

De minha parte não duvido. Os tempos parece-me, são outros nesse velho e querido Mato Grosso (do Sul). Se tem gente criticando as contratações que o governo do estado fez para a Educação e exigindo que Zeca do PT, em cinco meses de governo, pague as dívidas deixadas, arrume as estradas e reinicie as obras inacabadas, por que um pé de milho não pode dar vinte espigas?

Sinal dos tempos ⁶²

Minha filha chegou meio assustada e não demorou a revelar-me o motivo de sua preocupação ao perguntar-me se existiam possibilidades concretas para o mundo se acabar no dia 11 de agosto, como estavam comentando. ⁶³

Fiquei à vontade para dizer-lhe que não se preocupasse. Expliquei-lhe a existência de teorias milenaristas que difundem o fim do mundo a cada fim de milênio. Nas proximidades do ano mil as coisas não foram diferentes. Encurtando a história, por volta de mil e três, como o mundo não tivesse se acabado, houve uma reação positiva e, após mil e trinta e três, um milênio após a paixão de Cristo, confirmada a continuidade do planeta, verificou-se umira euforia psicológica que, aliada a outros fatores de ordem material, contribuiu para um arranque espetacular da civilização Europeia.

O leitor há de convir comigo, para o fim do mundo precisaríamos de sinais. E que sinais tivemos, ao menos no Brasil, antes de 11 de agosto?

Nenhum. A impunidade, o fisiologismo, a corrupção, a subserviência em relação a Washington, o aumento da concentração de renda, a progressão da exclusão social, enfim, tudo continuou igual até o 11 de agosto. Como então, o mundo haveria de se acabar sem que houvesse algum sinal?

62 Postada no site www.biasotto.com.br em 1999.

63 As profecias de Nostradamus aliadas ao Eclipse previsto para 11 de agosto de 1999 geraram várias matérias na mídia mundial sobre o fim mundo. A profecia: “Centúria X, Quadra 72. O ano de Mil novecentos e noventa e nove, 7º mês, do céu virá um grande Rei aterrorizador”. A referência ao 7º mês está desvinculada do calendário gregoriano.

Mas, cuidemo-nos, se na primeira quinzena do fatídico agosto não tivemos nenhum sinal, ao seu termo, vêm-nos o primeiro. Soemos as nossas trombetas, construamos abrigos, o primeiro sinal está dado: a oligarquia latifundiária de Mato Grosso do Sul, pela primeira vez em sua história, indis põe-se com um governo de Estado. Sai às ruas, impetra mandados de segurança, recorre às últimas instâncias judiciárias. Agora sim, estamos próximos do fim. E tudo porque o latifúndio não suporta contribuir com uma pequena parcela para a recuperação das estradas do estado. Estradas destruídas, diga-se de passagem, por obra de seus próprios representantes. Ou os governantes de Mato Grosso do Sul e de Mato Grosso que antecederam Zeca do PT não foram legítimos representantes do latifúndio?

É dessa forma que se acirra a luta de classes. E ainda vem boa parte da imprensa, designando de xiitas, de radicais a todos aqueles que se indignam com esse tipo de atitude. Que querem que se faça? Que as empregadas domésticas contribuam com parte de seus salários para a recuperação de nossas estradas? Ou seria preferível optar por mais cinco anos sem reajuste de salários para o funcionalismo público? Outra saída não seria arrebentarmos de vez com as pequenas e médias empresas?

Só que tudo tem o seu limite. Se os privilegiados da sociedade brasileira insistirem na manutenção desse estado de coisas, estarão contribuindo para a exacerbação dos espíritos. Depois não venha a imprensa me dizer que a esquerda é radical e que o MST é um bando de desocupados fora da lei.

A convulsão social que poderá estourar com mais força no Brasil, por estas e outras semelhantes, será de responsabilidade exclusiva dessa elite gananciosa e despreparada politicamente, que insiste em acumular o máximo, sem abrir mão de nada.

Desculpe-me o leitor. Não sou profeta do apocalipse, ao contrário, sou um otimista inveterado, mas nem sempre as fábulas italianas que lhes conto de vez em quando se prestam para ilustrar as nossas atuais condições sociais. Quem sabe em 2003 ou 2033 tenhamos repetida a mesma

euforia psicológica que dominou a Europa pós ano mil e encontremos o nosso caminho rumo a uma sociedade mais justa e mais solidária.

Obras ou obrismo? ⁶⁴

Recente polêmica travada neste espaço⁶⁵ sobre o obrismo levou-me a refletir sobre o assunto. Primeira coisa que me veio à mente foi Brecht e o seu maravilhoso poema: “perguntas de um trabalhador que lê”. Permita-me o leitor a transcrição do texto: “Quem construiu a Tebas de sete portas? / Nos livros estão os nomes dos reis / Arrastaram eles os blocos de pedra? / E a Babilônia várias vezes destruída – Quem a reconstruiu tantas vezes? / Em que casas da Lima dourada moravam os construtores? / Para onde foram os pedreiros, na noite em que a Muraralha da China ficou pronta? / A grande Roma está cheia de arcos do triunfo. / Quem os ergueu? / Sobre quem triunfaram os Césares? / A decantada Bizâncio tinha somente palácios para seus habitantes? / Mesmo na lendária Atlântida os que se afogavam gritaram por seus escravos / Na noite em que o mar a tragou. // O jovem Alexandre conquistou a Índia. / Sozinho? / César bateu os gauleses. / Não levava sequer um cozinheiro? / Filipe da Espanha chorou, quando sua Armada Naufragou. ? Ninguém mais chorou? / Filipe II venceu a Guerra dos Sete Anos. / Quem venceu além dele? // Cada página uma vitória. Quem cozinha o banquete? / A cada dez anos um grande homem. / Quem pagava a conta? // Tantas histórias. / Tantas questões.”

Para o leitor que acompanhou o debate sobre o obrismo talvez eu não precisasse dizer mais nada, entretanto, como presumo que nem todos tiveram a oportunidade de ler os três artigos publicados sobre o assunto, tenho o dever de ir adiante.

64 Publicada em O Progresso 10/12/1999.

65 Referência à página 2 de O Progresso, onde são publicadas matérias assinadas por colaboradores..

No debate, Tetila condena o obrismo, Cesar Lutti discorda e aponta, dentre outros exemplos, as pirâmides do Egito e os jardins da Babilônia como paradigmas a serem seguidos pelos governantes. Valfrido Silva, sempre muito argucioso, não deixa, num primeiro momento, de salientar a contradição de dois representantes de partidos aliados (PT e PSB), apresentarem propostas tão distintas e, na sequência, arre-mata, não sem uma boa dose de ironia, que o PT está mudando para melhor, na medida em que está sim, preocupado em edificar obras.

Veja o leitor, edificar obras é uma coisa, o obrismo é outra. A edificação de obras pressupõe benefícios sociais. O obrismo limita-se à construção de obras que, embora possam ser gigantescas, não apresentem nenhuma ou muito pouca função social e, via de regra, o obrismo serve aos interesses de governos e empreiteiros inescrupulosos que dilapidam o dinheiro público.

Coloquemo-nos no lugar dos egípcios. Será que optariamos em construir aquelas enormes pirâmides, ou construiríamos milhares de casas para abrigarmo-nos das intempéries? Se estivéssemos em Roma, optariamos pelos arcos de triunfo ou pela construção de aquedutos que nos levasse água potável a nossas residências?

Tomemos outro viés. O que é mais útil para a humanidade e se universalizou: as pirâmides ou o sistema de irrigação de lavouras que os egípcios usavam? Os arcos de triunfo romano ou o seu Código de Leis e a sua organização administrativa? Se nos fosse dado escolher entre o obrismo antigo e a filosofia grega qual tomaríamos para nós? Se fôssemos obrigados a decidir entre o Jardim Suspenso da Babilônia e todos os arcos de triunfo juntos e, por outro lado, com o Cristianismo, com o que ficaríamos? Enfim, entre os maravilhosos castelos e a Universidade, que é uma instituição medieval, qual seria a nossa opção?

É um belo debate, que começa, aliás, a demarcar os rumos da campanha eleitoral do ano 2000. Muito bom se o tom for mantido nesse nível. Quem ganha é Dourados.

Invertendo valores ⁶⁶

Minha impressão era de que tio Zezinho não gostava de política, mas vejo que estava enganado. Seu silêncio em torno do assunto talvez se devesse ao hábito adquirido ao longo dos anos em que exerceu atividades comerciais. Hoje, passado dos setenta anos, aposentado, embora não tenha requerido os benefícios a que faria jus, ensaia com êxito algumas reflexões em torno da arte de governar.

Dias atrás, tendo por veículo uma conversa de fim de tarde, fizemos um passeio interessante pelo mundo, pelo país e pelo nosso estado. Conversa vai, conversa vem, chegamos ao curso de Medicina. Tio Zezinho queria saber se a Santa Casa estaria concluída quando os alunos necessitassem de hospital escola para os seus estudos. Disse-lhe acreditar que seria possível, as obras continuavam, o governo do estado estava repondo, a duras penas, um milhão e setecentos mil reais desaparecidos no governo anterior e que, após essa reposição, parecia-me possível contar com a liberação de cinco milhões e trezentos, pelo governo federal, para a conclusão das obras.

Um milhão e setecentos! Repetiu num sussurro tio Zezinho. E continuou como quem pensa em voz alta: se aplicar a três por cento ao mês... a três por cento... e ao mesmo tempo for tocando a obra... hum... Vou fazer esse cálculo, disse-me enfim, como quem descobre a pólvora.

No outro dia recebi os cálculos feitos, à mão, com impressionante precisão. Se aplicássemos um milhão e setecentos em 1º de janeiro de 1999, data em que Zeca assumiu o governo, e deveria ter encontrado esse dinheiro em caixa, a juros de 3%, e tivéssemos uma despesa entre

66 Publicada em O Progresso 11/05/2000.

oitenta e noventa mil reais mensais ao longo de um ano, ainda teríamos um saldo de R\$ 1.199.116,10

A contabilidade é relativamente simples. Tio Zezinho aplicou o milhão e setecentos desaparecidos a juros de 3%. No primeiro mês obteve um rendimento de cinquenta e um mil reais e, como investiu oitenta mil reais em material e mão de obra, ficou com um saldo de R\$ 1.671.000,00. No mês seguinte aplicou esse saldo, novamente a 3%, obtendo R\$ 50.130,00 de juros. Como investiu nesse mês R\$ 85.260,00 em material e mão de obra, ficou com um saldo de R\$ 1.635.870,00. E assim sucessivamente.

Veja o leitor, até onde vai o raciocínio do tio Zezinho: se dessa aplicação mensal entre 80 e 90 mil reais, tirássemos 20 mil fixos para a mão de obra, e o restante, 60 a 70 mil, para material, empregariamos 50 funcionários, com salário médio de 400 reais mensais e a obra não teria sido paralisada em momento algum.

Em resumo, do milhão e setecentos que desapareceu, tio Zezinho manteria a obra durante todo o ano, com 50 funcionários, movimentaria R\$ 1.038.336,10 (sendo R\$ 492.337,59 de juros e R\$ 545.998,51 de descapitalização) e ainda teria um saldo de R\$ 1.199.116,10.

Ah! Tio Zezinho, sossega! Sossega senão daqui um pouco todo mundo vai começar a pedir-lhe cálculos mais complicados. Por exemplo, que tal exercitar com esse milhão que o governador está cotizando para patrocinar uma escola de samba do Rio. As críticas têm sido ácidos, mas, calcule para nós o retorno desse dinheiro através dos turistas que serão atraídos de todas as partes do mundo, a divulgação de Mato Grosso do Sul e a consequente atração de empresários do ramo turístico. Quanto dará ao estado, no curto, médio e longo prazo?

Percebe tio Zezinho, como nesta dança de milhões pode haver significativa inversão de valores?

Alianças e responsabilidade política ⁶⁷

Domingo passado, dia 28 de junho, os convencionais do PT deram sinal verde para a executiva do partido continuar as conversações com os partidos de esquerda no sentido de se constituir um arco de alianças para as eleições municipais, nos moldes daquele que elegeu Zeca do PT governador do Estado. Poucos convencionais votaram contra, a esmagadora maioria do partido entendeu que o PT precisa da força dos demais partidos de esquerda para conseguir eleger Laerte Tetila. O próprio governador, que se fez presente, discursou enfatizando a importância da soma de forças.

Mesmo sabendo que Tetila encontra-se à frente na corrida eleitoral, com margem de vantagem em torno de 15% sobre seu concorrente mais próximo, os petistas entendem que não devem prescindir da força de seus tradicionais aliados.

As forças da direita douradense, por sua vez, também conhecem as pesquisas, sabem muito bem que elas apontam para uma vitória da esquerda e por isso estão se organizando da melhor maneira que podem para não permitir a vitória de Tetila na segunda maior cidade do Estado. Sabem os comandantes das forças de direita que se perderem Dourados dificilmente recuperarão o governo do Estado em 2002. E, se a direita não recuperar o governo de Mato Grosso do Sul nas próximas eleições, corre o risco de ver acontecer aqui o que acontece no Rio Grande do Sul, onde o PT após assumir o governo da capital mantém-se nos últimos doze anos, graças à eficiência de sua administração.

A tendência é que ambos os lados busquem unificar as suas forças, mas o desejo do PT em se coligar com os demais partidos de es-

⁶⁷ Publicada em O Progresso 10-11/06/2000.

querda em Dourados parece não estar encontrando eco. Alguns desses partidos insistem em lançar candidatos próprios à Prefeitura. Creem que assim procedendo estarão marcando posição e fortalecendo os seus respectivos partidos para embates futuros.

Pode ser que estando desunida, a esquerda não tenha a menor chance de eleger o seu candidato e, por sua vez, a união da direita, possa fazer crescer as chances de continuarmos a ter em Dourados a continuidade das administrações que conhecemos ao longo dos últimos sessenta e cinco anos.

Mas, por outro lado, pode acontecer o inverso. Os partidos de esquerda que não se coligarem com o PT correm o sério risco de se enfraquecerem em decorrência da polarização que costuma haver nas eleições em Dourados. Muitas vezes a diferença entre o primeiro e o segundo colocados é mínima. Se não me falha a memória Braz Mello ganhou o seu primeiro mandato com quarenta votos sobre José Elias Moreira. Quer dizer, tudo pode acontecer. Se os 15% de vantagem que Tetila detém hoje podem migrar para os partidos de esquerda que não se coligarem e, por via de consequência, dar a vitória à direita, da mesma forma podem permanecer inalterados em função do chamado voto útil.

Portanto, vivemos uma fase decisiva. Refletir a atual conjuntura com calma e serenidade é muito importante para os destinos de Dourados e do Mato Grosso do Sul. São em momentos como este que os homens públicos atingem a estatura de estadistas ou enveredam para a mediocridade do diz que diz que, das picuinhas, das coisas miudas.

E, como Dourados encontra-se atualmente em uma encruzilhada, o nosso futuro depende muito das próximas eleições. Isso porque será a próxima administração quem deverá estabelecer os novos rumos que daremos à nossa cidade

A Câmara e a Guerra Civil ⁶⁸

Ao selecionar para minha leitura o ensaio de Roberto Pompeu de Toledo, “Razões para amar o Congresso”, publicado na Revista Veja de 9 de maio de 2001, minha assessoria trouxe-me, em momento oportuno, algumas respostas para questões que me angustiavam desde que assumi uma cadeira no Legislativo Douradense.

No ensaio supra referido o autor discute alguns paradoxos, por exemplo, um senador dizer “O nobre senador está mentindo”. Como um senador pode ser ao mesmo tempo nobre e mentiroso?

O autor conclui que o Parlamento é “em última análise, a alternativa civilizacional à guerra civil” ou, em outras palavras, “a sublimação da guerra civil”.

Tais afirmações, que podem soar pesadas numa primeira análise, parecem-me prenhes de razão. Nos idos de 1978 eu mesmo testemunhei uma desavença mais acirrada entre dois vereadores locais quando um deles não pestanejou em dizer ao colega: “Vossa excelência é um idiota”.

A atual legislatura não chegou a esse nível, no entanto vários temas já provocaram discussões tão acirradas que, não fora o estágio civilizatório da edilidade e as normas regimentais, poderiam ter acontecido algumas escaramuças entre as várias facções do Legislativo Douradense.

E se não houvesse a Câmara? Provavelmente os confrontos se dariam nas ruas.

Tomemos apenas três exemplos, creio os mais significativos, a título de exemplificação: a discussão sobre a abertura dos mercados aos domingos; a proibição da Prefeitura Municipal patrocinar eventos simi-

⁶⁸ Postada no site www.biasotto.com.br em 17/05/2001. Cf. Crônicas 2001.

lares, quando da realização da ExpoAgro e a defesa da antiga e da atual administração de Dourados pelas bancadas antagônicas.

Sobre a abertura dos mercados aos domingos as discussões foram acirradas e acabou prevalecendo a ideia de horário livre, mas com a limitação de que os mercados devem cerrar suas portas aos domingos. No entanto não podemos negar o elevado grau de polêmica que cerca o tema. Não fora a ação da Câmara como se enfrentariam comerciantes e comerciantes?

No caso da ExpoAgro parece haver unanimidade quanto a importância de tal acontecimento. A “guerra” foi travada no que diz respeito à propositura de que o Executivo não deve patrocinar nenhum evento similar dez dias antes e durante o evento. Um grupo de vereadores aprovou a ideia, outro julga tal proposta provinciana. Eu, particularmente ofereci ao propositor da matéria a pecha de corporativista retrógrado.

Na defesa e/ou ataques à antiga e atual gestões administrativas a “guerra” se acentua. Já ouvi e li coisas a respeito de meu grupo político e acusações à minha própria pessoa que não concordo e muito menos gosto. No entanto, penso que, da mesma forma, muita gente não goste do que falo. É a “guerra civilizada”. Não fosse ela, os grupos que representamos na Câmara, na Assembleia, no Senado, provavelmente estariam se digladiando nas ruas.

Não nos esqueçamos de que a guerra não é constante, existem também os momentos de trégua, como quando se discute, por exemplo, o Projeto da Cidade Universitária de Dourados, para mim, o maior projeto da região e que deve mesmo continuar merecendo a união de todos.

No entanto, que fique muito claro, defender o Parlamento não significa defender a todos os parlamentares que lá tomaram assento, portanto, as considerações feitas estão longe de esgotar o tema.

Dívida Pública e Intervenção no Município de Dourados ⁶⁹

A Prefeitura de Dourados necessitou de 500 cargas de massa asfáltica para tapar os buracos em vias públicas deixados pela administração anterior. Quinhentos caminhões lotados. E os buracos ainda não foram totalmente vencidos. Moradores de algumas vias da cidade ainda aguardam ansiosos pela chegada da operação tapa-buracos.

Os bairros que ainda não contam com o benefício do asfalto também vão, aos poucos, recebendo os serviços de “patrolamento” e “cascalhamento” das ruas.

Não sei quantas cargas de cascalho foram utilizadas, quantas “caminhãozadas”, como diz um amigo, mas essas coisas com um pouco mais ou um pouco menos de tempo se resolvem.

No entanto, pior que os buracos, que a insatisfação do funcionalismo com seus salários e que as lâmpadas coreanas herdadas da antiga administração, é a dívida pública, que gira em torno de 175 milhões de reais. E os precatórios começam a se transformar em pedidos de intervenção no município.

Quantos caminhões seriam necessários para transportar 175 milhões de reais? Com certeza os quatro caminhões recentemente adquiridos pela Prefeitura não serão suficientes.

Leio em 2 de setembro deste ano de 2001, no Douradosnews que O Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul “além de acatar o pedido de intervenção... determinou ao Ministério Público Estadual, que apure as responsabilidades do ex-prefeito...”

Nesse caso suponho que a apuração de responsabilidade seja prioritária, ao contrário estaríamos correndo o risco de cometer uma

69 Postada no site www.biasotto.com.br em 02/09/2001. Cf. Crônicas 2001.

grande injustiça com a população de Dourados, porque os recursos para o pagamento estavam previstos no Orçamento de 2000.

Essa primeira conta que ameaça Dourados gira em torno de 400 mil reais. Não é uma importância vultosa, pagá-la não seria impossível, todavia além de se abrir o caminho para outras cobranças cujos valores chegam perto da casa dos 10 milhões de reais, só para este ano, prejudicaria quaisquer possibilidades de revisão desses débitos.

Creio que o cidadão douradense tem o direito de saber como se originou essa conta de 400 mil reais. Não só isso. O cidadão deve saber como se chegou ao valor de aproximadamente 7 milhões de reais com a extinta Prodados, a que fez os carnês de IPTU. Sete milhões! Ou seja, o total que se arrecada em um ano de IPTU em Dourados iria para pagar a conta pela sua confecção. Não é isso? Nós, eu e você, caro leitor, temos que pagar essa dívida.

E os 3,5 milhões que devemos pela construção da Rodoviária. Há mais de vinte anos essa rodoviária está lá, funcionando, e nós, mais uma vez, devemos arcar com essa dívida.

Paguemos as nossas contas. Que venham os interventores, mas somente depois de apurada a origem dessas dívidas e os seus responsáveis.

Como vereador já propus e vamos realizar uma Audiência Pública para discutirmos essa situação. Penso que não podemos tolerar mais tanta impunidade.

As marcas de uma administração ⁷⁰

Todo governo deixa a sua marca. Se falarmos em Juscelino logo traremos à nossa memória a construção de Brasília ou a sua política desenvolvimentista, representada principalmente pelo ingresso da indústria automobilística no Brasil; se Getúlio for evocado não nos lembraremos apenas do trabalhismo, mas também da ditadura Vargas; a marca de Collor não se resume ao impeachment, mas também na vergonhosa corrupção que grassou em seu governo; Fernando Henrique também deixará várias marcas, dentre elas a implementação do plano de estabilização monetária (iniciado no governo Itamar) e a entrega do patrimônio brasileiro ao capital internacional.

Enfim, cada governo com suas marcas, marcas que vão se apagando com o passar do tempo, permanecendo apenas as mais fortes, sejam elas positivas ou negativas. O tempo, somente o tempo para definir. O tempo, de forma implacável, estabelece no imaginário popular aquilo que ficará glorificado ou estigmatizado.

Há governos que, por estabelecerem marcas profundas, se transformam em mitos. Alguém porventura desconhece as figuras emblemáticas de Carlos Magno ou Júlio César? O estigma de Hitler será esquecido algum dia?

Da mesma forma ocorre no âmbito municipal. Puxe o leitor pela memória e façamos juntos um esforço para ver o que restou das administrações Braz, Humberto, novamente Braz, Luís Antônio, José Cerveira, Zé Elias, Totó Câmara, Jorge Antonio Salomão, Napoleão Francisco de Souza e daí sigamos cronologicamente, até chegarmos em 1935 com o primeiro prefeito de Dourados, João Vicente Ferreira.

70 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2001.

O que restou em nossa memória coletiva dessas administrações é a marca de cada uma delas. E no presente, podemos falar da existência de alguma marca para o governo Tetila?

Vejamos: no governo Tetila, via Secretaria de Infraestrutura, já foram utilizadas cerca de 750 cargas (em caminhões com caçamba) de massa de asfalto, para tapar buracos deixados pela administração anterior, o que significa gastos em torno de três milhões de reais. Já se asfaltou a Vila Arapongas, fez-se o recapeamento das ruas Hayel Bon Faker e Monte Alegre, está sendo feito o recapeamento do BNH 4º Plano e se implementará esse trabalho no Portal, Jardim Vieira, Jardim Europa, Jardim Maracanã, dentre outros. Até o final do ano, se nada correr mal, estarão se iniciando obras de pavimentação em vários bairros, umas com recursos do governo federal, com contrapartida da prefeitura, outras com a implantação do asfalto comunitário. Enfim, só nesse final de ano e início de 2002 estarão sendo investidos mais de 11 milhões em obras de recuperação e asfaltamento na cidade.

Na Educação, com recursos Federais na ordem de 800 mil reais e contrapartida em torno de 150 mil reais da Prefeitura, Tetila entregou aos estudantes da rede municipal de ensino, a reforma de dezenas de banheiros, cozinhas e 170 salas de aula, com material e mão de obra de primeira qualidade, dando às escolas municipais uma aparência agradável e acolhedora. Hoje é gratificante visitar uma escola pública em Dourados.

No âmbito da Saúde, está sendo implementada ampla reforma que trará como consequência, no curto prazo, a implantação de quarenta e duas equipes do Programa de Saúde Familiar, a implantação de quatro Postos de Referência em atendimento, a reforma de todos os Postos do município, a implantação do Cartão SUS de atendimento, o funcionamento do Hospital Universitário...

No setor da Administração, além da moralização do serviço público, tem-se a implantação do PAS - Plano de Assistência ao Servidor - a valorização do funcionalismo por intermédio de cursos de capacita-

ção, a criação do Arquivo Público Municipal e do Coral dos Servidores, o investimento no setor de informática e o desenvolvimento de uma política de incentivo às cooperativas...

Na Secretaria de Fazenda verificamos um significativo aumento da arrecadação, o pagamento religiosamente em dia aos fornecedores e ao funcionalismo, inclusive, a promessa do pagamento do 13º salário no dia 7 de dezembro, fato inédito na história de Dourados.

Na Secretaria de Assistência Social, Cidadania e Habitação dezenas de programas buscam resgatar a dignidade humana daqueles que não se deram bem com a vida. Seria até difícil enumerá-los, embora salte à vista o trabalho da Casa da Acolhida e os Programas de Habitação Popular.

No âmbito do Planejamento, além da elaboração de um Plano Diretor para Dourados, a atual administração está radicalizando na preservação dos parques e fundos de vale. As futuras gerações, com certeza, desfrutarão de boa qualidade de vida graças a essa iniciativa.

Na Agricultura temos a implantação das roças comunitárias, a recuperação das estradas rurais, a produção de milhares de mudas, o incentivo do uso de fogão solar pelas comunidades indígenas, o apoio ao produtor familiar...

Na Secretaria de Serviços Urbanos e Transporte também já se pode sentir uma melhora sensível no que tange à limpeza pública, coleta de lixo, iluminação pública e transporte coletivo, Dourados está mais limpa, mais florida, mais alegre...

Na Secretaria de Governo, além da coordenação das ações do governo, a atual administração implantou o Orçamento Participativo, uma obra grandiosa que devolve à população o direito de estabelecer o seu destino.

No âmbito da cultura e do esporte, ao mesmo tempo em que se continua a prestigiar os eventos tradicionais, avança-se no sentido de abrir novas oportunidades, especialmente entre as camadas populares da população...

Mas, o que desejo hoje é falar sobre a Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo. No campo do turismo, além das atribuições normais está sendo preparada uma grande festa para o ano que vem. No âmbito do comércio já foram tomadas várias providências no sentido de se estimular as vendas e de se trazer para Dourados o sonhado *Shopping Center*. No que diz respeito à indústria a Secretaria está trabalhando em programas desenvolvimentistas voltados para atrair grandes agroindústrias e, ao mesmo tempo caminhando lado a lado com programas de fortalecimento de pequenas empresas e empreendendo a implantação de fábricas-escola.

O primeiro exemplo de fábrica-escola está se dando com a indústria de calçados. Está voltando para Dourados a tradicional família Areco que vai reabrir a sua indústria de calçados em forma de fábrica-escola. A indústria fabricará duzentos pares diários e ensinará a profissão a dezenas de douradenses que estarão, dessa forma, se preparando para quando Dourados receber indústrias de maior porte, como a Uberabão, por exemplo.

Não nos esqueçamos que dois curtumes estarão se instalando em Dourados e trabalhando cada um com 500 peles/dia. Esse empreendimento abrirá novas perspectivas para a indústria de calçados, cintos, bolsas e produtos similares.

Nesse momento é que esse trabalho da fábrica-escola se fará sentir porque se estará aproveitando a mão de obra douradense, já devidamente preparada, aliviando assim o flagelo do desemprego.

E, a exemplo do couro, as mesmas iniciativas estão sendo tomadas em relação à indústria têxtil e moveleira.

Tetila tem o privilégio de coordenar uma equipe empolgada com o trabalho, e vai consolidando junto à sociedade a sua merecida fama de homem honesto, justo e capaz.

Quem sabe algumas dessas iniciativas se transformarão em marcas desse governo. Só o tempo dirá. Mais uma vez o tempo.

O fim do voto secreto na Câmara de Dourados⁷¹

Quarta-feira passada, dia 13 de junho, foi um dia histórico para o Legislativo de Dourados. Nesse dia na sessão da Câmara Municipal foi apreciado um Projeto de Lei, por mim apresentado, e aprovado por unanimidade, estabelecendo o fim do voto secreto em quaisquer circunstâncias.

Coincidentemente, logo após a aprovação do projeto, houve uma votação secreta: a última. Isto porque embora a Lei já estivesse aprovada, somente entra em vigor após publicação no Diário Oficial do Município.

Os vereadores pousaram para os fotógrafos, depositando na urna o seu último voto secreto. Tratava-se de uma concessão de Título de Cidadão. Ninguém se recusou em ser fotografado, logo, concluímos que todos entenderam que participavam de um acontecimento histórico que merecia ficar gravado para a posteridade.

A partir de agora todas as votações serão abertas. Os eleitores saberão se os seus vereadores estão sendo coerentes com os seus compromissos de campanha. Olho no olho, vereadores e eleitores, um avanço democrático, incontestavelmente.

N praticamente todas as votações da Câmara já eram abertas, o voto secreto ficava reservado para as situações mais difíceis: cassação de prefeito ou vereador; concessão de título de cidadão douradense e vetos do prefeito.

Mas é justamente nessas situações difíceis que conhecemos o político que elegemos, portanto, é inegável que o avanço democrático desse processo de votação contribuirá para a transparência no trato da coisa pública.

⁷¹ Postada no site www.biasotto.com.br em 16/06/2001. Cf. Crônicas 2001.

Quem tem que ter o seu voto protegido pelo segredo é o eleitor. A ele deve ser reservado o direito de expressar-se sem que sofra qualquer tipo de constrangimento. Ao menos no estágio civilizatório em que nos encontramos atualmente, devemos manter o voto secreto nas eleições. Talvez no futuro, quando todo eleitor for cidadão, possamos expressar abertamente o nosso voto sem temermos represálias.

Quanto ao político é diferente. O político é eleito para representar um segmento da população que acredita nele, que pensa como ele, portanto, nada mais natural que se expresse abertamente.

Imaginemos que um vereador cometesse um ato condenável. Instaurar-se-ia uma Comissão de Investigação. A Comissão apresentaria o resultado de seu trabalho, em relatório, condenando a ação praticada. Ato contínuo ter-se-ia a votação secreta sendo o vereador em questão absolvido. Teria sentido? Não, não teria sentido, mas as possibilidades de absolvição seriam concretas.

Da mesma forma poderia ocorrer em relação à concessão de títulos e aos vetos do prefeito. Ora, o povo tem todo o direito de saber se o seu vereador manifestou-se favoravelmente ou contrário a essa ou aquela Lei, a esse ou aquele cidadão.

O avanço com o fim do voto secreto é significativo. O político passa a ter obrigação de ser firme em suas convicções. Qualquer deslize exigirá uma explicação muito convincente ou a execração pública.

Enfim, acaba-se com a curiosidade que afetou recentemente os senadores Arruda e Antonio Carlos Magalhães, a ponto de violarem o painel eletrônico do Senado.⁷² Curiosidade? Ora, quem seria ingênuo a ponto de acreditar numa história dessas. A violação do painel teve pro-

72 A violação do painel eletrônico do Senado e toda a posterior discussão em torno do assunto inspiraram-me para a apresentação do Projeto que acabou com o voto secreto na Câmara Municipal de Dourados, a primeira a tomar tal iniciativa em Mato Grosso do Sul e uma das primeiras do Brasil. A violação do painel de votação do Senado deu-se em 28 de junho de 2000, quando da cassação do senador Luís Estevão (PMDB/DF), e envolveu os senadores Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA), presidente da Casa à época e José Roberto Arruda (PSDB-DF), líder do governo. Para fugirem da cassação, Arruda renunciou em 24/05/2001 e Antonio Carlos Magalhães em 30/05/2001.

pósitos muito mais objetivos. Detendo-se o conhecimento de quem é quem dentro do Senado poder-se-ia prognosticar resultados e até exercer a prática abominável da chantagem, tanto em relação aos amigos como, principalmente em relação aos adversários.

Ora, o voto sendo aberto, não haverá necessidade de se violar painéis, mas aumentará consideravelmente o peso da responsabilidade de cada vereador.

Tomara que o exemplo da Câmara de Dourados se dissemine não somente para outras Câmaras, mas também para as Assembleias de todo o Brasil e quiçá para a Câmara dos Deputados e Senado Federal.

O velho discurso conservador ⁷³

No dia 26 de abril dois cidadãos douradenses dirigiram-se a uma emissora de rádio local para darem entrevistas acusatórias ao prefeito Laerte Tetila porque este concedeu água, comida e um caminhão pipa, também para servir água, a um agrupamento de sem-terra que se instalou defronte a sede do Incra em Dourados.

O velho e manjado discurso conservador foi utilizado nestas entrevistas com os argumentos de sempre: Dourados sempre foi uma cidade pacata, de gente trabalhadora, de pessoas honestas, de pagadores de impostos, geradores de riquezas e que, portanto, não admitiam que o prefeito assistisse a esses “invasores” que deveriam estar fazendo o seu movimento na zona rural e não dentro da cidade. Enfim, a mesma catilinária de sempre.

Ora deixemos de falácias. Quando é mesmo que Dourados foi uma cidade pacata? Só se for nos tempos atuais. Pessoas trabalhadoras e honestas existem por aqui, é verdade, mas existem também os que não gostam muito do trabalho e, convenhamos, a ação policial em nossa cidade não é tão fácil. Da mesma forma existem os pagadores de impostos, mas existem os sonegadores. Quer dizer, esses argumentos já estão ultrapassados, é o mesmo que tentar tapar o sol com peneira.

Mas, não desejo discutir esse aspecto. Quero me referir ao fato desses cidadãos investirem contra o prefeito, inclusive acionando o Ministério Público, porque Tetila ofereceu água e comida a esses acampados.

Se Tetila não tivesse oferecido água e comida aos acampados o que se poderia esperar: que morressem de fome? Que saíssem de casa

⁷³ Publicada no Dourados News em maio de 2001.

em casa pedindo? Que invadissem estabelecimentos em busca de água e alimentos?

Ademais, que culpa tem o nosso prefeito se existem os sem-terra? Não foi ele que gerou tamanha exclusão social, quem provocou a existência de tantos excluídos foi o regime político econômico e social que se implantou em nosso país e que produz essas desigualdades.

Esse aspecto o discurso conservador não aborda. Fica apenas na superficialidade, no ataque. Esquecem-se de que os excluídos têm três caminhos principais a seguir: o primeiro leva à bebida, às drogas, ao crime; o segundo é o caminho da fé, da resignação à providência divina, que leva o pobre a viver da caridade alheia; finalmente, o terceiro caminho é o da resistência, da luta em busca de mais justiça social na própria terra. Claro que esse último caminho não exclui a fé, mas os seus seguidores recusam-se a resignação, têm consciência política de sua pobreza e lutam por uma vida mais digna.

Tetila, ao dar-lhes o pão e a água, está coberto de razão. Fez bem em ajudar aos nossos semelhantes. O próprio Cristo deixou muito claro que se devia dar de beber a quem tivesse sede e de comer a quem tivesse fome (Mts. 35: “tive fome e destes de comer; tive sede e me destes de beber). Portanto o prefeito nada mais fez do que praticar um ato humanitário e cristão.

É o mínimo que poderia ter feito, ainda há muito mais por fazer.

Política, politicagem e distorção da realidade⁷⁴

Nem as ciências são neutras. O cientista enfoca e conforma a realidade estudada de acordo com a sua visão de mundo.

Na política, que classifico como arte e não como ciência (embora existam até cursos superiores em “Ciência Política”), as visões de mundo são conformadas pelas ideologias e não propriamente por um referencial teórico e metodológico mais consistente, que é o fator determinante para que se defina alguma atividade como sendo científica.

Ora, se a ciência não é neutra, que dizer da política?

Na ciência, as chances de charlatanismo hoje em dia são raras, portanto, a ciência não é neutra especificamente por desonestidade do cientista, mas por existirem diferentes visões de mundo que nos permitem inferir que é perfeitamente possível que uma realidade científica seja interpretada e reinterpretada posteriormente, daí, inclusive, as constantes revisões que todos os ramos da Ciência sofrem de tempos em tempos.

Na política, o que define a ação é a ideologia, ou seja, um conjunto de ideias que dá sustentação aos partidos políticos ou às classes sociais no sentido de implantarem um governo modelado por essas ideias.

Teoricamente, portanto, o embate político no interior de uma democracia representativa deveria desenvolver-se em torno de programas. Programas que resultassem em Leis que, por sua vez, propiciariam a transformação da sociedade, de forma que o sistema econômico, político e social a vigor fosse de acordo com a visão daqueles que venceram as eleições.

No entanto, uma vitória eleitoral não garante de imediato o estabelecimento de mudanças radicais na sociedade. Isso ocorre em pri-

⁷⁴ Publicada no Diário MS 31/10/2001.

meiro lugar porque existe uma resistência natural às mudanças e, em segundo, graças à ação da oposição que, muitas vezes, torna-se mais forte após as eleições porque se unifica na luta contra os vencedores justamente para evitar as mudanças.

Por essas razões as atividades políticas são complexas, tão complexas que até mesmo muitos políticos não têm consciência do que seja a Política e fazem o que costumamos chamar de politicagem, ou seja, a deturpação da nobre arte de fazer política. Se política é a arte de governar, politicagem é a política de interesses pessoais, da troca de favores, são as realizações insignificantes.

Se na ciência é mais difícil o charlatanismo, na política é fácil se encontrar essa prática. Ocorre que o próprio povo, muitas vezes não diferencia bem as coisas e pensa que o bom político é o que dá remédio, dá bujão de gás; enfim, um clientelista qualquer pode ser considerado um bom político enquanto que um político, nira acepção da palavra, aquele que se nega a praticar ações politiquieiras, pode ser derrotado facilmente.

Isso posto, torna-se perfeitamente compreensível porque alguns “políticos” não se sentem culpados em usar trabalhadores como massa de manobra, como a falta de escrúpulos lhes permite colocar palavras deles, na boca daqueles trabalhadores que há muito perderam a voz.

Tarefa difícil os políticos sérios tem pela frente. Tão difícil que muitas vezes ficamos até sem saber se rimos ou choramos.

Tenho ficado perplexo com muitas coisas, mas existem algumas que são bizarras, do arco da velha, como dizia minha avó: acompanhava o prefeito e o diretor da Funced na final dos jogos distritais, quando um torcedor que estava grudado no alambrado virou-se e lascou essa pérola, que pode bem servir de exemplo ao que estou tentado dizer: “Nóis paga o imposto direitinho prá vocês pagá um juiz que só dá cartão pro nosso time?”.

Que fazer?

A lágrima de Helena ⁷⁵

Meu profundo respeito a todas as mulheres
(e homens) que lutam, choram e sofrem
acalentando um sonho e não se vergam jamais
quando se trata da defesa de princípios.

Vi muitas lágrimas em minha vida. Algumas ajudei a enxugar, outras acompanhei, outras ainda chorei sozinho. Lágrimas são gotas benditas, quase miraculosas. Aliviam a dor, acalentam a esperança e substituem até mesmo o riso, quando a alegria é inconstante. A lágrima, além disso, é a expressão mais forte dos sentimentos humanos.

Dizem alguns que lágrima é coisa de mulher, que homem não chora. Existem até músicas que contribuem para firmar essa crença. Martinho da Vila, por exemplo, já cantou que “o homem que é homem não chora... (mesmo) quando a mulher vai embora...”

Desde minha adolescência, no entanto, aprendi no poema “I-Juca Pirama”, de Gonçalves Dias, que os homens, mesmo os mais fortes, choram. Lembro-me do verso recitado pelo velho Timbirá, pai de um prisioneiro, que ao cientificar-se de que seu filho não era um covarde, como julgavam erroneamente os Aymorés, chorou dizendo: “Corram livres as lágrimas que choro / Essas lágrimas sim que não desonram”.

Nenhuma desonra também nas lágrimas presidenciais de Luís Inácio Lula da Silva, que emocionaram o Brasil, ao ser diplomado. Tão forte foi a emoção do velho sindicalista, tão puro o seu sentimento que, emocionados também, muitos homens e mulheres desse imenso Brasil acompanharam-no.

⁷⁵ Publicada em O Progresso 27/12/2002.

Nunca tinha visto algo semelhante na história do Brasil. Penso que o choro do presidente significa algo mais que a forte emoção que mencionei, suas lágrimas significam que um homem humilde chegou ao poder e tem a exata compreensão da dimensão da missão que o aguarda. O povo brasileiro deve ter compreendido bem isso.

Ao vivo vi outra lágrima que não desonra.

Estava em reunião com o falecido Odilon Martins Romeu, o todo poderoso Secretário de Recursos Humanos do governo Harry Amorim Costa, em 1979, fechando o Plano de Cargos e Salários do Magistério Público Estadual, no momento em que ele soube da destituição do governo, seis meses após a implantação do Mato Grosso do Sul. Uma lágrima rápida rolou-lhe dos olhos. Não comentou absolutamente nada. Não fez uma única crítica. Agradeceu-me pela sinceridade com que desempenhei o meu trabalho, e disse que as minhas críticas contundentes ajudaram-no a olhar para fora da janela do poder, pois lá dentro só existiam os áulicos capazes apenas dos elogios fáceis.

Confesso que o elogio me fez bem naquela época, todavia a lágrima do Secretário deu-me a dimensão exata do seu sentimento. Sua lágrima, embora ligeira, foi para mim um documento claramente compreensível: naquele momento Mato Grosso do Sul deixava de ser um Estado Modelo.

Vi muitas lágrimas, já disse. Nenhuma, no entanto me tocou tanto quanto a lágrima saída dos olhos intensos da senadora Heloísa Helena.

Tive o privilégio de conhecê-la pessoalmente, de ouvi-la, de dialogar com ela. Heloísa Helena é firme, possui absoluta clareza ideológica, tem princípios bem definidos, mas, acima de tudo, é uma criatura meiga, cativante, doce.

A lágrima de Heloísa Helena, não foi uma lágrima comum, não representou um desabafo, uma frustração, uma forte emoção. A lágrima de Heloísa Helena embora bela como uma gota de orvalho a escorrer pela folha verde numa manhã ensolarada, não foi uma poesia. A

lágrima de Heloísa Helena foi um hino. Um hino que somente pôde ser compreendido por aqueles que acreditavam como ela, em mudanças mais consistentes quando o PT chegasse ao poder. Um hino ouvido por todos aqueles que jamais trocaram os seus princípios pela conveniência do momento. Um hino de coerência para com a vida e de louvor aos que acreditam num mundo mais justo, mais fraterno, mais igual.

Emociono-me ainda hoje com o choro do velho Timbira, com o choro de Lula e com o de Odilon Martins, mas a lágrima de Heloísa Helena eu gostaria, se pudesse, tê-la chorado junto.

Carroceiros zeladores ⁷⁶

Pelo que me consta, a ideia dos carroceiros zeladores nasceu da cabeça do prefeito Laerte Tetila, que assumiu com muita coragem a iniciativa de implantar esse projeto. Confesso que quando ouvi pela primeira vez os seus argumentos, logo no início de seu mandato, a favor desse serviço público, tive sérias dúvidas a respeito. Não do benefício social que tal empreitada traria, mas da sua viabilidade prática, principalmente porque não faltariam vozes condenando o uso da carroça já que ela está meio fora de moda nestes tempos contemporâneos.

Tetila, no entanto, é um obstinado, demorou quase um ano para que esse projeto saísse do campo das ideias para se tornar realidade. E eis que aí estão os carroceiros, exercendo uma atividade muito importante. Ouso afirmar que em breve esses carroceiros zeladores cairão nas graças da população douradense. E a principal razão é muito simples, eles não deixarão os buracos ficarem grandes.

Isso mesmo, é óbvio que a grande maioria dos buracos do asfalto nascem pequenos e vão crescendo, crescendo, até se tornarem crateras enormes, como aquelas que a atual administração herdou da administração anterior. E quando os buracos são grandes e numerosos, consomem muito dinheiro. Para tapá-los são necessárias operações vultosas, em detrimento de outras ações que resultariam em novos benefícios sociais.

Tapar buracos é uma das funções dos carroceiros zeladores. Bem treinados que foram, saem pela cidade, em um limite preestabelecido para a sua atividade. Em suas carroças as ferramentas necessárias e um material produzido pela Petrobrás, uma massa asfáltica que está se reve-

76 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2002.

lando mais eficiente que o próprio asfalto tradicionalmente usado para esse fim. Basta que limpem bem o buraco, tapem-no com a massa e dêem uma nivelada. As rodas dos carros se incumbem da compactação.

Vale ressaltar o carinho com que os carroceiros estão realizando esse trabalho. Carinho, aliás, que vem sendo adotado pela grande maioria dos servidores públicos municipais que estão se sentindo valorizados, que compreendem a sua relevante importância para que Dourados seja uma cidade bonita onde se possa viver feliz.

Quanto a discussão de que as carroças são coisas do passado e que estão meio fora de moda, como observei acima, vale ressaltar que esse projeto é de inclusão social. Os carroceiros zeladores recebem trezentos reais mensais, que se revertem em realização pessoal, em sustento para as suas respectivas famílias, em consequentes compras nos mercados e lojas da cidade, em crianças na escola. Em suma, se transformam em circulação monetária, que representa, também, arrecadação de impostos e a (re)constituição de um ciclo em que toda a sociedade acaba se beneficiando.

De qualquer forma, será preciso, ainda, muita coragem e muita criatividade para se fazer com que Dourados retome a sua senda de cidade modelo.

Corrupção, assassinatos e as tentativas de desqualificação ⁷⁷

Dorcelina, Toninho, Celso Daniel, três prefeitos honrados que o Brasil perdeu em pouco tempo, três prefeitos com várias características em comum: todos do PT, todos se puseram frontalmente contra a corrupção, todos faziam administrações transparentes e voltadas para a inclusão social dos segmentos menos favorecidos da sociedade brasileira. Enfim, três prefeitos que pensavam na transformação desse nosso mundo conturbado em uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais igualitária.

Coincidência ou não, somente no estado onde o governo é petista, os assassinos foram presos.

O assassinato do prefeito de Campinas, ocorrido em 10 de setembro do ano passado foi ofuscado, principalmente pela derrubada do World Trade Center, que ocorreu na manhã do dia seguinte.

Quanto a morte do prefeito Celso Daniel parece-me haver uma preocupação excessiva, de alguns setores, em demonstrar que o seu assassinato não se constituiu em crime político. Primeiro foi aventada a hipótese esdrúxula de que segmentos radicais do próprio PT estariam eliminando os prefeitos menos ortodoxos.

Como essa tese da autofagia petista não colou vieram novas interpretações, sempre classificando o assassinato como um crime comum, inclusive gerando uma estranha situação em que as vítimas passam a ser réus. Isso especialmente no caso de Celso Daniel, cujo assassinato se deu em um momento em que o Pentágono não foi alvejado, nem o World Trade Center derrubado, portanto nada que servisse como cortina de fumaça para ocultar o trágico acontecimento.

⁷⁷ Postada no site www.biasotto.com.br em 30/01/2002. Cf. Crônicas 2002.

Quero crer que a mídia, se tinha por objetivo confundir a opinião pública, já cumpriu perfeitamente o seu papel. Hoje, qualquer que seja o desfecho, qualquer que seja o esclarecimento dado a esses crimes, sempre ficará pairando a dúvida. Seria mesmo crime político? Seria mesmo uma conspiração contra o PT?

Desqualificar as ameaças feitas aos prefeitos petistas, inclusive ao de Dourados, é ignorar a história. Será que já nos esquecemos dos duzentos tiros disparados contra a residência de Tetila quando ele era ainda vereador?

Ah! Esse meu Brasil! Com que desfaçatez se invertem as coisas. Os assassinados se tornam culpados por lhes terem tirado a vida; os prefeitos que apresentam dossiês, que representam ao Ministério Público as falcatruas de seus antecessores, ao invés de serem louvados, são taxados de eleitores e oportunistas.

Tetila, por exemplo, ao demorar um ano para apresentar as primeiras denúncias, deveria ser enaltecido pela sua seriedade: só as apresentou quando todos os estudos demonstraram claramente fortes indícios de corrupção. E se ainda podem surgir novas representações é porque os estudos de outros casos são aprofundados de forma que somente serão apresentados ao público se forem consistentes, como os primeiros.

E assim vamos fazendo a nossa caminhada por essa terra. Uns ameaçando, outros matando; uns assaltando os cofres públicos, outros fazendo das tripas coração para botar as finanças públicas em ordem, uns buscando a transparência, outros a desqualificação dos fatos. E, enquanto isso, os carroceiros zeladores vão ganhando o sustento para a família, tapando os buracos no asfalto de nossa cidade, com uma massa asfáltica desenvolvida pela Petrobrás, que talvez ainda nem seja conhecida por certa mídia de um grande centro e muito menos pelas administrações que somente pensam em megacontratos com empreiteiras.

CPI ou metralhadora giratória? ⁷⁸

CPI, como todos os brasileiros sabem de sobejo, é uma *Comissão Parlamentar de Inquérito*, estabelecida pelo Poder Legislativo, tanto em âmbito municipal como estadual e federal, para apurar fatos determinados, que impliquem prejuízo de qualquer natureza ao erário público. Quer dizer, por exemplo, se houver indícios fortes de que o leite da merenda escolar está sendo desviado, ou que a Secretaria de Saúde emprestou para outro município um aparelho de Raio X, em prejuízo dos exames locais, pode-se pedir a abertura de uma CPI, desde que o requerimento seja assinado por um terço dos vereadores que compõe, no nosso caso, a Câmara Municipal. Claro que fortes indícios de desvios de verbas ou de superfaturamento também podem ensejar a abertura de uma CPI.

No caso de Dourados, a CPI da Saúde foi instaurada, segundo os seus subscritores, para apurar “*irregularidades na gestão, execução e movimentação dos recursos federais repassados ao Município de Dourados, pelo Fundo Nacional de Saúde à conta do Sistema Único de Saúde - SUS, relativo ao período de 01 de janeiro de 2001 a 30 de abril de 2002*”.

Ora, onde se encontra o fato gerador de fortes (ou fracos) indícios de algum tipo de irregularidade, para ser apurado?

Simplesmente não existe fato algum que justifique a CPI. Portanto, da maneira como está posta, a CPI constitui-se num processo de busca aleatória, numira devassa no Sistema Público de Saúde de Dourados. Não tendo um objetivo específico, conforme determina a legislação, a CPI da Saúde transformou-se numa metralhadora giratória que dispara, no escuro, para todos os lados, na busca de algo errado.

⁷⁸ Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2002.

Não descarto a possibilidade de certo desespero de nossa oposição em instaurar a CPI. Estamos em ano eleitoral e nossos adversários sabem que os governos Zeca e Tetila estão muito bem conceituados, portanto, armar factoides pode ser uma das razões dessa intempestividade.

Não se pode também descartar o espírito revanchista de nossos adversários. O povo de Dourados não desconhece que a Administração Tetila, conforme havia prometido em campanha, fez várias representações ao Ministério Público em relação aos descabros cometidos nas duas últimas gestões municipais. Esse fato, mais o temor de que novas representações poderão ser feitas, talvez tenha feito com que houvesse uma espécie de medida preventiva. Ou seja, pode-se estar pensando que a CPI da Saúde poderá intimidar ou neutralizar novas representações.

Quem atira no escuro corre o risco de ser atingido pelo ricochete das balas, afinal, como já disse alguém, sabe-se como começa uma CPI, mas nunca se sabe como acaba.

Delcídio senador ⁷⁹

Quando Delcídio do Amaral foi Secretário de Infraestrutura do governo Zeca tive três ou quatro oportunidades de conversar com ele. Na primeira vez, inclusive, acompanhei o prefeito Tetila para solicitarmos apoio financeiro para a revitalização dos Parques Antenor Martins e Arnulfo Fioravante.

Desde o primeiro encontro tive uma boa impressão de Delcídio. Diria que houve uma empatia entre nós. Nesses tempos boa parte do PT não via com bons olhos a entrada de Delcídio no governo e muito menos no Partido.

Mais tarde quando o PT começou a compor as candidaturas para o Senado, defendi o nome de Egon Krakeket para concorrer ao lado de Delcídio. Aliás, sem falsa modéstia, dois anos antes do início da campanha, fui o primeiro a indicar ao governador Zeca a necessidade de Dourados lançar Egon como candidato ao senado pelo PT.

Egon acabou saindo como vice-governador e Delcídio único candidato pelo PT ao senado. E não se desconhece que dentro do partido houve certa resistência ao nome de Delcídio.

Particularmente, não tive nenhuma dúvida. Apoiei Delcídio desde a primeira hora, sem nenhum compromisso de reciprocidade. Apoiei-o porque respeito as decisões partidárias, mas apoiei-o acima de tudo porque ele me inspira confiança. Tenho a esperança e a confiança de que Delcídio não somente será um bom senador, como tenho a expectativa de que será o senador que Dourados jamais teve.

Mas o leitor já deve estar se perguntando aonde o Biasotto quer chegar. Respondo: tenho lido com certa frequência que o senador Del-

79 Postada no site www.biasotto.com.br em 06/12/2002. Cf. Crônicas 2002.

cício está sendo cogitado para ser Ministro da Energia ou Presidente da Petrobrás e eu, particularmente, por tudo o que escrevi acima, penso que Delcídio deve ser senador, o nosso senador.

Como senador Delcídio não poderá furtar-se em ajudar-nos na continuidade do Projeto da Cidade Universitária, no projeto do gasoduto, da termoelétrica, na revitalização dos nossos grandes parques, na duplicação da Guaicurus, no ramal ferroviário (inclusive com o trem universitário).

Enfim, Delcídio senador terá muito mais força política que como ministro. Pelo menos essa é a lógica, pois os cargos eletivos são manifestações da vontade do povo. Nessa situação, na condição de cidadão, de vereador pelo PT em Dourados e como apoiador de primeira hora, quero Delcídio senador.

Destempero verbal ou incitação à violência? ⁸⁰

Importantes políticos de direita cometeram, na semana passada, alguns destemperos que longe de nos causar qualquer sentimento de alegria, por considerá-los fruto de despreparo ou desespero, causam-nos estupefação e receio. Refiro-me ao governador Roriz do Distrito Federal, ao prefeito Agripino, de Presidente Prudente e a Ariel Sharon de Israel.

Os fatos são conhecidos, Roriz, em uma de suas reuniões para distribuir, demagogicamente, terrenos para a população, pediu aos seus ouvintes que vaiassem o “crioulo petista” que se fazia presente. Agripino lamentou que Rainha não tivesse sido morto pela bala disparada por seu amigo fazendeiro, preso em Santo Anastácio por essa tentativa de homicídio. Foi além, desafiou o líder do MST para uma luta na qual já se consagra vencedor pois afirmou que mataria Rainha a tapas.

Seria uma mera coincidência a declaração do primeiro ministro de Israel, Ariel Sharon, mostrando o seu arrependimento por não ter eliminado o líder palestino Iasser Arafat em 82, quando tinha essa possibilidade em suas mãos?

Em apenas uma semana três declarações que somente trazem inquietação aos democratas, de forma geral, e especialmente aos militantes de esquerda. Seria mesmo apenas destempero verbal? Ou seria melhor denominar esses atos de incitação à violência?

Semana retrasada o assassinato de Celso Daniel, semana passada essas declarações. Que nos estará reservado para as próximas semanas neste ano eleitoral?

É bom que nos preocupemos com essas atitudes. É salutar que conheçamos bem as personagens que se movimentam no cenário polí-

80 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2002.

tico. Roriz ganhou as últimas eleições governamentais no Distrito Federal concorrendo com o ex-governador Cristovão Buarque. Cristovão fizera uma administração notável, principalmente em relação ao desenvolvimento da cidadania. Na campanha não pôde, por princípios éticos, prometer reajuste salarial aos servidores públicos. Roriz não teve esses escrúpulos e prometeu. Prometeu sabendo que não cumpriria e não cumpriu realmente. O Distrito Federal, que tem funcionários públicos em abundância, negou a reeleição a Cristovão Buarque.

Numa democracia essas coisas são perfeitamente possíveis. O povo escolhe quem tem a melhor proposta e, no caso, a melhor proposta era o reajuste prometido por Roriz. Só que nas próximas eleições esse fato será lembrado. Collor também tinha melhor proposta que Lula, em 1989 prometia o céu, enquanto Lula somente se comprometia com aquilo que tinha forças para realizar. Deu no que deu.

Em relação ao prefeito Agripino de Presidente Prudente, é bom lembrar que construiu um império econômico escorado no ensino superior. Aproveitando-se do descaso dos últimos governantes brasileiros em relação às Universidades Públicas, e beneficiando-se com a absoluta falta de critérios para a expansão do ensino superior particular, tornou-se um dos homens mais ricos do Brasil.

Enquanto isso, na Globo o comentarista Arnaldo Jabor transformava o ato de incitamento em pilhéria. Após relatar que Roriz chamara o crioulo de petista, mas omitindo que conclamou o público a vaiá-lo, ironiza: e se um crioulo do público chamasse Roriz de branquelo, haveria aí alguma ofensa?

É isso. Tem gente para falar asneiras e gente para justificá-las. Só desejamos que todas essas coincidências não passem de um destempero verbal, mesmo porque se estivermos diante de uma reação de desespero da extrema direita desse país, inconformada em ceder espaços cada vez mais amplos para forças progressistas que aos poucos vão ganhando a confiança e a simpatia do povo, então a previsão é que teremos nuvens muito cinzentas a recobrir o nosso céu de anil.

Eleições na Câmara Municipal ⁸¹

As eleições para a composição da Mesa Diretora das Câmaras Municipais brasileiras realizam-se bianualmente. Em Dourados não poderia ser diferente. De dois em dois anos cumpre-se o mesmo ritual para a escolha de um presidente, um vice, um primeiro secretário e um segundo secretário. Votam e podem ser votados todos os vereadores com mandato. Ao presidente compete a administração geral da casa e presidir as sessões. Ao vice compete substituir o presidente em seus impedimentos. O primeiro secretário incumbe-se das finanças e o segundo secretário é o responsável pelas Atas, correspondências, além da leitura desses documentos em plenário.

Tenho acompanhado, ora mais de perto, ora mais distante, a escolha de presidentes de nossa Câmara Municipal desde 1978. Muitas eleições foram esdrúxulas, dignas, ou melhor, indignas de referência. Muitos vereadores de boa fé foram dormir com a certeza de serem o futuro presidente e acabaram levando o maior susto ao verem compromissos firmados serem descumpridos desavergonhadamente. Há pelo menos um caso em que o grupo, para evitar surpresas, virou a noite junto e, mesmo assim, ocorreu que pouco antes da sessão, um dos integrantes foi buscar o paletó, que havia esquecido, e nesse meio tempo, para surpresa geral, mudou o seu voto.

Para o bem da democracia e do avanço da cidadania os jovens historiadores de Dourados bem poderiam fazer um artigo científico ou uma monografia contando a “História das Eleições da Mesa Diretora da Câmara de Dourados”.

81 Publicada no Durados News em 09/12/2002.

Posso afirmar com toda a convicção que haveríamos de mudar urgentemente as regras da eleição. Ao invés dos vereadores votarem e serem votados, como acontece atualmente, poderíamos estabelecer uma Lei que evitasse quaisquer tipos de negociata.

Tenho uma sugestão que tentei colocar em votação no ano passado, mas foi barrada na Assessoria Jurídica. Ano que vem entrarei novamente com o Projeto e espero melhor sorte.

Veja o leitor como é simples, democrático e protegido contra maracutaías.

O presidente da Câmara será indicado pela bancada que fizer o maior número de vereadores na casa. Havendo bancadas com igual número de vereadores o presidente sairá daquela que obteve maior número de votos. Os demais cargos serão preenchidos obedecendo-se o mesmo critério, ou seja, a segunda maior bancada indica o primeiro secretário, a terceira maior bancada o vice-presidente e a quarta maior bancada o segundo secretário. Grosso modo é isso, embora a Lei deva prever alguns detalhes. Por exemplo, se uma bancada for extraordinariamente grande ela poderá, em tese, indicar os dois cargos principais. Para tanto haveria apenas a necessidade de se estabelecer um coeficiente de votos, da mesma forma como procede a justiça eleitoral para diplomar os candidatos eleitos.

Simple? Se não é tão simples, ao menos é um processo inteiramente transparente e que respeita a vontade do eleitor na medida em que os mais votados serão automaticamente os dirigentes da Casa.

Lula, Marçal e os intelectuais ⁸²

Que é um intelectual?

Difícil responder, justamente porque existem várias respostas. Dentre essas respostas existentes, eu, particularmente, adoto a definição dada por Antonio Gramsci, na sua obra “Os intelectuais e a organização da Cultura”. Quando, portanto, atribuo a designação de intelectual a alguém não o faço arbitrariamente, amparo-me em uma obra clássica sobre o assunto.

Esquemáticamente poderíamos afirmar que intelectual é todo aquele que trabalha com o intelecto. Nesse sentido todos os humanos são intelectuais, pois, grosso modo, mesmo o trabalho físico mais humilde requer certo grau de atividade intelectual.

Todavia, como o próprio Gramsci explica, se alguém eventualmente frita um ou dois ovos, não quer dizer que seja cozinheiro; da mesma forma não se é intelectual apenas porque o intelecto funciona quando se exerce alguma atividade essencialmente motora. Nesse sentido o que se pode afirmar é que não basta a simples ação do intelecto para se ser intelectual, é necessário que a ação do intelecto seja predominante.

Aprofundemos um pouco mais a questão. No sentido até então exposto, pode-se afirmar que um professor seja um intelectual?

Tive um professor de história que ficou famoso por repetir todos os anos a sua aula: os mesmos pontos, as mesmas vírgulas, as mesmas piadinhas sem graça ao final de cada capítulo. Penso que esse tipo de professor somente exerceu o papel de intelectual quando preparou a sua aula, sabe-se lá quando. Depois, ao repetir sistematicamente

82 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2002.

todas as suas aulas, deixou de ser um intelectual para exercer um trabalho mecânico.

Da mesma forma poderia me referir aos médicos, jornalistas, políticos, e outras categorias. Se esses profissionais estiverem exercendo as suas respectivas práticas mecanicamente, de forma repetitiva, não gerando absolutamente nada novo, não tendo nenhum traço criativo, não posso considerá-los intelectuais.

E assim também é com o político. Se o seu trabalho se restringir ao clientelismo, à apresentação de requerimentos e indicações corriqueiras, enfim ao exercício de um mandato robotizado, não teremos aí um político intelectualizado.

Enfim, mesmo os professores, médicos, jornalistas, políticos, gente que trabalha mais com o intelecto do que com a força motora, somente poderão ser considerados intelectuais se as suas respectivas atividades forem criativas.

Disse, recentemente, em um programa de televisão, que Lula é um intelectual respeitado. Foi o que disse, e repito: Lula é um intelectual respeitado. Veja o leitor que não afirmei que Lula é o melhor intelectual, mas sim que é um intelectual.

O prezado leitor pode gostar ou não de Lula. Pode considerá-lo, ou não, um grande líder político, no entanto ninguém pode negar que Lula seja um intelectual. Isto porque exerce as suas atividades no mundo político com criatividade, haja vista, inclusive, a criação do Partido dos Trabalhadores, nascido das lutas históricas travadas contra a ditadura militar no ABC paulista.

A exemplo de Lula, aqui mesmo, em Dourados, bem pertinho de nós, tivemos um outro intelectual: Marçal de Souza, ou Marçal Tupã ‘i. E não fui eu quem afirmou isso. Foi Darcy Ribeiro, com essas palavras, no fatídico ano de 1983, quando Marçal foi assassinado: “Eu disse recentemente que em Marçal morre o principal intelectual de Mato Grosso. Eu sei que aqui está cheio de poetas, de artistas, de romancistas, de autores de livros. Mas como intelectual que sou reconhecido

mundialmente, sei quem são os meus irmãos. O intelectual não precisa escrever livro nenhum, o intelectual é o homem que é o espelho do seu povo, a voz dos oprimidos”.⁸³

83 Estive presente defronte a Catedral de Dourados em 13/12/1983, quando Darcy fez esse pronunciamento, mas devemos a Laerte Tetila a recuperação dessa fala na obra “Marçal de Souza: TupãI um Guarani que não se cala.

Lula: intelectual e estadista ⁸⁴

Em artigo publicado em março deste ano demonstrei que Lula é um intelectual. Além de uma série de argumentações que utilizei para confirmar a minha tese, recorri a uma citação de Darci Ribeiro feita no ano de 1983 defronte a Igreja Catedral de Dourados e reproduzida no livro de Laerte Tetila, sobre Marçal de Souza: Nessa oportunidade, Darci Ribeiro participou de um ato público pela investigação da morte de Marçal afirmou, referindo-se ao índio dos lábios de mel, que “o intelectual não precisa escrever livro nenhum, o intelectual é o homem que é o espelho do seu povo, a voz dos oprimidos”.

A minha defesa de Lula como intelectual não obteve unanimidade entre os leitores. Um colega vereador, em tom de deboche, chegou inclusive a pedir que o artigo fosse registrado nos Anais da Câmara.

Hoje, não somente reitero a minha posição, de que Lula é um intelectual, como vou além, ousando expor a minha convicção de que ele não será apenas mais um presidente, será um estadista, ou seja, terá uma atuação notável que extrapolará os padrões normais.

Claro que a minha posição é mais uma convicção íntima do que uma comprovação científica. Mas essa minha convicção pode perfeitamente se converter em realidade, não só pelo que Lula é, mas pelas circunstâncias atuais. Quero dizer que o homem, público ou não, não obstante seja agente da história é também condicionado pelas circunstâncias históricas do momento em que vive.

Lula é um líder mundialmente reconhecido tanto pela sua participação sindical como pela sua ação política. Na organização do novo sindicato brasileiro, nas greves do ABC, na luta contra a ditadura mili-

84 Publicada em O Progresso 16/12/2002.

tar brasileira, na criação e consolidação do Partido dos Trabalhadores, foi que se forjou essa liderança. Uma liderança que, ao contrário de se tornar arrogante, permaneceu humilde. Lula continua ligado à sua origem e com uma impressionante capacidade de estar sintonizado com os anseios de seu povo.

Homem sofrido, derrotado diversas vezes nas urnas, Lula jamais substituiu a esperança pelo rancor. Por isso tornou-se querido, carismático. Quando estive em Dourados, em outubro passado, a exemplo do que ocorria em todo o Brasil, teve uma acolhida tão calorosa que cheguei a temer que o povo brasileiro estivesse criando um mito, ao invés de um presidente.

Lula está preparado, maduro, pronto para assumir a presidência.

As circunstâncias também o favorecem, principalmente porque o neoliberalismo imposto ao mundo pelo chamado Consenso de Washington se transformou em um estrondoso fracasso, especialmente no que diz respeito à queda vertiginosa do índice de qualidade de vida do cidadão. E, se com a política neoliberal sofreram os brasileiros, muito mais se desgastaram nossos vizinhos sul americanos. Econômica e socialmente arrebatados, mais que o Brasil, nossos irmãos latino-americanos têm no governo Lula a expectativa de reconstrução do Mercosul, que nos daria certo alento para negociarmos mais firmemente com os nossos exploradores históricos.

No âmbito interno temos um terço da população marginalizada, que pode ser inserida no mercado consumidor por via de uma reforma agrária pacificamente negociada, com a implementação de uma política agrícola para o país e com o fortalecimento da indústria nacional que, por via de consequência trará a geração de milhões de empregos (talvez dez milhões).

Fernando Henrique Cardoso talvez até pudesse ter sido o estadista que desejo que Lula seja. Não foi. Embora culto, instruído, bem preparado do ponto de vista intelectual foi o presidente do possível. Lula deverá ser o presidente do impossível. Tenhamos em mente o ensi-

namento de B. Wotton, que nos foi repassado por Eduardo Suplicy em sua obra “Renda de Cidadania”: “é dos campeões do impossível muito mais do que dos escravos do possível que a evolução emana a sua força criadora” (p.109).

Que assim seja!

Os treze primeiros desafios para o segundo mandato de Tetila⁸⁵

Parece existir no imaginário brasileiro, e dos douradenses em especial, um estigma em relação a segundos mandatos, sejam eles obtidos por (re)eleição ou intercalados. Diz-se, por exemplo, que Fernando Henrique fez um bom primeiro mandato e o segundo ruim. No governo de Mato Grosso do Sul Wilson Barbosa Martins teria feito um bom primeiro mandato e um péssimo segundo. Da mesma forma, em Dourados, fala-se que Brás Mello fez uma boa administração em sua primeira gestão e teve um segundo mandato sofrível.

Essas afirmações seriam verdadeiras? Teriam mesmo, esses personagens mencionados, realizado administrações boas em seus primeiros mandatos e desaprendido a governar no segundo?

As coisas não são bem assim. Muita tinta haverá de ser gasta para se avaliar essas questões, colocando-se cada mandato e cada mandatário em seu respectivo contexto.

Não me proponho a essa tarefa no momento, no entanto, somente para deixar o debate em aberto, devo dizer que um ambiente social, administrativo ou mesmo afetivo não se repete. Logo, se admitirmos que os primeiros mandatos de nossos personagens foram bons e que eles mantiveram a mesma performance administrativa, teremos que admitir que as circunstâncias de seus segundos mandatos lhes foram adversas e isso teria atrapalhado a repetição do êxito. Da mesma forma poderíamos inferir que os nossos personagens não foram bons administradores e que seus primeiros mandatos somente foram bons em virtude das circunstâncias favoráveis.

85 Postada no site www.biasotto.com.br 12/10/2004. Cf. Crônicas 2004.

Isso posto, deixemos a questão em aberto e tratemos de refletir sobre os desafios que Tetila deverá enfrentar em seu segundo mandato e sobre algumas precauções que deve tomar.

1. Continuar sendo um homem honesto, ético, trabalhador, sério, firme em suas decisões, firme no comando de sua equipe, sem no entanto perder a sua incomensurável paciência e a sua inesgotável tolerância;

2. Montar uma equipe capaz, a começar pelo secretariado, tanto no que diz respeito ao conhecimento técnico como no que toca ao posicionamento político. Dourados dispõe de quadros dirigentes suficientemente preparados não só para ocupar pastas municipais como para ocupar secretarias estaduais ou mesmo ministérios;

3. Organizar a sua equipe de governo de modo que haja uma soma de esforços que convirjam para a realização dos objetivos traçados. Governo tem que ter equipe e não um conjunto de indivíduos que tenham cada qual o seu rumo. Mesmo que se componha um governo com nomes brilhantes, eles jamais serão uma equipe se não acreditarem no projeto a ser desenvolvido, se não estiverem sintonizados, afinados e com vontade política para executarem os objetivos propostos pelo governo.

4. Sem perder de vista o Plano de governo, estabelecer as estratégias e as prioridades gerais da administração, bem como os objetivos específicos de cada uma das secretarias, de tal modo que todos tenham o norte, as metas de suas respectivas missões;

5. Fazer avaliações frequentes da administração para corrigir rotas, redefinir estratégias e prioridades e alimentar o ânimo para o trabalho e a fraternidade na convivência.

6. Estimular o espírito crítico de sua equipe. Nada de secretários acagianos. Rodear-se de conselheiros bajuladores, ou omissos leva à ruína qualquer governo. Somente governos fracos e incapazes necessitam de bajulações a todo instante. Os elogios são bons e estimulantes, mas devem ser feitos com muito mais parcimônia que as críticas.

7. Criar mecanismos ainda mais eficazes que na primeira gestão para evitar quaisquer possibilidades de corrupção em seu governo. Nesse sentido seriam oportunas algumas medidas, tais como a criação de uma ouvidoria geral e a reestruturação da central de atendimento; a criação de uma central de compras na secretaria de fazenda e uma central de recebimento de mercadorias na secretaria de administração. Também pode se avançar ainda mais no que diz respeito aos processos de licitação, abrindo-se a sala de transparência e aperfeiçoando-se as licitações que passariam a ser feitas em tempo real via internet.

8. Valorizar a experiência adquirida pelos portadores de cargos de confiança, mas procurar, tanto quanto possível, promover o remanejamento de pessoal para que não haja acomodação e nem a ocorrência de vícios administrativos. Em outras palavras, mesmo que se empregue o mesmo pessoal em funções de confiança é necessário o remanejamento, para que a administração não envelheça, ao contrário, para que seja sempre dinâmica e atenta;

9. Como ensina Carlos Matus⁸⁶, estabelecer a mediação entre o passado e o presente e entre o presente e o futuro. Lembrar nesse caso que, do passado faz parte também a sua primeira administração. Aprender com os erros do passado é uma boa lição que se pode buscar na história. Com os pés no presente, não tirar os olhos do futuro e não ter medo de ser ousado, pensando sempre que é possível a construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna, mais igualitária, onde se possa desfrutar de um meio ambiente saudável;

10. Avançar ainda mais no estabelecimento de um governo popular, contribuindo para com a organização da sociedade de modo que não haja retrocessos em nenhum setor da atividade humana em relação a tudo o que já foi realizado. Nesse sentido o Orçamento Participativo,

86 O economista chileno Carlos Matus exerceu importante cargo de assessoria no Ministério da Economia do Chile. Escreveu sobre a mediação entre passado e presente na obra: *Adeus Senhor Presidente: Governantes Governados*. São Paulo. FUNDAP, 1997.

a Casa dos Conselhos, os Conselhos Gestores devem ser aprimorados e a relação institucional com sindicatos, associações, clubes de serviços e entidades de classe deve ser ampliada;

11. Estabelecer uma articulação direta com o governo do estado e com o governo federal, abrindo espaços ainda maiores para o desenvolvimento de nosso município (e de nossa região). Manter-se articulado diretamente com a bancada federal petista e estabelecer uma agenda mínima para Dourados, com os deputados estaduais, federais e senadores de partidos opositores. Estabelecer com os diretórios municipal, regional e nacional do PT, um diálogo frequente. Ter em mente que a fidelidade aos aliados é uma obrigação, mas exigir que a recíproca sejira. Nunca esquecer que o respeito à oposição é sagrado, mas lembrar-se sempre de que a oposição também tem compromissos com o povo e não deve sobrepor questões pessoais, mesquinhas e eleitoreiras aos interesses coletivos;

12. Elevar a arrecadação sem aumentar tributos. Um governo popular tem obrigação de gastar com parcimônia, no entanto, reduzir gastos é uma coisa que já deve ou deveria ter sido feita, reduzir investimentos é outra coisa que não pode acontecer sob pena de termos uma atrofia administrativa. Portanto, em seu segundo mandato Tetila tem que encontrar urgentemente os caminhos para aprimorar a arrecadação de modo que o município possa continuar investindo em bons salários e no aprimoramento dos servidores públicos bem como em obras de infraestrutura que permitam o desenvolvimento de Dourados.

13. Nesse mesmo sentido, ao invés de se extinguir secretarias e cortar o número de funcionários, é urgente, além da já mencionada elevação de arrecadação, a (re)negociação da astronômica dívida do município, a revisão do caso Prodados e a revisão dos pagamentos da dívida junto ao INSS, mesmo que isso custe um rompimento com esse instituto. Só para se ter uma ideia, a dívida com o INSS era de 44 milhões no início de 2001. A atual administração recolhe em torno de 1,1

milhão/mensais e a dívida ao invés de ser amortizada já está na casa dos 66 milhões.

Ao vencer a eleição municipal Tetila já deu um passo largo no sentido de quebrar o tabu da (re)eleição. Tem tudo para fazer um segundo mandato ainda melhor que o primeiro:

1. A cidade encontra-se bem melhor do que em 2001, quando assumiu pela primeira vez;

2. A experiência administrativa acumulada é muito grande e benéfica;

3. O governo estadual, que já deve ter se convencido de que Tetila é bom de administração e bom de voto deve aumentar ainda mais o apoio que vem dando;

4. O relacionamento com o governo federal e em especial com Lula é muito bom e vai ser muito benéfico para Dourados;

5. A conjuntura nacional é favorável. O governo Lula não só está fazendo com que a economia nacional retome o seu desenvolvimento, mas está inserindo o Brasil como liderança no concerto das nações. Precisa ousar ainda mais;

6. A conjuntura estadual também é boa. Zeca tirou o estado de Mato Grosso do Sul do fundo do poço, retomou o desenvolvimento e demonstra em seu segundo mandato grande habilidade política e administrativa.⁸⁷ Tem uma aproximação muito grande com o governo Lula. Tem que tomar muito cuidado ao compor o arco de aliança para 2006;

7. A conjuntura municipal também é favorável. Tetila, já não é temido por ninguém, ao contrário é respeitado como homem público.⁸⁸ Da mesma forma que Zeca e Lula, também retomou o desenvol-

87 Quando Zeca assumiu o Estado em 1999, a arrecadação de Mato Grosso do Sul girava em torno de 30 milhões mensais, entregou o governo ao seu sucessor arrecadando em torno de 450 milhões mês.

88 Desde a criação do Partido dos Trabalhadores em 1980, vários setores da sociedade - incluindo-se integrantes de partidos de direita e parte da mídia - impingiram a pecha de que o PT seria um desastre se assumisse o poder. Daí o temor em relação às administrações petistas. No caso de Dourados em relação a Tetila.

vimento douradense e está caminhando para transformar Dourados em uma grande metrópole regional, no entanto não pode descuidar-se do desenvolvimento das cidades vizinhas para que não haja um esvaziamento demográfico na região e um “inchaço” demográfico em Dourados. Deve deixar os problemas do cotidiano para a sua equipe e cuidar das questões maiores, que envolvam articulações de âmbito estadual, nacional e mesmo internacional. Antes pecar por ousadia do que por omissão. Nunca se esquecer de que cofre vazio não se enche com cortes em investimentos, mas com aumento da capacidade arrecadadora (sem aumentar tributos).

Pronunciamento em 13 de dezembro de 2004⁸⁹

Nessa última sessão ordinária dessa legislatura, que nos perdoem os munícipes, mas ao invés das indicações de praxe, vamos deixar a nossa despedida.

Ao sufragar o nosso nome em outubro de 2000, para ocuparmos uma vaga nessa Casa, o povo de Dourados concedeu-nos a honra de representá-lo nesse mandato e permitiu-nos a oportunidade de pagarmos à nossa cidade um pouco do débito que contraímos com ela ao longo de mais de 30 anos em que aqui vivemos.

Deixando para trás parentes e amigos, chegamos em Dourados em março de 1974 com o nosso fusquinha 67, trazendo conosco a nossa pequena biblioteca, uma mala com as nossas roupas e, na carteira, 500 cruzeiros. Rompemos fronteiras com a esperança de construir a nossa vida a partir dos conhecimentos que conseguimos após anos e anos de estudos.

Um migrante! Um indócil professor migrante, que paga um alto preço pela sua independência e altivez.

Mas, não obstante os (des)encontros e tropeços, no conjunto da obra, podemos dizer que em Dourados encontramos a felicidade. Constituímos uma família a qual amamos e pela qual somos amado e, se não amalharmos grandes conquistas materiais, obtivemos aquelas que, em nossa maneira de entender, são as duas maiores riquezas que se pode imaginar neste mundo: amigos (que temos em bom número) e um nome honrado.

89 Pronunciamento feito na última sessão ordinária da Câmara Municipal de Dourados, exercício 2001 – 2004. Postado no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2004.

Mas, se por um lado Dourados nos proporcionou tanto, por outro, sempre tivemos consciência de que o homem é o sujeito da história. Por isso não passamos essa vida em brancas nuvens. Trabalhamos muito e trabalhamos firme. Com alguns colegas visionários do Campus de Dourados da UFMS idealizamos, no início dos anos 80, a UFGD – Universidade Federal da Grande Dourados. Criamos o Teatro Universitário de Dourados e o Centro de Documentação Regional. Conseguimos a abertura de diversos cursos de terceiro grau. Idealizamos o Festival de Teatro Universitário de Dourados e incentivamos o quanto pudemos a cultura de modo geral. Participamos ativamente do movimento sindical em Dourados, criamos o atual SIMTED, a atual FETEMS e a ADUFDourados - Associação dos Docentes da UFGD/Dourados. Com os professores Leocádia Aglaé Petry Leme, Luís Antonio Álvares Gonçalves e Jorge João Chacha idealizamos o projeto Cidade Universitária, hoje o maior projeto que a nossa região detém.

Eleito vereador em 2000 tivemos um mandato com muito trabalho, mas, de certa forma um mandato truncado. Primeiro por exercer a liderança do governo na Câmara em uma época em que a nossa oposição era maioria e em que a experiência do PT em governar Dourados estava se iniciando. Não obstante, aprovamos todos os projetos do executivo que hoje tanto beneficiam a nossa cidade.

Mas, o nosso mandato foi truncado principalmente quando ocupamos a Secretaria de Governo do Município. Sabíamos que estávamos indo para o sacrifício, mas a nossa lealdade ao nosso Partido e ao Projeto de Governo que ajudamos a eleger, não nos permitiu a omissão e, na Secretaria de Governo, pelejamos como “El Cid”, o legendário guerreiro ibérico.

Voltando para a Câmara, continuamos a nossa luta e, mesmo tendo sido afastado do núcleo duro do poder, se não pudemos ser um grande pelejador, fomos talvez um Brancalone sonhador.

Em 2005 viveremos uma nova história. Se não formos o Cid e nem sequer o Brancalone, haveremos de ser pelo menos um D. Qui-

xote, porque mesmo que seja para lutar contra os moinhos de vento, o importante é lutar. Lutar por aquilo que acreditamos lutar pelos nossos princípios, fugindo sempre das conveniências. Lutar para manter a esperança de que é possível a construção de uma sociedade mais justa, mais fraterna e, principalmente, mais igual.

Obrigado povo de Dourados, obrigado à minha família, ao PT, aos amigos e amigas, à nossa assessoria, aos funcionários dessa Casa, aos vereadores e vereadoras que, com elevado espírito público, suportaram as nossas rabugices.

Somos também muito gratos ao presidente Lula, ao Ministro José Dirceu, aos ex e atual ministros da Educação, respectivamente, Cristóvão Buarque e Tarso Genro, à bancada federal de MS, especialmente à bancada petista e também ao governador Zeca do PT, que nos ajudou muito, principalmente, no projeto da Cidade Universitária e da UFGD.

Obrigado por fim, ao Prefeito Tetila e a toda a sua equipe, com quem partilhamos uma administração democrática, dinâmica, inclusiva e honesta, reconduzindo Dourados para a senda do seu desenvolvimento.

Com a mesma serenidade com que ingressamos no mundo parlamentar, o estamos deixando agora. Como historiador social conhecíamos bem o funcionamento dos Poderes da República, mas como parlamentar e Secretário de Governo, penetramos nas entranhas do poder, sentimos o seu sabor e o seu cheiro. Estamos prontos e preparados para voltar ao mundo da historiografia e refletir sobre essa história. Muito obrigado.

Toda irreverência será castigada ⁹⁰

A palavra é ferramenta indispensável para os atores de várias atividades humanas. Na política, por exemplo, é instrumento fundamental, seja na tribuna, nas articulações de projetos ou alianças e também para as conspirações, conchavos e intrigas. Cada personagem utiliza-se da palavra para um fim, de acordo com os seus princípios ou conveniências. Os que fazem bom uso da palavra, conciliando-as com suas ações práticas, ou seja, aqueles que têm uma atuação notável no desempenho de suas funções públicas são considerados estadistas, os que não conseguem essa interação corrompem o próprio significado da palavra política.

A política é uma arte, a arte de bem governar os povos, embora tanto o Aurélio como o Houaiss insiram a política no campo das ciências, o que nos parece correto uma vez que quando se trata de estudar sistematicamente os fenômenos referentes ao Estado estamos fazendo Ciência.

Mas, voltando à arte de governar, convenhamos, em nossa cidade, nosso estado e em nosso país, temos muito bons políticos, embora não nos faltem também todos os tipos possíveis e imagináveis de políticos que nos causem verdadeira indignação. Às vezes somos muito exigentes com os políticos que nos representam, no entanto, o que seria o mundo sem eles? Dá para imaginar?

Certa feita, quando exercia o mandato de vereador (2001-2004), disse que, na Câmara travávamos de forma civilizada a guerra civil que se espalharia pelas ruas da cidade se não estivéssemos lá para representar os vários segmentos sociais.

Continuo pensando da mesma forma, embora reconheça que alguns segmentos têm representação de mais, outros de menos, principalmente a partir desse ano de 2005 em que o número de vereadores

90 Postada no site www.biasotto.com.br no dia internacional da mulher, 08.03.2005. Cf. Crônicas 2005.

foi reduzido drasticamente. O que desejamos dizer é que, pelo menos na Câmara de Dourados, nunca vimos ou soubemos que algum tipo de reivindicação de segmentos sociais não tivesse sido encampado por algum vereador. Isso quer dizer que a sociedade tem voz, é representada, embora muitas vezes essa voz, essa representação possa não encontrar ressonância, possa constituir-se em clamor no deserto.

Considerando-se corretas essas nossas opiniões acima expostas, haveremos de concluir que todos nós, cidadãos, devemos nos empenhar para vermos fortalecido o sistema democrático representativo, de tal forma que possamos dizer com altivez que tal vereador, tal deputado ou senador nos representiram.

Para tanto ainda temos um longo caminho a percorrer, ainda temos que avançar muito, seja renovando as estruturas partidárias caducas, seja proporcionando o financiamento público das campanhas e estabelecendo a fidelidade partidária, seja avançando na democracia participativa e impedindo certos vícios como a compra de votos e o sufocamento daqueles que ainda têm a capacidade de se indignar e de serem independentes para ser voz na tribuna de todos os independentes e irreverentes que, felizmente, não são poucos.

O nosso burgomestre em Coimbra ⁹¹

Coimbra do choupal, ainda és capital, do amor em Portugal/
Ainda/ Coimbra onde uma vez/ com lágrimas se fez
a história desta Inês/ tão linda/ Coimbra das canções
tão meigas que nos põe/ os nossos corações/ a luz
Coimbra dos doutores/ prá nós os teus cantores/ a fonte
dos amores és tu/ Coimbra é uma lição/ de sonho e tradição/
o lente é uma canção e a lua a faculdade/ o livro é uma mulher/
só passa quem souber e aprende-se a dizer/ saudade ⁹²

E lá se foi o nosso prefeito Laerte Tetila, voando, voando... sozinho, tão só e no meio de tanta gente que vai no avião. Sozinho não, pois leva um cadinho de Dourados na pasta e outro pouco no coração. E vai, em poucas horas, transpondo o Atlântico, o mesmo Mar Oceano que os portugueses, em 1500, demoraram mais de mês para fazer a travessia.

A viagem de Tetila é ao mesmo tempo de trabalho e de recompensa. Em Coimbra será um dos 25 prefeitos brasileiros a receber uma comenda pela excelência administrativa. A recompensa, no entanto, não será apenas o prêmio, mas a oportunidade de trazer novas luzes para a sua atual gestão.

Isso porque Coimbra é considerada a capital do saber, sua Universidade é a terceira mais antiga da Europa, antes dela só Bolonha e, se não me falhar a memória, Paris. Coimbra orgulha-se de sua Universidade como nós nos orgulhamos das nossas.

91 Escrita em 2005.

92 Coimbra, música de Raul Ferrão e letra de José Galhardo, é um fado que se tornou verdadeiro hino de louvor à cidade de Coimbra, Portugal.

A biblioteca da Universidade de Coimbra foi construída com madeira levada do Brasil e de lá Tetila poderá trazer boas ideias, a exemplo dos cariocas, que dispõe de uma réplica da biblioteca de Coimbra, o Centro de Estudos Portugueses, uma obra magnífica com mais de 600 mil livros.

Ainda na Universidade Tetila poderá visitar o Jardim Botânico, criado em 1772 e, como antes de partir deixou lançada a obra do Horto Municipal, poderá, ao regressar, vir com bons planos a esse respeito.

Se visitar o Largo da Sé Velha poderá ver uma Feira Medieval, se é que ainda funciona, e também dessa visita poderá tirar grande proveito uma vez que temos em Dourados pelo menos três boas feiras de produtores que poderão se tornar feitas permanentes.

Tantas e variadas são as perspectivas para Tetila aproveitar bem a sua viagem que é difícil enumerar. Portugal, acompanhando a tendência Europeia tem se dedicado a melhorar o Índice de Desenvolvimento Humano de sua população e Coimbra é um ótimo paradigma nesse sentido. O desenvolvimento econômico está bem acompanhado pelo desenvolvimento social e pelo desenvolvimento artístico e cultural. Tetila, como geógrafo que é, sabe muito bem que existe muito mais coisas para serem apreciadas além do rio Paraná, muitas experiências ricas, muita história, muita tradição. Valerá a pena ter ido, estou certo de que Dourados ganhará com isso.

Todos os cidadãos douradenses assim crêem, tanto que a Câmara aprovou por unanimidade de votos a sua primeira viagem internacional. De minha parte fico por aqui torcendo para que o nosso prefeito tenha incluído em sua bagagem o projeto que há poucos dias lhe entregamos que é intitulado: “Dourados: Cidade Educadora” e veja in loco esse tipo de experiência muito em voga na Europa, principalmente na Espanha e em Portugal.

A morte do mestre ⁹³

O que se poderia esperar de alguém cujo nome estivesse sendo cogitado para ser Secretário de Educação?

Que estivesse preparado ou que se preparasse, responderá o atento leitor.

É isso, pois não basta ter boa vontade. A formação, o preparo, a experiência e a capacidade de manter a mente aberta para a atualização continuada têm peso significativo para quem pretende atuar como administrador público.

Procurei atualizar-me, rever conceitos, estudar novas teorias, capacitar-me para o cargo que me fora oferecido logo após as eleições de outubro de 2004. E nessa busca, com certeza muito construtiva, ao invés de encontrar o caminho para a Secretaria de Educação, encontrei a explicação, o motivo que fez com que uma das tendências do meu partido, o PT, não permitisse a minha nomeação.

Minha maior dificuldade estava relacionada à Educação Infantil, primeiro porque nunca foi o meu campo de atuação, depois porque essa modalidade está em fase de implantação no Brasil e, de modo particular, em Dourados. Para superar as minhas dificuldades li várias obras a respeito, inclusive “Brincar, conhecer, ensinar”, de Sanny S. da Rosa, publicada pela Editora Cortes, quando me deparei com o capítulo intitulado “A morte do mestre: ou sobre o fim da tarefa educativa”.

Nessa obra aprendi que Alcebiades, discípulo de Sócrates, em um discurso, confessou que o seu desejo era que ele [Sócrates] “desaparecesse de entre os vivos”. O sentido dessa frase é que somente com a morte do mestre ele poderia usá-lo. Trata-se, portanto, de um processo

93 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

de destruição marcado por ataques e desafios à autoridade e ao saber do mestre.

O mestre deve “suportar” os ataques, não passivamente, mas impondo-lhes resistência. Suportar significa sobreviver e usar o mestre significa comunicar-se com ele sem que haja a relação mestre/discípulo, mas uma comunicação sem medo, de forma que o saber do mestre seja um “instrumento do processo de crescimento e diferenciação do educando”.

Heureca! É isso mesmo pensei com os meus botões. Eu tinha a necessidade de ser “morto”, pois o grupo que pretendia a Secretaria de Educação era encabeçado por ex-alunos meus. Bons alunos, como Alcebíades, têm necessidade de “matar” o mestre.

Interessante é que eu sabia, na prática, exatamente como se dá esse processo. Só que nunca tinha teorizado sobre ele, a leitura do livro “Brincar, aprender, ensinar” foi como um estalo, uma luz súbita que iluminou as muitas “mortes” pelas quais passei.

Vários alunos “mataram-me” ainda em plena sala de aula, outros “mataram-me” anos depois de formados. E as minhas “mortes” não aconteceram apenas em relação aos meus alunos de sala de aula, fui “morto” pelos meus sucessores no Sindicato dos Professores, fui “morto” como criador da ideia da Universidade Federal da Grande Dourados, e tantas vezes fui “morto” que nem sei contar.

Com as minhas primeiras “mortes” eu não me conformava, achava ingratidão ver alunos de graduação contestando o que lhes ensinava; depois passei a admitir que o bom professor era justamente aquele cujos alunos o superavam, então passei a instigar os meus alunos a contestarem os meus ensinamentos. Hoje compreendo mais claramente essa situação: a morte do mestre é a vida do aluno, é o seu batismo, a passagem de discípulo para a condição de mestre. Por sua vez a resistência do mestre é a sua própria renovação, é a demonstração da sua capacidade de continuar aprendendo e superando-se.

A experiência tem me mostrado que quando esses “matadores” de mestres são também eles próprios mortos, há uma espécie de (re) conciliação ou de (re)conhecimento desse processo que acaba sendo muito rico para todos.

Portanto, a conclusão é de que quanto mais o mestre é morto mais obras ele criou. Por outro lado, há que se considerar a responsabilidade de quem “mata” o mestre: se o seu projeto resultar em benefício inferior ao oferecido pelo mestre “morto”, o “matador” não passará de charlatão oportunista.

Depois da grande enchente... ⁹⁴

Conjugaram-se várias forças da natureza, muito mais do que aquelas necessárias para uma chuva branda, chamada na roça de chuva criadeira. Ajuntaram-se dessa feita à elevada umidade relativa do ar a entrada de frente fria, com nuvens espessas, escuras e carregadas, com raios, trovões e ventos fortes. A natureza toda ficou carrancuda, demonstrando claramente não estar gostando daquela associação. Então mandou água. A chuva veio pesada, primeiro escura, por trazer de volta à terra partículas de poluição, mas depois de ter descarregado as impurezas que pairavam no ar continuou forte, e caiu demoradamente sem se importar que o seu som monótono fosse quebrado de vez em quando pelo toque mais acentuado dos granizos que, embora pequenos eram tantos que escondiam o verde da grama com a sua cor esbranquiçada.

Na cidade o chão impermeabilizado pelo asfalto e pelas calçadas de concreto não permitiu a infiltração da água e as enxurradas avolumaram-se, escorregavam pelas galerias de águas pluviais quando elas eram achadas, mas de qualquer forma, em tubos ou pelo asfalto, corriam nervosas à busca do rio. E o rio irado por receber tanta água, corria célere para não afogar-se em si próprio, mas não adiantava, as suas insinuantes curvas, sabiamente desenhadas pela natureza para que o rio não fosse cavando um grande abismo a cada vez que se enfurecesse, funcionava como espécie de freio. Então o rio, como último recurso, lançou águas para fora de seu leito e foi invadindo os terrenos mais baixos.

Na turbulência eram arrastadas árvores inteiras, galhos quebrados, aves e animais que sucumbiram pela fúria da enchente, e os peixes desorientados e cansados por tanto nadarem contra a correnteza aca-

⁹⁴ Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

bavam conformando-se e afastavam-se do leito caudaloso do rio para abrigarem-se em algum remanso que o acaso lhes proporcionava.

Não foi bom para a chuva a junção de tantos elementos estranhos. A destilação da água foi adulterada logo no início de sua jornada ao encontrar substâncias estranhas ao ar, substâncias que são filhas da poluição, a seguir, a água teve a sua pureza violentada pelo asfalto, outro elemento estranho à sua ocorrência natural, enfim não é atribuição da chuva carregar para o rio paus, latas, trambolhos de todo o tipo. Isso sem contarmos com todos os dissabores causados pelo encontro de ventos, raios, chuva e trovoadas.

Ainda bem que depois da tempestade vem a bonança, como dizia a minha avó. Os raios solares ao depararem-se novamente com a terra parecem vibrar novas energias, inspiram algo novo, algo nascendo. Alguma coisa em fim de tempestade tem sabor de fim de noite, nascer de novo dia. As águas procuram novamente o leito do rio.

Mas quanto maior a enchente, maiores as dificuldades. Não falemos das águas que voltam rapidamente à normalidade do rio. Falemos daquelas que não voltam tão facilmente ao leito. Algumas delas não conseguem desvencilhar-se do lodo e pairam em meio a podridão do lamaçal. Muitas das águas que transbordaram purificam-se, umas com grande rapidez sobem límpidas através do processo de evaporação para virar chuva de novo, outras necessitam de mais tempo, infiltram-se no seio da terra até encontrarem um veio que as leve a um lençol de água subterrâneo que depois de vagar pela escuridão do subsolo, um dia voltará translúcida para a superfície.

Depois da tempestade é certo que vem a bonança, mas, para o bem ou para o mal, nem toda água volta ao leito normal do rio após a enchente.

O PT no olho do furação ⁹⁵

Minha família nuclear é composta por cinco membros, o casal e três filhos. Todos somos filiados ao Partido dos Trabalhadores e passamos, cada qual às vésperas da filiação, por um “dia de formação” no qual aprendemos os princípios fundamentais do partido. Essa opção partidária, aliada às atividades públicas que desenvolvi nos últimos anos, faz de nosso lar um ambiente propício às conversações sobre temas políticos. Não obstante esse clima democrático, fui interpelado via e-mail por minha filha mais nova, que está fora, sobre a minha opinião a respeito das denúncias que pesam sobre o Partido dos Trabalhadores.

E eu, que em recente escrito disse que o cronista diletante de certa forma era privilegiado por escolher o tema que melhor lhe aprouvesse, vejo-me na contingência de escrever sobre esse estado de crise que se abate sobre o nosso partido, embora ainda condoído e em estado de perplexidade.

Congratulo-me com minha filha ausente por dirigir-me a pergunta, mas a minha resposta, que de certa forma resume um consenso da família que pôde dialogar sobre o assunto, não é somente para ela, mas a todos aqueles que de uma forma ou outra têm acompanhado a nossa trajetória e postura política.

O Partido dos Trabalhadores, fundado em 1980 por operários e intelectuais, com a liderança de Luís Inácio Lula da Silva, foi um acontecimento novo, talvez ímpar no cenário político brasileiro e quiçá mundial. Alicerçado em princípios sólidos, pregando o socialismo democrático, a ética e a transparência na política, conquistou simpatias, cresceu com o novo sindicalismo brasileiro pós golpe de 64 e com os

95 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

emergentes movimentos sociais. Passo a passo foi conquistando espaços políticos, ora nas Câmaras Municipais, ora em uma ou outra prefeitura e, crescendo sempre, elegeu deputados, senadores, governadores e o próprio presidente da República.

Foi uma construção árdua, sofrida, muitas vezes incompreendida. Personalidades de elevada estatura ética e intelectual, trabalhadores que sonhavam com uma sociedade mais justa, mais fraterna e mais igualitária eram ignorados pelos menos favorecidos e tripudiados por aqueles que mesmo tendo uma formação educacional mais elaborada e com meios de subsistência mais generosos, não perseguiram a mesma utopia.

Do sofrimento e do escárnio que sofríamos passamos a governantes. Muitos de nós batíamos no peito e de boca cheia exaltávamos o PT ético, transparente, capaz de realizar as transformações que, ao menos minimizassem a opressão aos mais frágeis. Outros, embora respeitando os princípios basilares do partido, amenizaram o discurso revolucionário, no sentido de discurso transformador, para um discurso de reformas progressivas.

Não creio que tenha havido nesse sentido um lado que tivesse acertado e outro errado. Agimos todos de boa fé. Talvez os que proclamamos a pureza petista tenham exagerado em nosso discurso e atraído a ira de nossos adversários, mas a ética, a seriedade no trato da coisa pública eram crenças sinceras, era o que acreditávamos que realmente nos distinguiu, era o motivo de nossa altivez, mas que talvez tenha atingido os limites da soberba. Por sua vez, os que suavizaram o discurso, talvez tenham acreditado que seria impossível para o PT chegar à presidência da República com o discurso um tanto mais radical como o de 1989, talvez tenham apostado que as transformações tão sonhadas ocorreriam em ritmo gradual, porém contínuo.

A história dirá que o PT governou bem esse país, esse estado, esse município, pelo menos até o dia de hoje. E o que afirmamos está isento de qualquer vaidade ou soberba. Mas governamos divididos em ten-

dências, justamente porque passamos a divergir na maneira de pensar e operacionalizar as mudanças sócioeconômicas que pretendíamos implementar. Enfraquecemo-nos com isso e descuidamo-nos do controle ético uma vez que qualquer dúvida levantada dentro do partido seria interpretada como uma ação revanchista por questão ideológica, não pela exigência de uma ação depurativa. O Conselho de Ética do partido há muito deixou de ser acionado.

Por outro lado, externamente, os governantes petistas e o Partido dos Trabalhadores sofreram uma oposição implacável, embora paradoxalmente o estigma de oposição dura e combativa fique como troféu petista. A direita carcomida pelos vícios de 500 anos de poder tentou de todas as formas possíveis e imagináveis (des)construir as imagens de Lula e do Partido dos Trabalhadores.

O PT, enquanto foi oposição, não combatia apenas os adversários políticos, debatia-se com a superestrutura vigente, incluindo como tal um corpo de leis elaborado pelas elites e para as elites e uma mídia impregnada secularmente pelo modo de pensar capitalista. Por via de consequência pouca ressonância se obtinha. Ao contrário, a direita opositora de hoje encontra um caminho fácil para toda e qualquer tentativa de (des)construção do governo e do PT.

Enfim, depois de variadas tentativas para a desqualificação do governo, resolveu desqualificar o PT.

Teria encontrado o caminho?

Ainda não sei ou reluto em admitir, mas convenhamos, as acusações são muito fortes. Todos sabemos que a inexistência de um fundo público para campanhas favorece a constituição de fundos oriundos de doações, ao que parece, nem sempre declaradas. Temos também fortes indícios de que os “mensalões” constituem-se em realidades antigas, haja vista o exemplo de Rondônia.

Nada disso, no entanto, justifica que membros do PT ajam de acordo com os costumes corruptos existentes no Brasil. O PT foi criado para provocar mudanças, para moralizar o trato da coisa pública,

logo, o nosso desejo é que os fatos sejam apurados rapidamente e os responsáveis por algum desvio de conduta, se houver, sejam expurgados e punidos.

Confesso publicamente que ficarei deveras chocado se pessoas com histórias de vida tão paradigmáticas com Genoíno, Dirceu e outros companheiros, causarem-me a decepção de serem culpados, mas, sinto muito, o PT não poderá pagar por eles, se for o caso.

Disse no início que o PT foi um acontecimento novo na história política do país, um acontecimento importante à medida que representou, e representa ainda, os anseios das camadas populares, portanto, cometem equívoco irreparável aqueles que desejam destruir o PT ao invés de focarem suas energias moralizantes em eventuais suspeitos.

Não consigo avaliar ainda com muita clareza qual o tamanho do dano causado ao PT, no entanto penso que nenhum petista histórico deva deixar o partido nessa hora. Devemos sim, augurar ao presidente Tarso Genro e a nova diretoria petista que seja feliz nessa difícil tarefa de restituir a todos os militantes petistas a nossa dignidade, não que tenha sido perdida, mas que está em jogo.

O silêncio dos intelectuais ⁹⁶

Entre agosto e outubro deste ano de 2005 vem acontecendo um importante debate sobre o papel do intelectual em tempos de incertezas. São ao todo 16 conferências que ficam disponibilizadas no site: www.cultura.gov.br/culturaepensamento/, à medida que vão sendo proferidas.

“Tempos de incertezas” tem uma abrangência muito grande, como o leitor poderá verificar no site acima mencionado, não tendo sido idealizado, portanto, para abordar a atual crise política brasileira. Não obstante, já está motivando questões atinentes ao assunto, atingindo principalmente os intelectuais de esquerda e, de modo especial, os intelectuais petistas.

Marilena Chauí, renomada filósofa brasileira, fez a conferência de abertura e provocou polêmica na intelectualidade brasileira justamente por abordar o silêncio dos intelectuais diante da crise política, atraindo sobre suas teses as críticas, já esperadas, dos intelectuais tuicanos, inclusive do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso que recomendou a Marilena Chauí que tivesse a “humildade de dizer que não entende de política”.

Dessa polêmica (para não dizer dessa arrogância), temos ao menos uma porta aberta para a discussão: se os intelectuais partidarem as suas visões de mundo, correm o risco de entrar na seara dos políticos, por via de consequência, deixariam de ser intelectuais para tornarem-se ideólogos. Por outro lado, se silenciarem correm o risco de perder a condição de intelectuais, uma vez que não estariam contribuindo para a compreensão da crise. Engajando-se são suspeitos, silenciando-se são omissos: eis o dilema!

⁹⁶ Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

Dos políticos exige-se o raciocínio rápido, a resposta imediata, o arroubo no momento da defesa ou do ataque a um projeto. Daí a imunidade parlamentar.

Dos intelectuais exige-se a reflexão, ou seja, o pensamento amadurecido, o pensar sobre o pensado. Daí que a fala do intelectual não precisa necessariamente ser imediata, a rapidez de raciocínio não conta, vale a profundidade do conhecimento.

Existe uma diferença simbólica entre a cátedra e a tribuna. Na cátedra o intelectual é respeitado como pensador, e mesmo que não concordemos com a sua visão de mundo, somos levados a respeitar as suas ideias porque são desenvolvidas com método. Na tribuna o intelectual recebe um outro olhar, é visto como quem, de forma pragmática, procura convencer aos demais acerca de determinado projeto político. Aos olhos do povo o intelectual é respeitado, o político, banalizado, mesmo que fale em favor da justiça.

Talvez por essas razões os intelectuais silenciem. Mas, diante das mudanças vertiginosas que ocorrem no mundo contemporâneo, diante da avalanche de informações que são produzidas simultaneamente com os acontecimentos, talvez seja o caso de se passar a exigir dos intelectuais respostas mais rápidas, sem prejuízo no rigor metodológico de suas conclusões.

Mas, nesse momento, apenas aos intelectuais deveriam ser endereçadas as críticas? Se exigirmos dos intelectuais mais rapidez sem perda de rigor, não seria o caso de cobrarmos dos políticos mais rigor, sem perda da rapidez?

E por que só intelectuais e políticos devem ser criticados? E os jornalistas, os sindicatos, o eleitor, como ficam?

A cada qual segundo as suas responsabilidades, aos jornalistas, por exemplo, intelectuais ou não, teríamos que exigir, além da rapidez e do rigor, a imparcialidade. E não me digam que o rigor já indica imparcialidade, porque posso ser rigoroso em um caso, e não em outro.

A redução das vagas nas Câmaras Municipais ⁹⁷

Acompanhava o prefeito Tetila em Brasília no dia 25, quinta-feira, quando deparamo-nos com um grande grupo de suplentes e de vereadores de Mato Grosso do Sul, que lá estavam para acompanhar a votação do Supremo Tribunal Federal sobre o número de vereadores para cada Câmara Municipal do Brasil.

Animado, o grupo imaginava que o Supremo não acompanharia a decisão do Tribunal Superior de Justiça que, no ano passado, reduziu o número de vereadores. Confesso que a minha expectativa não era outra. Julgava que tudo voltaria a ser como dantes no quartel de Abrantes e que, Dourados, por exemplo, voltaria a contar com dezessete vereadores ao invés de doze. Ledo engano, por nove votos a um o Supremo ratificou a decisão do Superior Tribunal de Justiça.

Não acompanhei ao vivo as manifestações posteriores à votação, no entanto assisti pela TV, já na madrugada de sexta-feira, cidadãos suplentes rasgando publicamente a Constituição brasileira objetivando demonstrar que o Supremo desrespeitara a nossa Carta Magna, imiscuindo-se em assunto sem nenhum traço de inconstitucionalidade.

Não vou entrar no mérito das manifestações, mas reafirmar a minha opinião sobre o assunto. Reafirmar porque quando fui vereador em Dourados, na gestão passada, já usara a tribuna para dizer que era contrario à diminuição do número de vagas. Na oportunidade pode ser que tenha dado a impressão de estar legislando em causa própria. Agora, sem mandato, e sem estar na fila de espera, é provável que o leitor avalie a minha isenção de ânimo sobre o tema.

97 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

Pois bem, vamos aos fatos: a Justiça diminuiu o número de vereadores nas Câmaras Municipais brasileiras buscando reduzir os gastos do Legislativo e, por via de consequência, fortalecer as finanças do Executivo Municipal.

Embora possa ser nobre o objetivo da Justiça Eleitoral, decorridos oito meses em que os Legislativos Municipais brasileiros trabalham com número reduzido de vereadores, desconheço quaisquer resultados positivos em termos de redução de gastos. Os duodécimos continuam sendo repassados no mesmo valor que no ano passado, portanto, não houve nenhuma redução de despesas.

Pensando bem, se fosse para reduzir despesas, não teria sido muito mais eficiente se a Justiça Eleitoral tivesse reduzido o percentual do duodécimo a ser repassado às Câmaras ao invés de reduzir o número de vereadores?

Na diminuição do número de vereadores somente trouxe perdas. Perdeu a democracia e perdeu a população que não está suficientemente representada. Dourados, por exemplo, aproxima-se dos 180 mil habitantes. Impossível dizer quantos segmentos, quantas maneiras de pensar pode-se descobrir no seio dessa população e, mesmo numa demonstração grosseira, se dividirmos 180 por 12, teremos que a cada vereador competiria representar 15 mil habitantes. Não dá.

Mas, como disse, essa conta é grosseira. O vereador não está lá para defender os interesses individuais das pessoas. Esta para defender segmentos, propor Leis, defender ideias, apontar rumos, fiscalizar o Executivo. Nesses termos também não dá.

A Sociedade Contemporânea é rica em pluralidade e diversidade, logo, quanto maior for o número de vereadores que tivermos mais amplos serão os debates e mais criativas e originais as propostas. Se quisermos reduzir despesas cortemos o duodécimo repassado, não o número de nossos representantes.

Em última instância quem perde é o povo.

O ódio não pode vencer a esperança⁹⁸

“Fora Lula”, dizia o adesivo da caminhonete último tipo que insistia em seguir à minha frente. Ah! pensei, quase que em voz alta: esse motorista deve ser um dentre os tantos que em tempos atrás afixou em seu carro um baita adesivo em verde e amarelo com o nome de Collor de Melo.

Àquela época, é certo, o PT já não fazia sabão de velho, mas Lula tinha um aparelho de som melhor que o de Collor. Este era o grande caçador, o caçador de marajás, o homem no qual a elite dominante apostou as suas fichas, e perdeu.

Depois de cassado e cumprido o mandato de Itamar Franco, Lula disputou com FHC e o ex-ministro de Itamar, posto no cargo especialmente para implantar o Plano Real, bateu o operário. Foi a vitória do doutor sobre o analfabeto, o inculto. Mais uma vez a elite dominante investiu errado e o nosso patrimônio público foi entregue vergonhosamente à voracidade do capital internacional e o fiel escudeiro de FHC, Sérgio Motta, arrecadador oficial da campanha e comprador oficial de deputados na Emenda da Reeleição virou nome de hidrelétrica.

Novamente, após os primeiros quatro anos de FHC, Lula foi para a disputa e não deu sequer segundo turno. O Brasil, coitado, combatido, viu a taxa de juros bater nos 29%, o dólar ultrapassar quatro reais e o risco país ultrapassar os mil e setecentos pontos.

Aí Lula competiu com Serra. Cansado de apanhar mudou o discurso radical, optou pelas mudanças gradativas e ganhou as eleições presidenciais. Finalmente Lula chegou ao poder, seu discurso moderado conquistou o povo.

98 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

Mas veja, o caro leitor, a confusão que se formou não propriamente em relação à eleição de Lula, mas em relação ao desempenho de seu governo. Aqueles 30% que votaram em Lula em suas quatro candidaturas manifestam insatisfação porque não acreditaram na flexibilização do discurso, gostariam que as transformações fossem muito mais profundas, especialmente no plano econômico. E aqueles que votaram em Lula, justamente pela mudança de seu discurso, manifestam também alguma insatisfação, não pela condução da economia, mas pela crise política que há mais de cem dias permanece como prato principal das nossas preocupações.

Em relação a essa crise é necessário (re)colocar alguns pontos em seus devidos lugares:

1. A crise política atual está longe de ser a maior crise política do Brasil, como tem sido anunciado por boa parte da imprensa;

2. Esse escândalo envolvendo corrupção, embora grandioso, está também longe de ser o maior do Brasil. Não se esqueça o caro leitor que na era Collor e na era FHC falava-se em sobras de campanha e que em um só negócio de Maluf o estado foi desfalcado em 390 kg. de ouro, o equivalente a Cr\$ 13 500 000, 00;

3. Nenhum outro escândalo nacional condenou alguém sem provas substanciais, portanto temos que permitir o legítimo direito das pessoas se defenderem e, se houver culpados, como de fato tudo indique que haja, que sejam punidos segundo os rigores da Lei;

4. Nunca em um processo com mais de cem dias se deixou de apontar culpados e nesse caso o presidente Lula não foi nem de longe arranhado pelo escândalo embora a oposição já esteja prevendo o seu impedimento dentro de quatro meses (palavras do dep. Gabeira na sabbatina da Folha de São Paulo de 19 pp);

5. Por essas declarações do deputado Gabeira e por outras iniciativas, como a eleição de Severino pelo PSDB e PFL e por sua posterior derrubada do poder, comprova-se que há uma orquestração da elite

política brasileira (elitizinha segundo Severino) para a desestabilização do governo Lula.

É indisfarçável o ódio conjugado com a satisfação da direita em destruir Lula e o PT. No entanto, mesmo no olho do furacão o PT realiza eleições diretas e democráticas para a escolha de seus dirigentes e o presidente Lula resiste incólume à tormenta.

O ódio não pode vencer a esperança. As velhas e carcomidas elites não podem recuperar o poder que usaram tão mal quando nele estiveram.

Deixemos claro: se alguém do PT errou, corrompeu, deturpou os ideais petistas, esses têm que ser punidos severamente, como ademais devem ser punidos os integrantes de outros partidos que agiram ou agem de forma irregular. Por outro lado, convenhamos, não dá para assistirmos calados aos ACM(s), Bornhauser(s), Álvares, Ibrains (não é o das esmeraldas?) Jeffersons e a elite à qual pertencem ou representam atirando pedras com tanta desfaçatez.

A apuração de escândalos é sempre bem vinda e ajudará o Brasil a ser um país melhor, mas a onda de agressões contra Lula e contra o PT deve ser redimensionada porque não dá para aceitar que acusações orais, muitas vezes vindas de detentos que desejam aliviar sua pena, sejam acolhidas como provas irrefutáveis enquanto que as provas contra Eduardo Azeredo do PSDB, por exemplo, não sejam sequer investigadas.

Não procriem: a síntese em duas palavras⁹⁹

A leitura torna-se um hábito saudável que enleva o nosso espírito e arrebatá-nos para muito além do corre-corre do dia-a-dia. Um bom livro deve ser fruído, no sentido de se extrair dele o máximo proveito. Um bom artigo, uma crônica ou até uma frase curta, são capazes de nos apontar rumos, revelar angústias, denotar os mais nobres ou os mais primitivos sentimentos.

Atualmente, com a avalanche de informações que recebemos, ou porque as procuramos ou porque nos atingem como num bombardeio vindo dos mais variados estrupícios, muitas vezes nos enfastiamos e deixamos escapar o belo, o profundo, a essência, por isso talvez seja interessante que nos afastemos um pouco do burburinho do dia-a-dia e procuremos avistar em horizontes mais distantes o retrato de nossa realidade.

Talvez essa necessidade humana de buscarmos as origens das coisas, de procurarmos o crescimento vertical, essa nossa propensão em não ficarmos restritos à superfície dos acontecimentos, explique porque muitos de nós aproveitamos as poucas oportunidades que temos para reler obras clássicas que nos façam lembrar que somos seres humanos capazes de refletir.

Particularmente, confesso: há mais de dez anos tenho à minha cabeceira “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino, livro que manuseio com certa frequência na ânsia de captar uma mensagem ou compreender um símbolo. Difícil também passar umas férias sem que releia alguma obra de Machado de Assis, de preferência Dom Casmurro, e

⁹⁹ Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

descobrir, a cada leitura, uma imagem nova, uma ideia diferente, uma frase lapidar.

Mas não é especificamente nos livros que encontramos os grandes ensinamentos, eles podem estar em qualquer parte, inclusive nos grafites dos muros ou nos cartazes e faixas que se levantam nos mais diferentes pontos do orbi, sejam em louvor ou em protesto e que podem muito bem sintetizar uma profunda reflexão ou a explosão vulcânica de um sentimento.

Não! Absolutamente! Não desejo comparar frases de livros com as dos muros.

Mas, convenhamos, tanto entre os eruditos como nas manifestações populares encontramos verdadeiras obras primas. Em Machado temos preciosidades, como a preferida por um impoluto cidadão douradense que responde pelo nome de Alaércio Abraão: “não julgueis os demais por vós”. Em “Cidades Invisíveis descobrimos que “quem comanda a narração não é a voz: são os ouvidos”. Em relação ao primeiro caso podemos inferir que muitas vezes, para o bem ou para o mal, fazemos julgamentos precipitados e, no segundo, lamentamos que ao longo de nossa existência não tenhamos poupado tantos ouvidos com nossas palavras vãs.

Por outro lado vejamos a profundidade dessa frase: “Socorro, minha filha menstruou”. Ela foi escrita em um muro de São Paulo há quinze anos atrás, quem sabe um pouco mais. A frase, que mereceu citação em artigo na Folha de São Paulo que tratava sobre grafiteagem é uma explosão vulcânica, como disse acima. De que outra maneira poderia defini-la? Um pai, provavelmente muito jovem, deu-se conta de si pela situação da filha que deixava a infância.

Desconfio que esse pai tenha fechado o olho e assistido ao filme de sua vida. Coisa de instantes que podem parecer uma eternidade. Perplexidade deve ter sido a sua reação. Perplexidade diante da inexorável passagem do tempo diante de sua alienação.

Essa outra frase eu a li em uma parede de supermercado em Catanduva, interior de São Paulo: “amar é descascar amendoim pra Rita na festa do peão em Barretos”. Nem Machado, nem Ítalo Calvino poderiam definir o amor dessa maneira! E eu fico imaginando o pobre rapaz (que também deveria ser um rapaz pobre) sentadinho em um canto da barraca, enquanto Rita, saltitando de um lado para outro, como que a bailar alegre melodia, mostrava o sorriso largo para os compradores de amendoim e as cadeiras para o jovem apaixonado.

O espaço de uma crônica é reduzido, especialmente para aqueles que como eu são incapazes de sintetizar em uma frase sentimentos profundos, no entanto, como no enunciado mencionei livros, artigos, grafites e faixas, deixo para o leitor mais duas frases paradigmáticas endereçadas por seus respectivos autores ao PFL e ao PSDB nesses tempos em que o PT autêntico e o governo Lula têm sido tão injuriados. A primeira é aquela do cartaz no casamento do filho de César Maia no Rio: “não procriem”, a segunda, escrita pelo renomado professor Emir Sader em artigo no notícias uol: “é necessário castrar os tucanos antes que povoem de novo o poder de Severinos”.

Moral da história: uma breve frase pode ser tão contundente quanto trezentas (trezentos) picaretas.

Maktube: assim estava escrito, assim devia ser, fulminante¹⁰⁰

“Fiz o que quis e fiz com paixão.
Se a paixão estava errada, paciência.
Não fiquei vendo a vida passar,
sempre acompanhei o desfile”.

Mario Lago

Uma hora, pouco mais, havia se passado da leitura que fiz de uma página de Ítalo Calvino, “As cidades Invisíveis”, quando o telefone disparou seguidamente com o aviso de que Alaércio Abraão havia falecido. A página lida falava sobre Adelma, a Cidade dos Mortos. Pura coincidência talvez: “se Adelma é uma cidade que vejo no mundo dos sonhos, onde não há nada além de mortos, sinto medo do sonho”.

Mas toda a cidade é um pouco de Adelma, com os seus mortos. Dourados não seria diferente. Diferentes são as pessoas que vivem e morrem em Dourados.

Tive vontade de chorar, mas não fui forte o suficiente. Alaércio não choraria diante da morte, ele, não por não ser forte, mas pela sua maneira de encarar as coisas.

“Maktub”, diria, se tempo houvesse para dizer algo. Foi fulminante, disse-me um amigo. Talvez não tenha tido tempo de dizer nada. Nem precisava. O que ele tinha que dizer, disse, o que tinha que fazer, fez. O que tinha que amar, amou. E amou a neta como se fora única. Precisaria viver mais para amá-la mais ainda? O que amou foi bem amado, e o que amava era como se fosse único. Aos seus muitos amigos dedicava-se como se cada qual fosse único.

100 Publicado no Dourados News em 31/10/2005. Alaércio Abraão faleceu em 30/10/2005.

Foi fulminante! Como deveria ser então, senão fulminante? A morte veio-lhe com a mesma intensidade com que amou a vida. E a vida foi a sua jihad. Uma luta que valeu a pena, e se lhe faltou a espada, não lhe faltou coração, boca e mãos, as outras forças que a doutrina islâmica consagra para a jihad.

“Altivo, sem ser arrogante, humilde sem ser subserviente”. Esse era Alaércio.

Queria ser enterrado enrolado em um lençol de linho, mas esse sim, poderia ser enterrado em pé, por não se curvar diante de nada, exceto à sua fé.

Se eu viver para ver a foto de Alaércio Abraão na galeria de ex-presidentes da OAB ou passar por um busto que Dourados com certeza lhe esculpirá, mesmo que nada esteja escrito sob ele eu lerei: “Alaércio Abraão, homem de fé, amou intensamente tudo o que fez, foi honesto, digno, austero, tinha um norte a seguir e não se desviava dele jamais”. Embora eu saiba que por trás de toda a sua austeridade, de sua firmeza, sua intransigência com o que lhe parecia errado, havia o espírito alegre de uma criança que poucos conseguiam enxergar.

Vou torcer muito para que no final dos tempos todos os deuses se reconciliem e permitam-nos que nos visitemos mutuamente nos seus respectivos céus. Se não, que a saudade seja uma doce lembrança.

de cada dia, nos dai hoje... (nos dói hoje) ¹⁰¹

O caro leitor, aficionado pelo esporte bretão, quando assiste a um espetáculo futebolístico de má qualidade somente mantém a televisão ligada porque já está ligada, desligá-la significaria expor o corpo a uma perda de calorias desnecessária, afinal, após o jogo sempre teremos um outro programa, basta, portanto, um pouco de paciência.

Nosso telespectador talvez de tão desinteressado sequer preste atenção nas palavras do narrador e do comentarista, mas, com toda a certeza, todos eles, evidentemente para que não mudemos de canal, jamais nos dizem aquilo que realmente estão vendo. Douram o espetáculo ao mesmo tempo em que nos acenam com a possibilidade de um gol ou de um grande lance.

Como de uns tempos para cá virou moda que nas transmissões esportivas haja também um comentarista para avaliar a atuação do árbitro, somos obrigados a suportar um rosário de milongas e a uma série de repetições de lances para que ao final o árbitro seja condenado ou absolvido. Mas, na pior das hipóteses o lance é duvidoso e pronto, está resolvida a questão.

Se o goleiro é importante ou amigo do comentarista nunca toma frango, apenas é infeliz no lance, se é um pobre coitado em início de carreira e sofre um gol é culpado pela derrota. O mesmo se dá em relação com os atacantes, meio-campistas e defensores.

O repórter de campo pode fazer a pergunta que quiser, mas terá sempre do jogador ou do técnico uma resposta ensaiada, treinada, repetida à exaustão. Nunca se viu um jogador falar que o técnico foi mal. O técnico por sua vez não substitui muitas vezes o jogador que está

101 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2005.

matando o time para não prejudicá-lo em negociação que está prestes a se concretizar.

E assim vamos. Quando nos perguntam se estamos bem, será que querem mesmo saber? Às vezes dá vontade de fazer uma experiência e ficar uns cinco minutos contando ao nosso interlocutor uma série de problemas pessoais, mas como também não nos interessa que saibam se estamos ou não estamos bem, podemos estar morrendo que diremos que tudo está muito bem, obrigado.

Quer saber se um técnico, um secretário ou um ministro vai mal ou está até para ser afastado do cargo? Basta o presidente do clube, o prefeito o governador ou o presidente, como for o caso, saírem a público e dizerem que o técnico, secretário ou ministro em questão merece toda a sua confiança.

Para saber se um cidadão não será técnico, secretário ou ministro ou, enfim, se não ocupará algum cargo importante, basta que a mídia divulgue insistentemente que será.

O filme histórico não é histórico não só porque ninguém consegue reproduzir a realidade vivida, mas também porque não venderia se não houvesse um pouco de glamour.

Ao paciente terminal diz-se que a cirurgia extirpou-lhe completamente o câncer e àquele que realmente teve um câncer extirpado diz-se que se livrou de uma úlcera qualquer.

Em tese, para o advogado de acusação não existem inocentes, para os de defesa não existem culpados.

Ao professor que não preparou a aula fica melhor um mal-estar, uma dor de cabeça que o impossibilita. Ao aluno que não fez a lição nada custa por a mãe de cama.

Sobre o político nem se fala. Faz e acontece, mesmo porque o próprio povo não aceita que seja diferente. Já pensou o caro leitor se o político, quando abordado com um pedido de emprego disser que não foi eleito para arrumar emprego? Ou que não foi eleito para dar

um remédio, uma passagem, um ônibus para o funeral, um bolo para o aniversário?

Quanto aos meios de comunicação, será que são mesmo “testemunho ocular da história”? E os historiadores, recuperam o passado, ou ao menos o acontecimento histórico?

O ladrão nunca roubou, o policial nunca espancou ninguém, marido e mulher nunca traíram aluno nunca colou.

Mentir ou dizer pouco importa. Se mentirmos para os que acreditam em nós eles tomarão nossas mentiras por verdades. Por outro lado se dissermos aos que não acreditam em nós pouco importará, eles não acreditarão.

Tanto faz ao pescador pescar o maior peixe do rio ou ver uma cobra fumar. Tudo será falso ao ouvinte que espera do pescador apenas mentiras. Mentiras de pescador.

Vai por aí. E eu com saudades de Elis: “o homem que diz sou não é / porque quem é mesmo é não sou / aquele que diz vou não vai / porque quem vai mesmo é não vou.

A superada democracia representativa ¹⁰²

É muito comum se ouvir dizer que embora a democracia tenha os seus problemas, ainda não se inventou nada melhor para substituí-la. É verdade, a democracia, mesmo sendo representativa, continua a melhor opção para o estabelecimento dos governos, no entanto, o seu aperfeiçoamento se torna urgente, sob pena de cair em total descrença em razão dos rumos que tem tomado.

Veja-se, por exemplo, o comportamento de Partidos Políticos que se transformam em siglas de aluguel, observe-se a maneira como os candidatos são escolhidos para disputarem as eleições e avalie-se, principalmente, o comportamento dos muitos políticos que trocam de partido como se trocassem de camisa, o descaso com programas de governo assumidos em campanha e por aí afora.

Tomemos os casos de eleições majoritárias como exemplo. Por que teremos que escolher entre Alckimin e Lula? Vá lá que entrem no páreo mais dois ou três concorrentes, mas a pergunta será a mesma: por que escolher entre Alckimin, Freire, Garotinho, Heloisa Helena e Lula? Por que temos que escolher entre André e Delcídio?

Ora, elementar, dirá o leitor, os Partidos Políticos escolhem os seus candidatos e os colocam à disposição do eleitorado. Da mesma forma se dá com os candidatos ao Senado, à Câmara Federal, às Assembleias Legislativas.

Está certo, só que dentro dos Partidos organizam-se as “panelinhas” e a luta para a conquista dos Diretórios Partidários torna-se questão de vida ou morte para os candidatos. Está se tornando regra que as candidaturas partidárias sejam fruto de conchavos entre dois ou três

102 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2006.

chefes partidários que já divulgam o escolhido antes mesmo de apresentá-los ao Diretório, tamanha é a certeza de que serão referendados.

Candidatos com preparo intelectual e com formação ética sucumbem facilmente, muitos homens e mulheres de bem nem se arriscam a filiarem-se a um Partido Político.

Por ter mencionado apenas candidatos brasileiros, não quer dizer que os meus comentários apliquem-se somente ao Brasil. No mundo inteiro, a democracia como é praticada hoje, sucumbe diante do poderio financeiro, da promiscuidade, da aplicação do tão deplorável conceito de que “os fins justificam os meios”.

Órgãos fiscalizadores como Tribunais de Contas e Ministérios Públicos, mesmo que se empenhem e que desenvolvam as suas atividades dentro da mais completa lisura, não deram conta, ao menos até o presente momento, de oferecer aos cidadãos a convicção de que são capazes de apurar tudo o que lhes compete da melhor maneira.

Estabelecer o Parlamentarismo como solução não me parece solução em um país como o Brasil, onde falta tradição nessa forma de governo e com partidos organizados sem grande apelo ideológico.

Por sua vez, as candidaturas isoladas também não resolveriam os nossos problemas, já que candidatos sem filiação partidária não teriam como financiar suas campanhas e se tivessem, pior ainda, pois aí haveria privilégio para os financeiramente bem sucedidos e a consequente exclusão dos sem posses.

Campanhas como voto nulo e voto branco não resolvem. Restamos por hora a esperança de uma radicalização da democracia e a formação de massa crítica abundante para discernirmos com mais nitidez os caminhos a percorrer.

O contraditório no aperfeiçoamento da democracia ¹⁰³

Tendo nascido em 1947, portanto um ano após o início da (re) democratização pós Vargas, era criança demais para gozar esse processo. Quinze anos mais tarde, um pouco mais crescido, quando começava a sentir o delicioso sabor da efervescente democracia brasileira, adveio o golpe militar de 64.

Calei-me no início da ditadura militar, depois ousei posicionar-me contrário e senti em minha própria carne o peso do arbítrio.

Já amadurecido pelos anos participei desse novo período de (re) democratização iniciado em 1985. Gozo plenamente da liberdade de expressar-me, de ir e vir. Assisto a um espetáculo maravilhoso, não simplesmente como mero espectador, mas como coadjuvante.

Historiador por profissão, se não gozei o período 1946/64, estudei-o, compreendi o processo. Hoje, sinto-me privilegiado por desfrutar da democracia e, ao mesmo tempo poder analisar a conjuntura, avaliar as transformações, refletir sobre os acontecimentos; compreender que as contradições de uma sociedade traçam a sua história.

Ao longo de minha vida sempre me posicionei contrário às políticas de exploração, seja no caso do colonialismo português ou do imperialismo inglês e norte-americano. Ao mesmo tempo defendi a soberania das nações.

Por coerência, eu, que sempre fui contrário à privatização da Vale do Rio Doce, da Petrobrás, e outras empresas nacionais, como poderia, nesse momento, condenar o presidente boliviano Evo Morales e as suas medidas para nacionalizar os recursos naturais de seu país?

103 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2006.

Morales, ao menos até o momento, está preocupado com a nacionalização e não na expropriação de empresas estrangeiras: está, portanto, defendendo a soberania boliviana e, por via de consequência eu não poderia esperar outra atitude do presidente Lula que não fosse o diálogo. Ou eu deveria ser contra o imperialismo norte-americano e defender o imperialismo brasileiro? Deveria defender uma invasão armada ao país irmão? Deveria defender que o Brasil fizesse o que os Estados Unidos fizeram com o Iraque?

Em resumo, sobre esse aspecto externo, o que alguns setores veem como uma crise vejo como uma posição absolutamente coerente de um país que foi historicamente expropriado e hoje se preocupa em tirar a grande maioria de seu povo da pobreza em que se encontra.

No âmbito interno vivenciamos várias crises, com as quais estamos aprendendo muito. No caso da crise na agricultura e pecuária, não há precedentes nos últimos quarenta ou cinquenta anos. Gripe aviária, aftosa, comportamento climático adverso, queda do dólar, ausência de seguro e de preços mínimos para os produtos agropecuários, endividamento do setor agrícola, empresas multinacionais dominando o mercado e controlando preços, enfim, uma situação insustentável.

Consequência da crise, os agricultores protestam, bloqueiam estradas, fecham agências arrecadadoras e bancos. Enfim, diante de tantos prejuízos e dívidas, reagem.

E agora? Quem sempre, como eu, defendeu as manifestações do MST na sua luta por um pedacinho de terra, poderia posicionar-se contrário ao movimento dos agricultores que clamam por uma política agrícola urgente? Quem sempre defendeu o direito dos índios pelas suas terras, pode ser contrário ao movimento dos agricultores que estão prestes a perder os seus bens? Quem sempre defendeu que o Banco do Brasil não deveria ser privatizado, por entender que é um banco de fomento, pode, nesse momento, defender que esse banco tenha lucros tão vergonhosamente elevados quanto os bancos privados?

Solidarizo-me com os agricultores, e não me venham dizer que eles sejam baderneiros vagabundos e que a polícia deveria reprimir as suas manifestações. As suas ações refletem pura e simplesmente as dificuldades que o setor atravessa no momento.

Quem não concorda ao menos que respeite, pois são manifestações legítimas de um segmento social. Oxalá esse movimento não fique restrito ao impedimento de ruas, mas provoque na categoria uma reflexão mais profunda sobre o modo de produção capitalista, do qual de alguma forma todos somos vítimas.

Reconheçamos, enfim, que essas situações conflituosas testam definitivamente a nossa (re)democratização.

Muitos candidatos para poucas vagas ¹⁰⁴

Essa é irrefutável das eleições: são muitos os candidatos para poucas vagas. E é bom que assim seja, que haja muitas opções para o eleitor poder escolher os que julgar melhores. Em consequência do número de candidatos ser maior que as vagas, existem mais candidatos tentando compreender e justificar o porquê de não terem sido eleitos do que aqueles agradecendo pela confiança neles depositada.

Bons candidatos às vezes recebem uma votação pouco expressiva e, por outro lado, são eleitos candidatos menos capazes.

Isso acima exposto, que para muitos é uma obviedade, pode tornar-se traumático para o candidato perdedor, principalmente para os menos acostumados com a democracia. Alguns, na ânsia de se consolarem, alegam que foram bem votados, mas não deu. Outros lamentam a falta de recursos para a campanha. Existem mil justificativas e, algumas vezes, culpam o povo pela derrota. Em virtude disso, tomo a liberdade de tecer algumas considerações a respeito do pleito, começando por dizer que embora seja tentador, jamais devemos responsabilizar o povo por não saber votar, por ser ingrato ou algo que o valha.

O povo tem os seus instrumentos próprios para escolher. Diria que todos nós temos um poder de barganha e, nesses termos, é claro que uma pessoa que não tenha a compreensão de conjuntura possa subestimar o valor de seu voto e trocá-lo por alguns litros de gasolina.

Da mesma forma que o povo comum tem os seus instrumentos de avaliação, também os meios de comunicação, a Justiça, as Igrejas têm os seus, quase sempre mais sofisticados, embora nem sempre muito ortodoxos.

104 Postada no site www.biasotto.com.br. Cf. Crônicas 2006.

Veja-se por exemplo que quando um determinado político ensaiava a sua candidatura, boa parte da mídia dizia que Dourados precisava eleger um senador. Essa mesma mídia fez profundo silêncio em relação ao assunto quando o candidato ao senado era um nome diferente do que defendia.

É óbvio que a informação passada por esses profissionais formam opinião e, por via de consequência, o eleitor comum pode ver-se induzido a determinadas situações.

Quanto à Justiça, pode ocorrer de aplicar a Lei rigorosamente em casos de somenos, como é possível também a sua transigência em relação a casos muito mais graves, que eventualmente não lhe cheguem ao conhecimento.

Em suma, o que desejo dizer é que só resta aos perdedores exercer o famoso direito de esperar.

Agora, cá entre nós: se os instrumentos que o eleitor possui para avaliar em quem votar forem obsoletos, com certeza haverá equívoco. Compete portanto à mídia oferecer informações corretas e transparentes, e à Justiça, não permitir que a Lei seja ultrajada, de modo que os candidatos concorram em igualdade de condições. A democracia, em festa, agradecerá muito.

Nos tempos do meu vasto bigode preto ¹⁰⁵

Revirando os meus arquivos, encontrei em uma gravação em VHS o que deve ser o primeiro registro de imagens de um comício do PT douradense. Trata-se, mais precisamente, de uma reunião na Vila São Pedro, promovida pelo professor Senésio e sua esposa Oraídes, em 1988. Vão-se quase 20 anos entre aquela efeméride e o dia de hoje.

Assisto a tudo com muita atenção. Rio com certa ironia ao ver a velha kombi, que mais empurrávamos do que nos conduzia, rio com uma ponta de saudade de nossa juventude, rio ainda mais ao ver as imagens de um bazar da pechincha que realizamos para angariar fundos para a nossa campanha. Rio, mas meu sorriso é terno, sem quaisquer resquícios de saudade mortificante, sinto apenas a saudade gostosa de poder ser agente da história, junto com tantos companheiros que hoje fazem parte da administração municipal de Dourados.

Agentes da história, em certo sentido somos todos nós, afinal a nossa presença aqui nesse mundo sempre contribui de alguma forma para as transformações que ocorrem com maior ou menor rapidez. Não existe uma maneira de sermos neutros, embora muita gente julgue que sim.

Um exemplo clássico para demonstrarmos essa impossibilidade de neutralidade é a história da briga entre dois meninos, um grande e outro pequeno. Imaginemos que estivéssemos passando pelo local onde se realizava a briga. Qual a nossa atitude? Poderíamos tomar o partido do menino maior e esmagar de vez o menor. Poderíamos achar injusto o maior bater no menor e, portanto, ajudar o menor. Poderíamos apartar a briga o que significaria favorecermos o menor. Por fim, poderíamos

105 Escrita em 2007. Publicada no Dourados News.

entender que a briga era um problema deles e passarmos sem nos envolver. Nesse caso, mesmo pensando em não tomar partido, n acabamos favorecendo o maior.

Isso quer dizer que se falarmos ou não, se agirmos ou não, sempre estaremos nos colocando, nos posicionando, de um lado ou de outro. Sendo assim, o ideal, é que as nossas tomadas de decisão sejam sempre realizadas de maneira consciente, quer dizer, que tenhamos a faculdade de estabelecer julgamentos que definam a nossa maneira de agir.

Isso posto, voltemos ao ponto em que falávamos em ser agente da história. A história é fruto de ações coletivas. Por mais que individualmente façamos coisas, o que fazemos defronta-se com as circunstâncias que nos rodeiam e, por via de consequência, produzimos um movimento dialético de tese, antítese e síntese. Esse movimento, que chamamos de processo, não é determinado por nossa vontade pessoal, embora tenhamos influência, mas fruto de conflitos que produzem avanços e recuos.

Vinte anos é tempo suficiente para tingir de branco um vasto bigode preto, mas diante do processo histórico é um período irrisório.

Em Dourados vivemos um período de avanços, apesar da crise agrícola dos últimos três anos, mas é preciso ainda mais esforço, mais dedicação, para que a nossa cidade seja cada vez melhor.

Para tanto é preciso manter a alegria de sonhar e a coerência ao realizar.

Minha terra tem palmeiras... ¹⁰⁶

Nascido no Maranhão, Gonçalves Dias estudou em Coimbra onde entrou em contato com os primeiros poetas românticos portugueses com os quais deve ter aprendido muito. O romantismo somado à saudade da terra natal fez com que Gonçalves Dias escrevesse em 1843 a Canção do Exílio.

“Minha terra tem palmeiras /onde canta o sabiá/ as aves que aqui gorjeiam/ não gorjeiam como lá/... Nosso céu tem mais estrelas/ nossas várzeas têm mais flores/ nossos bosques têm mais vida/ nossa vida mais amores.”

O romantismo de Gonçalves Dias embora morto e sepultado pelo surgimento de outras escolas literárias não deixou, no entanto, de ser (re)visitado por integrantes de todas elas, inclusive pelos modernistas, a exemplo de Oswald de Andrade e Carlos Drummond.

Em Oswald de Andrade, encontramos em seu Canto de Regresso à Pátria, que: “Minha terra tem palmares/ onde gorjeia o mar/ os passarinhos daqui/ não cantam como os de lá.”

Por sua vez, Carlos Drummond de Andrade em “Europa, França e Bahia”, ao final declara: Chega! / meus olhos brasileiros se fecham saudosos/ minha boca procura a “Canção do Exílio”/ Como era mesmo a “Canção do Exílio”?/ Eu tão esquecido de minha terra... Ai terra que tem palmeiras onde canta o sabiá!

Em tempos bem mais recentes, mas que já deixam saudades, Chico e Jobim escreveram em parceria uma música chamada “Sabiá” cujo começo diz: “vou voltar/ sei que ainda vou voltar/ para o meu lugar/ foi lá e é ainda lá”.

106 Escrita em 25/08/2007. Não encontrei comprovante de que tenha sido publicada.

Bem, se tantos e tão conceituados compositores (re)visitaram a “Canção do Exílio”, permitam-me os leitores que esse migrante saudososo, não das palmeiras e sabiás, mas de seus amores pelos familiares que deixou em outras plagas, tente também uma estrofe:

Venho de outras paragens/ terras de mato ruim/ mas uma cidade bonita/ que pôs feitiço em mim. Acolhido em Dourados/ terra de todos os povos/ a saudade foi sumindo/ o feitiço desmanchando/ e o amor sempre aumentando.¹⁰⁷

Ah! Mas não pense o leitor que eu não amasse a cidade feitiço, ou a cidade das pedras¹⁰⁸, onde morei alguns anos, ou mesmo as terras altas, cortadas pelo rio Fugido, onde nasci¹⁰⁹. Acontece, meu caro leitor, que amamos de coração a tudo aquilo que ajudamos a edificar ou a tudo aquilo que conseguimos enxergar de belo em nosso redor. Em caso contrário, se não ajudamos na edificação e nem conseguimos ver o que temos de bom, restar-nos-á buscar a cidade ideal em terras distantes, seja nas lembranças de um passado que não volta jamais, seja na projeção de encantos em terras que nem sequer conhecemos bem.

107 O autor veio de Catanduva, que em Guarani significa terra de mato ralo, daí a expressão “terra de mato ruim”. “Pôs feitiço em mim” é também uma alusão à Catanduva, conhecida como Cidade Feitiço.

108 Ita = pedra; polis = cidade. Itápolis = Cidade das Pedras.

109 O rio Fugido corta a cidade de Borborema, no Estado de São Paulo, onde nasceu o autor.

A cidade e os olhos ¹¹⁰

Não faço segredo de que “As Cidades Invisíveis”, de Ítalo Calvino seja o meu livro de cabeceira. Segredo também não é que eu nunca tenha conseguido decifrá-lo. Nunca tentei, e é bem provável que se alguém se propusesse a me ajudar a decifrá-lo eu recusaria. O meu encanto por essa obra talvez resida justamente nessa minha incapacidade (ou recusa) de compreendê-la. Leio e (re)leio as suas páginas de trás para a frente, do meio para o começo, do começo para o fim, às vezes repito a leitura de uma única página durante dias seguidos.

Não raro acontece de acabar a leitura e compará-la com uma ou outra reunião que tive ao longo do dia, seja com sindicatos, representações institucionais ou com associações de moradores. Ocorre-me vez ou outra de que poderia encontrar o conteúdo das conversas dessas reuniões em alguma página do livro.

Muitas vezes ainda, andando pela cidade, e eu ando Dourados de ponta a ponta, penso em qual cidade invisível eu estaria, porque n temos várias Dourados dentro de Dourados.

Por outro lado, quando leio nas páginas de nossos jornais diários matérias relativas à nossa cidade, sei que o autor está se referindo a uma parte como se a parte fosse o todo. E se for o caso de estar lendo um desses autores de visão unilateral das coisas, logo me vem à mente Zemrude, uma das cidades imaginadas por Calvino. “É o humor de quem olha que dá a forma à cidade de Zemrude. Quem passa assobiando, com o nariz empinado... conhece-a de baixo para cima. Quem caminha com o queixo no peito, com as unhas fincadas nas palmas das mãos, cravará os olhos à altura do chão, dos córregos, das fossas...”

110 Escrita em 25/08/2007. Não encontrei comprovante de que tenha sido publicada.

E assim segue a narrativa que é intitulada: “As cidades e os olhos”. O leitor já percebeu onde quero chegar: a nossa cidade é aquilo que enxergamos e não exatamente aquilo que ela é. Dessa forma a nossa cidade será aquilo que sonharmos que ela seja.

Difícil? Imagine! Vamos cantar com James Taylor e Milton Nascimento “Only a dream in Rio: “O lugar que a gente sonhar/ Pode existir, existirá/ Vive em nós e viverá”.

Quem sabe assim, quando passarmos por qualquer uma das Dourados existentes em Dourados, os nossos olhos se encontrem com a alegria e a beleza. É isso, pois quando temos uma boa imagem do geral fica-nos muito mais fácil remover o triste e o feio. Em caso contrário, se somente nos concentramos no feio, no errado, no triste, perdemos o ânimo e as cores de nossa cidade desbotam.

Passsei a manhã do último sábado no parque Antenor Martins. Centenas de crianças brincavam alegremente sob o olhar atento de seus professores e dos soldados do exército e eu pobre de mim quase perco essa beleza toda preocupado em ver três ou quatro copos de plástico atirados na grama.

Mandar ou coordenar, eis a questão? ¹¹¹

Vamos lá, meus caros amigos leitores, respondam-me de bate pronto: o que vocês preferem: o chefe político que coordena ou o que manda?

Talvez jamais saiba a sua opinião, mas por gentileza acompanhe a minha, não sem antes eu lhes contar umas experiências que tive na minha vida estudantil e profissional para ao final oferecer-lhes a minha visão sobre o assunto.

Entreí na escola direto para o primeiro ano, no Instituto de Educação Valentim Gentil, onde se ensaiava, naquele longínquo 1954, ano do suicídio de Getúlio Vargas, uma experiência inteiramente inovadora no método de alfabetização. Duas professoras acompanhavam a classe, Dona Enide e Dona Maria do Carmo. É bem provável que tenham utilizado o método Montessori para a nossa alfabetização. Esse método se propõe a desenvolver a totalidade da personalidade da criança e não somente suas capacidades intelectuais. Consiste também em apurar as capacidades de iniciativa, de deliberação e de escolhas independentes do educando bem como se preocupa com os componentes emocionais da criança.

O que me lembro bem é que brincávamos muito, interagíamos, escolhíamos atividades. Como não usávamos cartilhas ou algo parecido minha mãe preocupava-se e várias vezes foi conversar com a diretora sobre o meu aprendizado. Em resumo, no final do ano, conforme as professoras e a própria diretora explicara para minha mãe, eu escrevia e lia com fluência.

111 Escrita em 2007. Não encontrei comprovação de que tenha sido publicada.

No Ginásio (o que corresponde hoje ao ensino fundamental) continuei a minha experiência com trabalhos em grupo. Não tínhamos muita noção da importância de trabalhar em equipe. Mas devagar fomos observando que dentre nós não faltavam os que encostavam o corpo e aguardavam o trabalho do colega e que outros se destacavam como lideranças, trazendo a turma à responsabilidade, dando sugestões, fazendo encaminhamentos.

No ensino médio a experiência foi mantida. Tínhamos muitos trabalhos em grupo. Já mais maduros, mas sendo estudantes trabalhadores, portanto com tempo escasso, não foram raras as vezes em que dividimos o trabalho de tal forma que a sobrecarga não fosse tão intensa. De qualquer forma, o trabalho era extremamente profícuo, pois tínhamos que nos organizar, dividir as tarefas, interagir e, enfim, nos preparar para as chamadas orais, que se fazia àquela época.

Sem contar quando tínhamos que realizar apresentações de nossas pesquisas sobre temas polêmicos, ao menos para aqueles tempos, como apresentar a diferença entre evolução e progresso, e as teorias do criacionismo e do evolucionismo.

Como aluno de graduação já compreendíamos bem melhor o papel do trabalho em equipe. Quantos seminários, mesas redondas, debates que fazíamos após termos preparado pesquisas sobre os temas mais diversos.

Finalmente como professor universitário, quantas participações em coordenações, chefias, direções, grupos emergentes de pesquisa. Quantos debates, seminários, conferências!

Depois dessa digressão tão grande, desejamos finalizar dizendo que a coordenação é muito mais produtiva que o mandonismo. Quem sabe coordenar uma equipe, sabe também ouvir, aceitar a coordenação de seus pares, enfim, sabe interagir com os seus semelhantes. Os mandões não escutam ninguém, não escutam nada, portanto estão muito mais suscetíveis ao erro.

A equipe é fundamental ¹¹²

O velho Freud já ensinava no final do século XIX que é indizível o que é produto da criação individual daquilo que se produz coletivamente. Faço a citação de memória, não tive o cuidado de buscá-la *ipsis litteris*, mas o sentido é o de que nenhum indivíduo consegue produzir qualquer invenção sem que haja a participação de outros atores, sejam eles vivos ou mortos, próximos ou distantes. Os mortos, só para esclarecer, podem ter deixado escritos, experimentos relatados. Enfim, o que desejo dizer é que ninguém desse mundo seria capaz de criar algo do nada.

Pode ser válido dizer que Edson inventou a lâmpada, que Pier Giorgio Perotto inventou o primeiro computador pessoal, que Marconi inventou o rádio, mas convenhamos, eles partiram de uma série consistente de pesquisas anteriores que lhes possibilitaram o avanço final.

Se na época desses nobres pesquisadores acima citados, já era praticamente impossível produzir algo sozinho, imagine o caro leitor o que poderíamos fazer individualmente nos dias atuais em que cada partícula, cada detalhe acrescentado a uma pesquisa torna-se algo valioso.

Da mesma forma, as empresas públicas ou privadas já perceberam que no campo do trabalho as coisas se encaminham no mesmo rumo. E isso não é de hoje, pesquisas escolares nos tempos do ginásio, grupos emergentes de pesquisa nas universidades, equipes nas empresas, equipes na administração pública.

E não basta ter uma equipe, é necessário que a equipe seja afinada como uma orquestra. Não sei onde li certa vez esse tipo de comparação. Na orquestra sinfônica estão os melhores músicos, no entanto

112 Escrita em 2007. Não encontrei comprovação de que tenha sido publicada.

separemos o tocador de tuba e coloquemo-lo a tocar sozinho. Qual seria o resultado que obteríamos senão um rotundo fracasso?

Como disse, todos os músicos de uma sinfônica são excelentes artistas, cada qual com o seu instrumento. Então entra em cena o maestro, que tem que saber música, possuir o que chamamos de ouvido musical, ter técnica de trabalho, enfim, exercer com naturalidade o seu papel.

Assim, guardadas as diferenças próprias de cada tipo de empreendimento, essa sintonia deve ocorrer também com o coral, com a empresa comercial, com a indústria e com as empresas públicas. Sem equipe, sem capacidade, sem afinação, sem coordenação, não se chega a lugar nenhum.

Eleições 2008: “se o povo está feliz, fiquemos felizes também”¹¹³

No dia imediatamente posterior às eleições de 5 de outubro, portanto no dia 6, meu site www.biasotto.com.br voltou à rede depois de três meses de ausência devido a determinação da Justiça Eleitoral, que não permitiu campanha pela Internet. Nesse dia, publiquei no referido site uma pequena matéria comprometendo-me a fazer uma análise das eleições de 2008 em Dourados, com o intuito de entender os resultados, e de modo especial, a nossa derrota, muito mais fragorosa do que o esperado.

Não foi o resultado esperado, já disse, ao contrário, foi surpreendente. As nossas pesquisas internas indicavam um crescimento constante e consistente de nossa candidatura, uma estagnação da candidatura Murilo e uma curva descendente e ininterrupta da candidatura Ari.

Murilo, em nossas pesquisas, subiu de 19 para 28% e estagnou por aí até 26 de setembro. Ari Artuzi tinha 78% no início do ano e foi caindo, caindo, ficando nessa data acima mencionada com 32%. A nossa candidatura começou com 1% em fevereiro, 4% em 30 de março, 10% por volta de 15 de abril, pulamos para 16, 20, 25, até que no dia 26 de setembro estávamos com 29%.

Pesquisas internas de um concorrente nosso mostravam aproximadamente esses mesmos números por volta de 23 de setembro: Murilo 28%, Biasotto 29%, Ari 30%.

Na nossa avaliação, tínhamos conseguido uma grande virada e esperávamos que a tendência verificada até então se confirmasse. Che-

113 Publicada no Diário MS em 26/10/2008 e no Dourados Informa e Dourados News em 27/10/2008.

gamos a comentar que seria a maior virada da história nas eleições municipais em Dourados.

No dia 2 de outubro, quando nos dirigimos para o debate promovido pela Globo/Morena, as nossas pesquisas colocavam Ari com 34%, Murilo 29,5% e Biasotto 27,5%. Mesmo verificando essa tendência de reviravolta, fomos confiantes para o debate.

Esses números acima explicam a nossa surpresa com o resultado das urnas. Daí o nosso interesse e o nosso compromisso suprarreferido em fazermos uma análise do pleito. Análise, dizemos, no sentido de decompor o todo em suas partes.

Pretendemos a cada dois dias, até esgotarmos os pontos relevantes, publicar uma crônica analítica, disponibilizando-as em nosso site e para a imprensa local. Nessa primeira crônica em torno do assunto, permita-nos o leitor que façamos a ratificação daquilo que dissemos em entrevista logo após a conclusão da apuração e que representa, ao mesmo tempo, a) um ato de civilidade, b) de pleno respeito ao processo democrático e c) de (re)afirmação de nossas convicções.

a) Em relação à entrevista: agradecemos a todos os eleitores que depositaram em nosso nome o seu voto de confiança; à nossa equipe de profissionais contratados, desde o mais humilde cabo eleitoral até o mais graduado dos profissionais de marketing que pensaram a nossa campanha; aos militantes, que não foram poucos, que dedicaram o seu precioso tempo, passando de casa em casa, nos bairros, tentando convencer democraticamente as pessoas sobre a importância do nosso projeto; aos políticos que emprestaram o seu precioso apoio (destaque para os secretários municipais, prefeito Tétila, vereadores do PT e PSB, deputados estaduais do PT, Secretário do Meio Ambiente Egon Krakeke, Senador Delcídio, Ministros da Igualdade Racial e da Educação); aos partidos políticos que fizeram parte de nosso arco de aliança (PT, PSB, PSDC, PCdo B e PTN); aos coordenadores de nossa campanha (Natal, Ilton e João Grandão); aos candidatos e candidatas de nossa coligação que não mediram esforços para levar o nosso nome aos seus eleitores;

aos nossos amigos e familiares que acompanharam *pari passu* toda movimentação de campanha. Por fim, mas não menos importante (*last but not least*, como diriam os ingleses), os nossos agradecimentos a todos os que mesmo no anonimato contribuíram para que obtivéssemos a votação que tivemos.

b) No que toca ao processo democrático: o professor Cláudio Freire, nosso candidato à vice-prefeito, enquanto nos dirigíamos para a entrevista logo após ser anunciado o novo prefeito eleito, disse-nos, não sem um leve e sutil toque de ironia: “se o povo esta feliz fiquemos felizes também”. Feliz ou não, em uma democracia deve-se respeitar o desejo da maioria e, nesse sentido, arrematamos: “seja feita a vontade do povo”. Nesse diapasão é que desejamos tanto ao prefeito como aos vereadores eleitos, uma feliz gestão, muito boa sorte e sabedoria para gerir a coisa pública.

c) Por fim, em relação à (re)afirmação de nossas convicções: Nós não disputamos a eleição por vaidade, mas com o objetivo de trabalhar em prol de nossos concidadãos, portanto, não temos do que nos arrepender. Perder uma eleição não significa o final do mundo, quer dizer apenas que o eleitorado entendeu que o nosso adversário oferecia melhores propostas que as nossas. Se o entendimento popular foi correto, somente o tempo, senhor da razão, como ensinavam os latinos, dirá.

O que concluímos em princípio é que o futuro prefeito está longe de ser uma unanimidade, mas por questão de espaço, essa e outras questões, conforme supra prometido, serão enfocadas em nossas próximas crônicas.

Eleições 2008: o PT não se afastou do povo, comunicou-se mal com o povo¹¹⁴

Terminada a apuração dos votos nessas concorridas eleições de 2008 em Dourados, cada ser minimamente politizado fez a sua análise dos resultados. A grande maioria guarda para si ou comenta em círculos muito restritos as suas considerações, outros, por dever de ofício ou por deleite, publicam as suas avaliações. O que importa, afinal de contas, é que todos, eleitores ou não, que exerceram ou não o democrático direito de escolherem o prefeito e os vereadores que cuidarão respectivamente do executivo e do legislativo municipal ao longo de quatro anos, a começar em 2009, têm o direito de se manifestar e demonstrar o seu sentimento em relação ao pleito.

Nós, que participamos diretamente da campanha, como candidato do Partido dos Trabalhadores à vaga de prefeito municipal, também fizemos a nossa avaliação. No entanto, preferimos aguardar o rescaldo da inflamada eleição para depois tornarmos pública a nossa opinião. Essa posição nós a publicamos em nosso site: www.biasotto.com.br

Evidente que decorridos mais de vinte dias após o pleito, muitos já publicaram as suas avaliações e não duvido se alguns já tenham até mesmo perdido o interesse pelo resultado, no entanto, pensamos ser obrigação nossa vir a público e explicitar a nossa opinião, emitir a nossa análise. E isso demanda reflexão, tempo, espaço, avaliação crítica de vários fatores e sistematização das ideias, portanto, peço vênua ao leitor para analisar, ou seja, decompor o todo em suas partes, de modo que ao final, somando-se essa decomposição, tenhamos uma ideia bem aproximada do por que do resultado ter sido o que foi.

114 Publicada no Dourados Informa e Dourados News 27/10/2008.

Eleições 2008: o PT não perdeu por ter se afastado do povo.

A tese de que o PT se afastou do povo e por isso perdeu, defendida por muitos, inclusive por um amigo pelo qual tenho o maior apreço e no qual deposito absoluta confiança de que será um eminente cientista social, não me parece inteiramente correta embora seja bem embasada. Anatólio Medeiros Arce, em matéria publicada no “Dourados Informa” em 20/10/2008, defende basicamente que a derrota do PT em Dourados se deu devido ao distanciamento das suas bases políticas, abrindo espaços que foram ocupados de forma proveitosa por Ari Artuzi.

Estar quase que permanentemente no meio do povo não significa exatamente que se esteja defendendo os seus interesses, aliás, pode ocorrer justamente o contrário, pode-se estar corrompendo o povo por intermédio da prática do clientelismo e do assistencialismo. Lula, Zeca (quando governou o estado), Tetila e mesmo nós, quando exercemos o cargo de secretário de governo, justamente por trabalharmos especialmente em benefício dos trabalhadores, não dispusemos de tempo para estarmos frequentemente nos batizados, casamentos, velórios e tantos outros eventos que pressupõe aglomerações. O que fizemos foi desenvolver políticas públicas que contribuíram de fato para que o povo se libertasse dos demagogos.

Defendemos a tese que o PT de Dourados não se afastou do povo, no sentido de que não governou para o povo, mas talvez tenha se comunicado mal. Estamos convencidos, pelo menos agora, que não basta fazer, é preciso saber mostrar o que foi feito. Lembremo-nos do secular ensinamento de que “à mulher de César não basta ser honesta, é preciso que mostre que é honesta”.

A questão deve ser vista, portanto, sob outro ponto de vista, e ser posta especialmente sob dois aspectos. Primeiro, o aspecto da comunicação: Lula, por exemplo, com toda a certeza, governa para o povo menos favorecido, sem ficar necessariamente o dia inteiro no meio dos trabalhadores, o que quer dizer que o presidente se comunica melhor com a população em geral, do que fizemos nós aqui em Dourados, haja vista a sua elevadíssima popularidade, a maior que um presidente brasileiro já obteve. Segundo aspecto: desde 2001 quando assumimos a Prefeitura de Dourados mudamos a forma tradicional de fazer política, ou seja, ao invés do assistencialismo e clientelismo, passamos a desenvolver políticas públicas, principalmente na área da Assistência Social (a exemplo do governo Lula), mas não conseguimos mostrar à sociedade o significado mais profundo dessa mudança, ou seja, não promovemos uma mudança de mentalidade que permitisse ao povo em geral distinguir e aprovar o alcance dessa mudança.

Talvez o prefeito Tetila tenha entrado no imaginário coletivo de nosso povo como um bom prefeito, mas isso não foi o suficiente para a transferência de votos Tetila/Biasotto como se esperava, justamente porque construímos, ao longo de nossa administração, a imagem de um homem e não a de um projeto representado por esse homem (Tetila).

Estudiosos da História das Mentalidades compreenderão que esse tipo de mudança (das mentalidades) não se faz do dia para a noite, às vezes, demora séculos para ocorrerem e somente acontecem se não houver rupturas de processo.

Como dizem os historiadores franceses da Escola dos Annales, as mudanças de mentalidade são ocorrências de longa duração. Assim sendo, concluímos que os oito anos de administração Tetila foram profícuos, extremamente proveitosos para o desenvolvimento de nossa cidade, mas, por outro lado, demasiadamente curtos ou insuficientemente divulgados para provocar a compreensão de que existe uma

profunda diferença entre assistência social e assistencialismo¹¹⁵, entre democracia e demagogia¹¹⁶, entre governo popular e governo populista¹¹⁷.

É provável que com o passar do tempo a compreensão dessa distinção seja possível.

Volto na quarta-feira com outra crônica sobre eleições 2008.

115 Houaiss: (...) assistência a membros carentes ou necessitados de uma comunidade... em detrimento de uma política que os tire da condição de carentes e necessitados.

116 Aurélio: Conjunto de processos políticos hábeis tendentes a captar e utilizar, com objetivos menos lícitos, a excitação e as paixões populares.

117 Aurélio: Política fundada no aliciamento das classes sociais de menor poder aquisitivo.

Eleições 2008: onde o PT atuou melhor é que abriu brechas¹¹⁸

Cumprindo o nosso propósito de analisarmos (analisar no sentido de decompor o todo em suas partes) o pleito de 5 de outubro de 2008 em Dourados e tentarmos dessa forma explicar o sucesso de Ari Artuzi e a renovação impressionante de 75% dos vereadores de nossa Câmara Municipal, desejamos hoje posicionarmo-nos contrário à tese de nosso amigo, não obstante adversário político, o escritor Waldir Guerra.

Onde o PT atuou melhor é que abriu brechas. A tese de Waldir Guerra, publicada no dia 20/10/2008 no Jornal O Progresso, sob o título: “Hora de cuidar das coisas”, é que os pontos fracos do PT na administração municipal foram a Saúde e a Assistência Social. Segundo o autor, Ari Artuzi destacou-se nessas atividades e terá sucesso nessas duas áreas em sua administração.

O nosso desejo é que Waldir Guerra tenha razão no sentido de que Ari saia-se bem nesses campos, como ademais desejamos que seja bem sucedido em todos os demais setores da administração pública. No entanto queremos refutar que o PT douradense tenha os seus pontos fracos nas áreas de assistência social e saúde. Perdoe-nos o leitor se cito de memória os dados abaixo, mas vejamos: Em 2001 tínhamos apenas o Hospital Evangélico atendendo a nossa região, hoje temos o Hospital Universitário, o Hospital de Urgência e Trauma, o Hospital da Mulher, todos municipais e, é bom ressaltar, o Hospital Evangélico continua atendendo muitos casos. Ainda como base 2001, tínhamos uma média de quatro mil procedimentos diários, hoje temos cerca de doze mil. Tínhamos quinze PSFs (Programa de Saúde Familiar), hoje temos 37.

118 Publicada no Dourados Informa e Dourados News 29/10/2008.

Tínhamos uma farmácia municipal, hoje temos onze. Tínhamos menos que 90 médicos contratados, hoje são mais de trezentos médicos e mais de cem dentistas. Tínhamos cerca de 900 funcionários lotados na Secretaria de Saúde, hoje são mais que dois mil e quinhentos. Tínhamos duas ambulâncias, atualmente são dezoito, incluindo o SAMU. Melhoramos ou não?

No que diz respeito à Assistência Social, primeiro é bom dizer que antes da gestão petista havia um programa chamado pró-social, comandado pela primeira dama e que nós é que criamos a Secretaria de Assistência Social e de Economia Solidária. Essa Secretaria que conta hoje com mais de duzentos funcionários (especialmente psicólogos(as) e Assistentes Sociais), desenvolve um trabalho digno de reconhecimento nacional e mesmo internacional. Senão vejamos: onde estão os milhares de crianças que perambulavam pelas ruas de Dourados? Onde estão os mendigos de nossa cidade? Onde estão as pessoas vulneráveis ao desemprego, à fome, às enchentes, à violência?

Edificamos vários Centros de Referência em Assistência Social (CRAS), os Centros de Referência Especializados em Assistência Social (CREAS), administramos o PETI (programa de erradicação do trabalho infantil), o programa Sentinela (proteção às crianças e adolescentes vítimas de violência sexual), o Viva Mulher (proteção à mulher vítima de violência), promovemos a convivência entre os idosos e tantos outros programas. Além desses, vale destacar ainda a instituição da partilha dos recursos públicos para as sociedades beneficentes, o programa “Coletivos para a qualificação para o trabalho” que qualificou mais de dez mil douradenses para o trabalho, dentre os quais cerca de mil e quinhentos no bem sucedido empreendimento de Economia Solidária que já conta com quatro lojas e até um banco social com o já famoso pirapirê, que é uma moeda social.

Teríamos outros argumentos, mas o espaço impõe-nos um resumo. No que tange à Saúde estávamos tornando públicos praticamente todos os procedimentos nesse setor e no que concerne à Assistência

Social estabelecemos redes de proteção às famílias vulneráveis, dando inicialmente o peixe para logo em seguida ensinarmos a pescar.

Esses foram pontos extremamente fortes da administração petista em Dourados, embora tenham sido os menos compreendidos. Logo, a administração de Ari Artuzi somente será forte nesses dois setores se continuar o trabalho nesse rumo, a sua ação enquanto vereador e deputado foi justamente contrapor-se a esse processo com o seu assistencialismo (caronas de ambulância, lanches em velórios, empréstimo de vestidos de noiva e coisas do gênero).

Se Ari Artuzi acumulou capital eleitoral ao promover esse tipo de assistencialismo é porque ficaram brechas sem serem preenchidas pela administração municipal e porque o ministério público talvez não tenha considerado esses favores como compra de votos.

é que a administração Tetila fez tudo certinho em relação ao moderno conceito de Assistência Social, falhou por não conseguir aliar as ações administrativas a atos políticos que implicassem em um avanço na compreensão da sociedade de que a Assistência é dever do estado. Da mesma forma como a Saúde: a assistência à saúde também é dever do estado, mas como nem sempre os recursos são suficientes para atender a todos, o governo estabelece prioridades e, nesse caso, as brechas foram maiores. Nessas brechas, em nossa maneira de entender, deveria entrar o Ministério Público, não para ordenar simplesmente o atendimento, mas para avaliar se o governo está estabelecendo corretamente as prioridades. No entanto em nossa cidade o que surgiu foi a figura do assistencialista que de maneiras diversas e muitas vezes escusas consegue furar filas para consultas e cirurgias eletivas.

Em conclusão, não por esgotar o assunto, mas por exiguidade de espaço, desejamos reafirmar que o PT nem se afastou do povo e nem deixou de fazer um bom trabalho em termos de Saúde e Assistência Social, o que não conseguiu foi preencher todas as brechas. Dessas brechas se aproveitaram os nossos opositores, especialmente os assistencialistas.

Agora é esperar para ver como Artuzi resolverá o seu primeiro dilema, ou seja, como vai fechar as brechas deixadas pelo PT. Na qualidade de prefeito vai adotar políticas públicas como manda a Lei ou vai continuar com o seu assistencialismo e incorrer em improbidade administrativa?.

O nosso futuro prefeito com certeza terá dificuldades em solucionar esse conflito dramático, afinal, como diria Nietzsche, “o indivíduo não pode ser simultaneamente a melodia e seu acompanhamento”.

Próxima crônica: sexta-feira: sobre o financiamento das campanhas

Eleições 2008: o financiamento das campanhas ¹¹⁹

Continuando a nossa avaliação sobre o resultado das eleições 2008 em Dourados, vamos falar hoje a respeito de mais uma das causas do nosso insucesso atacando problema deveras sério, complexo e mal resolvido até hoje, que é o financiamento das campanhas.

Na avaliação interna que o Partido dos Trabalhadores realizou sobre as eleições 2008 em Dourados, um companheiro disse que não obstante o nosso esforço, o partido não deveria ter escolhido para candidato a prefeito quem houvera sido derrotado na eleição de 2004 para vereador.

Besteira! Tivemos uma expressiva votação em 2002 quando fomos candidato a deputado estadual e muito bem votado em 2004 quando concorremos para vereador. Não nos elegemos porque a nossa legenda nessas épocas era muito poderosa. Nossas derrotas em tais oportunidades foram apenas eleitorais, não políticas, e a nossa contribuição foi significativa. Fizemos respectivamente 4 deputados estaduais e 4 vereadores.

Modéstia às favas. Não nos faltou uma boa ficha de prestação de serviços à comunidade, não nos faltou trabalho, não nos faltou honestidade, coragem, disposição. Faltou, sim, e muito, dinheiro, como também agora nessa recente eleição para prefeito.

Passadas as eleições, nosso pai, do alto de seus oitenta e oito anos, talvez para nos confortar da derrota, fez uma analogia entre o que os seus velhos ensinavam a respeito da arte da guerra e de como ganhar uma eleição: o rei chamou o general, disse-nos ele, e perguntou o que era necessário para vencer a guerra, ao que o general teria respondido,

119 Publicada no Dourados Informa e Dourados News 31/10/2008.

três coisas são necessárias, dinheiro, dinheiro, dinheiro. Da mesma forma na eleição, disse-nos meu pai.

Confortamo-nos, de fato, não obstante o esforço de alguns companheiros e a generosa contribuição de outros, faltou-nos recurso financeiro para enfrentarmos a campanha.

Mas não é o caso de chorarmos o leite derramado, é apenas uma constatação. O que talvez seja oportuno perguntar é se faltou dinheiro para todos os demais candidatos?

Existe uma fábula já antiga que fala da existência de um córrego com nascentes em Campo Grande e foz em Dourados. Esse córrego teria duas nascentes importantes, ambas no Parque dos Poderes, uma nas cercanias do Palácio do Governo, a outra nas proximidades da Assembleia Legislativa. Embora situado no Centro-Oeste do Brasil, esse córrego é típico do Nordeste brasileiro. Às vezes chega a secar, mas em certas épocas avoluma-se, corre célere, inunda Dourados, não com a água generosa das fontes, mas com muito dinheiro para o financiamento das campanhas.

A procedência dessa fábula é que as disputas eleitorais em Dourados são definidas em Campo Grande. Mesmo sendo um importante centro econômico e educacional, é que ainda não forjamos lideranças capazes de contraporem-se aos interesses dos políticos da capital. Até agora conformamo-nos em oferecer (ou sacrificar?) as nossas lideranças para serem vices, vices que, com o devido respeito, muito pouco contribuíram para com o nosso desenvolvimento. Há vinte anos somos uma cidade de vices governadores.

Mas, voltemos à velha fábula para dizer que, nunca tínhamos ouvido falar em tanta compra de votos como nessas últimas eleições em Dourados. É bem provável que o dinheiro que algumas coligações gastariam com showmícios e brindes tenham sido desviados para o alicia-mento de eleitores. Ouvimos falar em pagamento de passagens, brindes que incluíram tanquinhos de lavar roupa e até computadores; sem falar em dinheiro vivo, variando de cem a mil reais.

Mas quem teria a coragem de tentar provar essas coisas. Eu não, e se faço essas considerações acima é porque elas são públicas e notórias e, como consagra o direito, o que é público e notório não precisa ser provado.

De qualquer forma não custa aqui relembrar o discurso de inauguração da sede do PR em Dourados, quando o deputado Londres Machado afirmou, e virou manchete no Diário MS (7/04/2008), que “Eleição só se ganha no dia”.

Também o padre Crispim, em artigo publicado no dia 22 de outubro deste ano, intitulado “perdi meu voto” fala sobre esse assunto. Diz ele: “Claro, que ouvir falar que houve compra de votos é um prejuízo, já que tanto trabalhamos para que não houvesse” e mais adiante: “aqueles que primam pela honestidade, que acreditaram em eleições limpas se surpreenderam com os votos recebidos e dados a alguns candidatos”.

Por essas considerações acima, vamos deixar bem claro: se houve eleições limpas em Dourados nesse ano de 2008 a limpeza foi em termos de ausência de outdoors, santinhos espalhados pelas ruas, cartazes dependurados nos postes, porque em termos éticos, valha-nos Deus.

Assim sendo, o que precisamos é de uma profunda reforma política nesse país, que preveja o financiamento público das campanhas. Ah! Não nos esqueçamos: se existe alguém que compra o voto é porque existe outro alguém que o vende.

Na segunda-feira postarei outra crônica: “Eleições 2008: a grande invasão indígena”

Em tempo: Em crônica anterior dissemos que as pesquisas até 26 de setembro indicavam empate técnico entre os três candidatos à prefeitura de Dourados e um amigo jornalista disse que escolhemos o instituto de pesquisa errado. Em outra crônica afirmamos que o PT deixou algumas brechas, outro amigo, foi logo dizendo que deixamos um buraco negro. Como tenho muitos amigos não faltará agora quem nos diga que o choro é livre.¹²⁰

120 Esse comentário não foi publicado

Eleições 2008: “a grande invasão indígena”¹²¹

Um dos componentes importantes das eleições 2008 em Dourados foi a discussão em torno da demarcação das terras indígenas no Brasil e, de forma especial em Mato Grosso do Sul. A FUNAI baixou portarias para iniciar as demarcações de forma intempestiva, sem esclarecer exatamente no que implicavam, ou seja, quais seriam as dimensões desse ato.

Candidatos de direita ou seus lugar-tenentes transformaram essas portarias em armas poderosas e, de uma maneira subliminar, conseguiram tirar uma incontável soma de votos da “Coligação Dourados Cada Vez Melhor”, única coligação de esquerda que concorreu ao pleito em Dourados.

Nossos adversários foram de uma competência assustadora. Usamos aqui competência no sentido de capacidade para competir e assustadora no sentido de que nós percebemos claramente os efeitos devastadores desse estratagema durante a campanha, quer dizer, mesmo antes do resultado das eleições.

Vamos aos fatos. Em 1987 o Brasil assinou acordo internacional para demarcar as terras indígenas em território nacional. Em 1988 esse acordo foi transposto para a nossa Constituição. Em 1998, logo após uma participação de Ruthy Cardoso em reunião da ONU (Organização das Nações Unidas), o então presidente Fernando Henrique determinou as demarcações.

Isso tudo não passou de letra morta, coisa para inglês ver, como se diria na época das campanhas abolicionistas em que eram aprovadas leis e mais leis que não saíam do papel.

121 Publicada no Dourados Informa e Dourados News em 04/11/2008.

Nos quase seis anos de governo Lula as coisas não foram muito diferentes e cremos que somente em virtude de pressões internacionais é que agora, em 2008, recrudesceram as iniciativas para a demarcação das terras e a FUNAI baixou as ditas portarias.

Foi como fogo em rastilho. Empresários rurais, pequenos sitiantes, produtores rurais de todas as categorias ficaram verdadeiramente assustados com a possibilidade de perderem as suas terras. Cerealistas, comerciantes, profissionais liberais, além, evidentemente de políticos de direita e do próprio governador do estado, arvoraram-se na defesa da propriedade. Em todas as reuniões políticas que fazíamos, inclusive em instituições tradicionais como OAB, Sindicato Rural, ACED, Rotarys, Lojas Maçônicas, a pergunta era inevitável: “qual a nossa posição em relação à demarcação das terras indígenas?”

A demarcação é uma necessidade, respondíamos, mas não é nada do que se está dizendo, nem 3 milhões e muito menos 10 milhões de hectares serão demarcados. O que está acontecendo é ato de terrorismo psicológico, os responsáveis pela disseminação dessas ideias deveriam estar detrás das grades.

Não adiantavam argumentos. O medo se disseminara. As pessoas passaram a acreditar de fato que Mato Grosso do Sul passaria a ser uma terra de índios. O município de Dourados seria extremamente prejudicado. E nós não conseguíamos convencer as pessoas de que os próprios índios entendiam que os seus tekohas (terras ancestrais), eram poucos em Dourados (sabemos de dois).

Temos que dar razão, mais uma vez, a Cornelius Castoriades, por nos ensinar que a “classe dominante não consegue mistificar as demais sem mistificar-se a si própria”. A crença de que haveria uma grande invasão indígena passou a ser um.

Tem gente pretendendo matar o carrapato e está matando a vaca, dizíamos nós em linguagem bem conhecida no meio rural para nos fazermos entender.

Agora passadas as eleições, desapareceu a “ameaça” da “grande invasão indígena”, da mesma forma como também sumiu o “perigo” iminente de Dourados ser ultrapassada por outras cidades do estado. Desapareceu o “perigo” porque nunca existiu, essa é . No entanto os efeitos do ardil utilizado precisam ser estudados e não obstante ser essa uma tarefa mais afeta aos psicanalistas e cientistas sociais, permitam-nos meter a nossa colher nesse angu.

Entendemos que a ação em torno de uma questão fundiária acabou tomando dimensões incomensuráveis, mexendo com o imaginário social de nossa gente, entrando no inconsciente coletivo da população, como se dizia, com grande prejuízo, mais uma vez, aos nossos irmãos índios.

Dourados é terra de todos os povos. Aqui convivemos com respeito às nossas respectivas culturas, alemães, espanhóis, italianos, japoneses, libaneses, paraguaios, portugueses, sírios, sem contar representantes numericamente menores de outras nacionalidades. Nossa cidade é uma terra de migrantes, se não migramos nós, migraram os nossos ancestrais. Gaúchos, catarinenses, paranaenses, paulistas, nordestinos de todos os estados para cá vieram, se estabeleceram, convivem harmoniosamente, comungando ideais de desenvolvimento e de solidariedade.

No entanto, os índios foram confinados, encarcerados em uma reserva, foram humilhados, ultrajados, violentados em sua cultura e durante a campanha, de certa forma, responsabilizados previamente por eventual insucesso no desenvolvimento de Mato Grosso do Sul.

Os índios, da mesma forma que os europeus, os africanos e os asiáticos, são nossos irmãos, pertencem à mesma raça humana, portanto não podem ser discriminados, não podem ser vítimas de preconceito, sob pena de incorrerem em uma irresponsabilidade, injustificável por qualquer processo eleitoral que seja.

Temos em relação aos índios (mas também em relação aos negros) uma enorme dívida social. Precisamos pagá-la com urgência. E não será com um pedacinho de terra, mas, como dissemos ao longo de

nossa campanha política, abrindo-lhes espaços para que possam estudar trabalhar, avançar em desenvolvimento, partilhar com as demais etnias a sua rica cultura.

Eleições 2008: pesquisas de opinião e voto útil ¹²²

Longe se vai o tempo em que os partidos políticos lançavam os seus candidatos e ficavam na mais absoluta incerteza sobre a condução da campanha e o resultado das eleições. Atualmente, as pesquisas quantitativas e qualitativas dão aos candidatos uma noção clara dos passos que devem ser dados ao longo do processo eleitoral.

Nos Estados Unidos, desde os anos de 1940, já se faziam pesquisas com elevado grau de confiabilidade. O sociólogo Paul Lazarsfeld, austríaco judeu que migrou para os Estados Unidos em 1933, foi o líder das iniciativas em torno de pesquisas eleitorais (cf. Folha: 2/11/2008). No Brasil, os nossos ensaios sobre pesquisas remontam a 1942, quando foi criado o IBOPE, inspirado no Galup norte-americano. O Datafolha, fundado em 1983 e o Vox-Populi em 1984, comemoram quase juntos o jubileu de prata e, ao contrário do IBOPE, que fez a sua primeira boca-de-urna em 1988, já nasceram com vocação para a pesquisa política.

O atraso temporal brasileiro em relação às pesquisas eleitorais deveu-se ao fato de o Brasil ter vivido, entre 1937 a 1945 e 1964 e 1985, dois períodos ditatoriais. Mas, não obstante a juventude de nossos institutos, eles se tornaram altamente confiáveis, especialmente no que concerne à boca de urna. Essa confiabilidade trouxe como consequência um volume enorme de trabalhos, de modo que todos os três acabaram recusando propostas como as que surgiram de um órgão de imprensa de Dourados, que desejava contratá-los para pesquisas relativas às nossas eleições municipais.

122 Publicada no Dourados Informa e Dourados News 07/11/2008.

Epal dirá o atento leitor: “o IBOPE se fez presente sim nas eleições de Dourados”.

Veremos, mesmo porque as pesquisas divulgadas por esse instituto, de renome internacional, diga-se de passagem, prejudicaram deveras a nossa candidatura. Antes, porém, é necessário apontar, após essa rápida digressão sobre institutos de pesquisas conhecidos em âmbito nacional, que também pelo interior do Brasil afora foram surgindo centenas de institutos, nem sempre tão famosos, mas muitos deles dignos de respeito. Não seria diferente em Mato Grosso do Sul e, de modo particular, em Dourados, onde temos também quatro ou cinco institutos. Em razão dessa expansão no setor, podemos afirmar que não faltaram pesquisas aos políticos douradenses, e mesmo as que eram feitas para consumo interno, acabavam vazando, de modo que todas as coligações ficavam mais ou menos bem informadas a respeito dos rumos da eleição.

Não havia como guardar segredo e, em virtude disso, todos sabiam que no final de 2007 a situação era mais ou menos a seguinte: Ari Artuzi atingia assombrosos 78% da preferência popular, Murilo Zauith ficava em torno de 18% e, no PT, dada a indefinição do partido em torno de nomes, os eventuais candidatos não passavam dos 3%.

Nessa época, o nosso nome já estava sendo cogitado dentro do partido e nós dizíamos em alto e bom som que se pudéssemos escolher o nosso adversário escolheríamos o Ari Artuzi. A nossa visão era de que a elevada popularidade que Ari atingira era fruto de seu trabalho assistencialista e que na hora da escolha do novo prefeito o povo optaria por candidatos mais experientes. Foi o nosso primeiro grande erro.

Voltando às pesquisas: Em março de 2008 Ari tinha 60% de intenções de voto, Murilo 18% e Biasotto 4%. Em abril, Ari 58%, Murilo 15% e Biasotto 10%; em maio Ari 55%, Murilo 16% e Biasotto 11%; em junho, Ari 53%, Murilo 20% e Biasotto 16%; no início de agosto, Ari 38%, Murilo 26% e Biasotto 20%; final de agosto, Ari 33%, Murilo 28% e Biasotto 24%; setembro, Ari 32%, Murilo 28%

e Biasotto 29%; em outubro, Ari 33,72%, Murilo 29,71% e Biasotto 26,95%.

Observamos pelos dados acima que até final de setembro houve uma forte tendência de queda para Ari Artuzi, um crescimento lento para Murilo e uma ascendência bastante vigorosa para Biasotto. O quadro era de empate técnico e nós, pelo movimento das ruas, formamos opinião de que havíamos realizado a maior virada da história das eleições em Dourados. No entanto, em 2 de outubro, data da divulgação da última pesquisa, verificou-se o início da arrancada vitoriosa do Ari, um arranque forte do Murilo e, pela primeira vez, a tendência de queda de Biasotto.

Em nosso entendimento, perdemos a eleição na última semana e um dos motivos foi a divulgação de pesquisas que mostravam dados bem diversos do que apresentamos acima, com o nosso nome aparecendo com 13 e 16%, respectivamente em 16 e 24 de setembro, fazendo com que os eleitores que não queriam o Ari deixassem Biasotto e se somassem a Murilo e por sua vez os candidatos que não queriam o Murilo deixassem o Biasotto e votassem para o Ari.

Mais uma vez o leitor atento argumentará que nós pegamos as pesquisas erradas. Foi exatamente esse o argumento de um Instituto, na defesa que apresentou à Justiça Eleitoral em processo que a nossa coligação moveu.

Retiramos o processo. Agora Inês é morta, no entanto, pairam algumas dúvidas, inclusive ao conceituado IBOPE: 1) Por que a primeira série de pesquisas desse Instituto cobriu Ponta Porá, Três Lagoas e Campo Grande, e não Dourados? 2) Por que um instituto tão poderoso e experiente faria em Dourados, pesquisas abrangendo apenas em torno de 400 consultas, com margem de erro de 5%?

Por essas questões é que todas as pesquisas IBRAPE, IPEMS e IBOPE foram cassadas pela Justiça Eleitoral logo após a divulgação. Mas, após a divulgação o estrago já estava feito.

Fazer o que? A razão não tem dono, e o mundo está cheio de argumentos e de versões para os fatos.

Em nossa versão, as pesquisas que nos colocavam com 13 a 16% das intenções de votos induziram à reviravolta verificada na última semana e esse fato, somado ao financiamento vigoroso que os nossos adversários receberam, levaram ao resultado que todos conhecem.

Eleições 2008: a sedução das imagens ¹²³

Essa crônica dedico-a de modo especial a você, caro amigo, que sentiu falta de meus escritos analíticos sobre as eleições desse ano. Faço ouvido mouco àqueles, não menos amigos, que me aconselharam a sossegar o meu irrequieto espírito. Não foram poucos os que afirmaram não valer a pena tais desideratos. Além do mais, inferem, por me quererem bem, evidente, que ter bom siso e ficar calado é santo medicamento para que os ventos soprem amenamente sobre a luz tênue dessa pequenina vela de nossa vida. Água benta, caldo de galinha e silêncio podem não fazer bem algum, mas mal é que não fazem. Ou, como diria minha falecida e finada avó, de saudosa memória: o que não tem remédio remediado está. Isso, afora os que contestam as minhas versões. Desaforados! Provo por uma fração de segundo a prepotência de ser historiador, mas dessa água não bebo. Engulo logo essa besteira. Vem-me à memória um seminário na USP nos idos de 1975. Eu, um jovem professor, experimentando conceitos mais elevados nos estudos, após engolir várias vezes em seco, tive a coragem de abrir a minha boca para uma pergunta que se me aparentava como o início de um grande debate: e a história como ciência, então, nesse contexto, como fica professor? Nenhum arruído, nenhum debate. Apenas uma assertiva incisiva: “a história é uma arte”. Ainda não tinha lido Kant, meus colegas talvez, com certeza o saudoso mestre Eurípedes Simões de Paula o conhecia profundamente. Calei-me. Nem me veio à mente que Cícero já ensinara que a história é a mestra da vida. E, ora, se é mestra tem sabedoria, se tem sabedoria é ciência. Nem isso! Marx saiu-me da boca, mas não para os lábios, não para contestar o velho e querido mes-

123 Publicada no Dourados Informa e Dourados News em 01/12/2008.

tre, engoli Marx garganta abaixo para vomitá-lo mais tarde, em minhas aulas, quando o amadurecimento acadêmico me permitiu perceber que não existe ciência neutra mesmo porque neutros não são também os advogados, cientistas, jornalistas, juizes, professores, políticos, padres e pastores. Por que a história não haveria de ser ciência? Tem método! Mas isso tudo somente para lhe dizer que mesmo sendo historiador não quer dizer que eu tenha absoluta razão em tudo o que já disse e o que não disse, mas penso, sobre as eleições de 2008 em nosso município.

Não radicalizo. Não, José Régio, o meu destino nem é desflorar florestas virgens e nem navegar por mares nunca dantes navegados. Há muito aprendi a ouvir. Sei com Ítalo Calvino que quem comanda a narrativa são os ouvidos. O meu destino é ser irreverente. Que fazer? Se um dia deixar de me indignar com as injustiças, os malfeitos, as intrigas, as traições, então o vento poderá soprar forte e apagar a chama da vela de minha vida, pois ela já não terá sentido algum.

Não aspiro ser um Policarpo Quaresma, embora o personagem de Lima Barreto, convenhamos, seja admirável. As suas patriotadas, no entanto, andam há tempos fora de moda. Prefiro importar Don Quixote, consciente de que terei de continuar combatendo moinhos de vento. Ou acha você que vou acabar com a compra desavergonhada de votos, com as insidias, que vou proibir que se publiquem pesquisas falsas, vou acabar com a infidelidade partidária, vou corrigir áulicos de todos os matizes inclusive os que, distorcendo, mentindo e caluniando insuflam jovens a manifestações? Acha você que vou impedir que se diplomem aqueles que mesmo tendo sido pegos com a mão na botija acabaram inocentados? Sempre haverá falta de provas para alguns e provas em demasia para outros.

Colocando-se vivos e inanimados, há muito aprendi que o melhor amigo do homem não é o cão. É o livro. E aí a minha justificativa de interromper as crônicas que escrevia sobre as eleições. Pus-me a ler. Não, ler seria dizer pouco. Pus-me a engolir livros. Primeiro, você nem vai me acreditar, (re)li o Pequeno Príncipe de Exupéry. Gosto

muito do diálogo que o Pequeno trava com a raposa e esta lhe ensina que nos tornamos responsáveis por quem cativamos. Daí voltar a escrever a pedido seu. Daí a minha consciência da responsabilidade dos políticos ao cativarem os eleitores. Depois me caiu às mãos um livro chamado *Ilusões*, do mesmo autor de *Fernão Capelo Gaivota*, Richard Bach. Não gostei. Prefiro *Fernão Capelo*. A sua história lembra-me a de São Jerônimo que jamais li, mas ouvi contar que depois de duzentos anos vivendo apenas e tão somente do ar que respirava virou luz. Após essas duas leituras firmei o propósito de ler e (re)ler nossos escritores brasileiros. Estabeleci meta, da mesma forma que se faz com a vida ou com a administração pública. Uma coleção de dezoito volumes. De quinze já dei conta. Ah! Mas se lhe conto isso não é para me gabar, é com medido recato, os nossos vícios não temos que ficar espalhando-os por aí. Tenho motivo justo para dizer-lhe dessas leituras. Encontrei no meio delas muitos, muitos tesouros. Aí fiquei pensando sobre a precisão de pás e picaretas para se descobrir riquezas. Tão fácil é abrir um livro. Mas, foi um desses tesouros, não o mais precioso, *Primeiras Estórias*, de João Guimarães Rosa, um texto chamado *Espelho*, que me mexeu a massa cinzenta da cabeça e não é que comecei a juntar todos os espelhos que pude e coloquei-os a jogarem entre si. E comigo. E com toda a nossa cidade.

Espelhos. Espelhos retilíneos, côncavos, convexos, poligonais, poliédricos. Espelhos. Espelhos no piso, no teto, à direita, à esquerda, no centro, no canto. Espelhos. Eis o segredo: somente colocando-se os espelhos jogando entre si é que se conhece o real. Experimente. Deite-se. Levante-se. Coloque-se abaixo. Coloque-se bem acima dos espelhos. Você se surpreenderá. Terá se visto magro, torto, doente, bonito, corcunda, gordo, alegre, triste, bom, feio saudável, mau. Experimente com a nossa cidade. Percebeu? Não é mesmo nada fácil. Mas não desista que lhe dou uma pista. Dê aos espelhos formas humanas, ao invés do retilíneo imagine fulano, no lugar do côncavo coloque beltrano, no lugar do convexo ponha sicrano e vá imaginando essas pessoas-espelho no

mesmo jogo dos espelhos verdadeiros e você então terá a chave do segredo para ver a nossa cidade como é e como será. Viu? É como naqueles livros de imagens tridimensionais em que no início você somente vê uma figura qualquer e conforme o foco e o ângulo de repente você enxerga uma bela ou apavorante surpresa. Saudoso dessa memória que me ocorreu para explicar-lhe o jogo dos espelhos busco na estante: “3 D: a sedução da imagem”, de Steve Perry. Meu filho o ganhou dos padrinhos em 1995, com a dedicatória: “Querido Etienne, esperamos que consiga ver sempre em sua vida algo mais de belo que a própria vida. Clayme e Ramiro”. Abro-o ao acaso. Página 11. Olho para uma figura ovalada, colorida, repleta de pequenas folhas, estrelas e tantas outras formas não identificáveis. Olho que olho. Trago a figura à ponta do nariz, afasto-a, insisto, e, depois de muito tentar sem jamais desistir surge-me resplandecente, num nicho espelhado, a Virgem de Guadalupe. Melhor sorte tive no livro que no jogo de espelhos.

Nada é concreto. Colocam-se apenas os espelhos a jogarem entre si. E comigo. E consigo. E com a nossa cidade. Minha filha caçula segredou-me dia desses que, quando pequenininha, pensava que eu não tivesse boca. Talvez pela colocação dos seus espelhos o meu vasto bigode não lhe permitia ver-me a boca. Mais grandinha percebeu o óbvio, a boca estava embaixo do bigode. Essa lembrança faz com que se choquem os meus neurônios, esquenta-me novamente a massa encefálica e me vem outra ideia esdrúxula. Agora que minha filha percebe bigode e boca, se eu tirar o bigode, já amarelado pelo tempo, não será possível que me veja então outra dimensão, que enxergue abaixo de minha boca todas as palavras que tenho presas na garganta?

Pau que bate em Chico... ¹²⁴

...bate em Francisco, diz a sabedoria popular, sintetizando tudo o que já foi dito e escrito sobre o direito de igualdade. Mas o dito popular anda meio desgastado pelo tempo e já seria o bastante se pudéssemos ao menos questionar dizendo que pau que bate em Chico deveria também bater em Francisco.

Tomemos um acontecimento atual: o prefeito Ari Artuzzi deu posse em 28 de abril do corrente ano ao novo Secretário de Saúde, Sandro Barbara, em substituição a Edvaldo Moreira. Segundo o noticiário, Barbara era a opção de Ari e Edvaldo sabia de sua interinidade. Ora, ora, essa história está mal contada. Nada absolutamente contra o demitido e o admitido, mas, convenhamos, outros governos municipais teriam que dar informações bem mais convincentes para a troca de um secretário após três meses de mandato. O pau que batia em Chico já não bate em Francisco.

Ano passado o prefeito Tetila foi proibido de fazer a divulgação das 500 obras que completara em seu mandato. A Justiça entendia que aquela divulgação não era uma prestação de contas, mas sim propaganda política. Eu próprio fui impedido de fazer campanha eleitoral não só em repartições públicas como em firmas particulares. Tudo bem, só que agora, quando nos aproximamos das eleições de 2010, o governador André Puccinelli aparece em toda a mídia falada, escrita e televisada dizendo que está investindo 175 milhões em Dourados. Cadê o pau que bateu em Chico? Além do mais, não se trata apenas de saber se o que Tetila fazia era propaganda e o que André faz é prestação de contas, gostaríamos de saber se tem um centavo desses 175 milhões que não ve-

124 Publicada no Dourados Informa e Dourados News em 30/04/2009.

nham do governo Lula e ainda mais, se não são fruto de gestões petistas realizadas em 2008? Ora, convenhamos e voltemos a enfatizar que pau que bate em Chico tem também que bater em Francisco, sem distinção.

Em se tratando ainda de governo do Estado, lembro-me que alguns anos atrás o ex-governador Zeca disse que determinado juiz tinha a boca mole, ou algo semelhante. Foi um Deus-nos-acuda! Agora o governador André não passa uma semana sem que solte um impropério e cadê o pau que bateu em Chico? A última que tomei conhecimento é que o governador afirmou ter levado para o motel político vários políticos do PT. Depois com a maior desfaçatez diz que foi mal interpretado. Ora, ora, quanto destempero verbal. Os cidadãos desse belo e vibrante Mato Grosso do Sul merecemos mais respeito, e quando digo que o Tetila seria um ótimo candidato ao governo do estado falo muito sério.

Ainda no âmbito estadual vamos para a Assembleia Legislativa. Não é porque não temos nenhum deputado eleito exclusivamente por Dourados que o nosso município deva ficar tão abandonado. Os deputados estaduais não são representantes regionais, representam todo o conjunto de municípios que compõe o Estado. E cadê o pau para bater em Chico e Francisco?

Em se tratando da Câmara dos Deputados, tivemos há pouco tempo a execração pública do deputado João Grandão por suposto envolvimento (até hoje não comprovado) com a máfia das ambulâncias. Nessa semana o noticiário nos dá conta de que o vice-governador Murilo usou passagem área da Câmara mesmo não sendo mais deputado e o deputado Geraldo Resende além de ir passear em Miami e Manaus pagou a sua defesa por infidelidade partidária com dinheiro da verba indenizatória. Cadê o pau que bateu em Chico?

Tetila, quando prefeito, trouxe o Secretário de Saúde de fora, foi um bafafá danado. Na qualidade de Secretário de governo àquela época cansei de explicar que se tratava de preencher o cargo com pessoa de larga experiência, tendo sido inclusive Secretário de Saúde do Estado. O pau comeu em Chico. Agora, Ari Artuzi trouxe para a Secretaria de

Governo um assessor de uma vereadora de Campo Grande e cadê o pau em Francisco? E saiba o leitor que a Secretaria de Governo é a responsável por toda articulação política do governo e pela coordenação das demais secretarias.

Pau que bate em Chico deveria bater em Francisco. Mas que fazer se até os ventos sopram diferente para uns e outros. Quando construíamos casas populares na Reserva Indígena Francisco Horta, em Dourados, um vendaval que provocou tremendos estragos em diversos locais destelhou uma das casas recém construídas. O caso provocou rebulição e foi parar no Ministério Público pelas mãos do deputado Geraldo Resende. Ainda nesse ano de 2009 uma ventania derrubou centenas de metros do alambrado construído no aeroporto sem que tivesse causado quaisquer outros danos na região e o pau que tanto bateu em Chico em relação à casa deve ter ficado atrás da porta em relação ao alambrado.

E se tomarmos por comparação os governos Lula e Fernando Henrique? Aí, nem se fala, são centenas de exemplos de dois pesos para uma única medida. Fiquemos no exemplo mais escandaloso: se Lula toma um trago é alcoólatra, se FHC toma uma garrafa fez apenas uma degustação.

Mas nem imagine o caro leitor que eu desfaça do dito popular, apesar de ter afirmado que está meio desgastado. Nesse mundo há jeito pra tudo (menos pra morte). Se o pau que bate em Chico não bate em Francisco, o povo, no seu saber (certo ou errado), arruma novos paus e as bordoadas são dadas à torta e direita. Refiro-me ao surgimento dos blogs, dos microblogs, enfim, da comunicação virtual, mas direta entre as pessoas via internet. E não tem quem impeça. Nem me refiro aos blogs identificados como os de Clóvis de Oliveira e Valfrido Silva, mas aos não identificados, a exemplo do <http://agoraaguenta.blog.co.uk/> que, impedido no Brasil, hospedou-se na Inglaterra e voltou a postar fatos sobre Dourados.

Um cenário para as eleições de 2010 ¹²⁵

O tempo voa célere e quando menos se espera eis que um evento às vezes tão aguardado surge de supetão à nossa frente. Não será diferente com as eleições de 2010.

No âmbito nacional, de um lado, Dilma Russeff, a corajosa mulher da resistência ao regime militar, alçada à condição de Chefe da Casa Civil, madrinha do PAC, recebe o apoio explícito do presidente Lula para continuar o projeto de desenvolvimento sustentável posto em prática no Brasil a partir de 2002. De outro lado surge José Serra, representando o projeto neoliberal das privatizações e do estado mínimo, apoiado pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

No âmbito regional ocorrerão as disputas para o Governo do Estado, Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislativa. E é justamente nesse âmbito que desejo meter a minha colher, pois como afirmei recentemente a um jornalista, cansei de ser soldado e lutar para eleger os meus companheiros de partido, é hora de agir um pouco como general, ou, para ser mais humilde, como coronel.

Eis a questão: Tetila deve postular uma candidatura ao governo do Estado para disputar com André os destinos de Mato Grosso do Sul a partir de 2011. Tetila é uma liderança insofismável, conhecida em todo o estado, embora com muito mais votos na região sul, dada a sua atuação como prefeito de Dourados. Fez por nossa cidade uma administração profícua (re)colocando-a na condição de metrópole regional e como uma das cinquenta cidades mais apreciadas no âmbito nacional para a recepção de investimentos externos.

125 Escrita em 2009. Não encontrei comprovação da publicação, mas é provável que tenha sido postada tanto no Dourados Informa como no Dourados News;

Os votos do norte, que teoricamente faltariam à Tetila, bem podem ser arregimentados pelo senador Delcídio e por Zeca do PT. Delcídio tem tudo para ser (re)eleito senador por Mato Grosso do Sul. Fez muito por Dourados e poderá fazer ainda mais. É homem de compromisso e reconhece os nossos esforços tanto em abrigá-lo no seio de nosso partido quanto no sentido de lhe entregarmos às mãos o projeto de criação da UFGD.

Quanto ao Zeca do PT, está no momento mais que oportuno para fazer uma reflexão profunda no sentido de (re)encontrar-se com o seu brilhante passado de lutas. Sua melhor atitude, em minha ótica, seria calçar as sandálias da humildade e candidatar-se a uma vaga para a Câmara Federal. Na qualidade de candidato, ajudaria a alavancar a candidatura de Tetila ao governo do Estado e, dessa forma, não somente estaria fazendo um ato de agradecimento a tudo o que lhe fizemos em Dourados, como também estaria assegurando para si próprio uma vaga para o senado nas eleições de 2014.

Besteira pensar que a candidatura de Zeca à Câmara inviabilizaria a eleição do sobrinho Vander Loubert. Ambos seriam eleitos e com a vantagem de somarem muitos votos para a legenda ajudando na (re)eleição do deputado Biffi e na (re)condução de João Grandão à Câmara.

Para concorrer a uma vaga de deputado estadual temos no PT vários nomes que poderiam muito bem emplacar, dentre eles Zé Silvestre, Margarida, Ribeiro Arce, Tenente Pedro, Elias Ishi, Dirceu Longhi. Mas, não obstante esses nomes merecerem todo o nosso respeito, penso que é hora do Egon arregaçar as mangas, sair para as ruas e colocar toda a sua experiência de luta por uma sociedade mais justa, para buscar uma vaga na Assembleia.

Quanto a mim lanço-me desde já candidato para ser o primeiro suplente do senador Delcídio. Como disse, cansei de ser soldado, chegou a minha hora de coronel.

Se não for x nem y e for z: ensaio sobre política ¹²⁶

Crônica escrita recentemente sob o título “Um cenário para as eleições de 2010” teve repercussão muito maior do que as que escrevo sobre outros temas. Não me surpreendi, a política é uma arte que desperta paixão, portanto nada mais natural. No entanto, dada a extraordinária reação dos amigos leitores, sou devedor de algumas explicações. Começo por resumir aquilo que disse na citada crônica: sugeri o nome de Tétila para concorrer ao governo do estado, hipotequei o meu apoio à (re)eleição do senador Delcídio e, da mais profunda e equilibrada análise que pude fazer, argumentei que Zeca do PT deveria ser candidato a uma vaga na Câmara dos Deputados.

Das reações dos leitores em torno do assunto ficou claro para mim que o senador Delcídio é unanimidade. Disputa a cadeira para o senado agora em 2010 e o governo do estado em 2014. Ponto final. Quanto à candidatura de Tétila ao governo do estado muitos a acham viável e uma boa parcela, por outro lado, entende que Dourados não teria condições de elegê-lo. Alegam que Tétila não quis ou não pôde exercer ao longo de seus oito anos de mandato como prefeito uma liderança regional forte que ultrapassasse fronteiras e o transformasse em candidato competitivo..

Quanto à ideia de lançar Zeca à Câmara Federal a zoeira foi maior. Uns entendem que a minha opinião de Zeca ser candidato a deputado é correta e que o nosso ex-governador estaria eleito entre os mais votados, fortalecendo dessa maneira a bancada petista que poderia passar de dois para quatro deputados. Uns poucos pensam que Zeca deveria concorrer ao senado ao lado de Delcídio, e ainda há os que

126 Publicada no Dourados Informa e Dourados News em 15/04/2009.

gostariam de ver uma nova disputa entre Zeca e André, desta feita para o governo do estado.

Dentro da lógica de eleger um senador e quatro deputados federais, não haveria dúvidas de que em 2014 o PT retomaria o governo do estado. Mas, como nem sempre o interesse coletivo é o que prevalece, imaginemos que o candidato concorrente de André seja Zeca do PT. Como deveriam agir os petistas, como eu, que não acham essa a melhor indicação?

Vamos por partes, como diria Jack, o estripador.

Os partidos políticos organizados devem ter diretórios em âmbito local, regional e nacional, competindo aos locais (municipais) a escolha de candidatos à prefeitura e câmara de vereadores, aos regionais (em cada estado da federação) a definição dos candidatos à Assembleia Legislativa, Câmara dos Deputados e Governador do Estado e, por fim, compete ao Diretório Nacional a indicação do candidato à presidência da República.

A escolha dos membros desses diretórios, ao menos no meu partido, o PT, é feita de forma democrática, portanto os diretórios constituem-se em legítimos representantes dos filiados ao partido. Por via de consequência, os filiados têm o dever de acatar as decisões desses colegiados.

Ninguém é obrigado a filiar-se a qualquer partido político, mas, uma vez filiado tem direitos e deveres. Dentre os direitos, pode opinar votar, ser votado; como deveres, entre outros, tem que acatar as decisões do Partido. Logo, se o Diretório, seja ele de que âmbito for, aprovar uma determinada candidatura, o compromisso ético do filiado é apoiar essa candidatura mesmo que não seja a sua preferida. Sim, mesmo que não seja a sua preferida, porque pode acontecer de haver dentro do partido uma disputa interna que leve a uma prévia, como houve, por exemplo, em Dourados, na disputa para a prefeitura em que a pré-candidata Margarida Gaigher, após perder a prévia para a disputa, imediatamente hipotecou irrestrito apoio ao candidato vencedor.

Destarte, se o meu candidato a governador, o ex-prefeito Tetila, não for o escolhido, o meu dever é sair a campo e defender a candidatura posta pelo Diretório Regional. Se o escolhido for o ex-governador Zeca, sairei às ruas como fiz em 1998 e 2002. E olha que em 1998 poucos apostavam no Zeca.

Em conclusão, o que desejo expressar nessa crônica é que temos que ter ética na política. Um filiado a partido político, quando não tem o seu candidato escolhido pelo Diretório, não deve cruzar os braços e nem apoiar outro partido. Isso é imoral. Antes disso, deve ir à Justiça Eleitoral, desfiliar-se e aí sim ficar livre para votar em quem desejar sem que lhe caiba a pecha de traidor.

Quem, como eu, viveu sob a égide de regimes ditatoriais, deve reconhecer que o nosso país avançou muito em termos de democratização, no entanto, há ainda um longo caminho a ser percorrido. Nesse sentido, a Justiça Eleitoral brasileira perdeu a oportunidade histórica de dar exemplo cassando políticos que fazem dos Partidos “balcão de negócios” e trocam de sigla como se troca de camisa.

Wilson Valentim Biasotto*
da África

**É PRECISO
 EMPREENDER A
 ALMA DO POVO
 BRASILEIRO**

entrou para
 os, a partir de
 omento de sua
 r a cultura ne-



gra a partir da "mãe África", acom-
 panhar a sua evolução desde os
 navios negreiros até os nossos
 dias, passando pelos horrores da
 escravidão a que foram submeti-
 dos os negros, significa não so-
 mente a oportunidade de gravar-
 mos para todo o mundo algo que
 sempre devemos permitir que se
 repita, mas também, e principalmente,
 a própria alma do povo

la", nem a nova moda iniciada
 nos Estados Unidos de se cultivar
 a "mãe África" em detrimento da
 América.

Que o tema é polêmico não
 tenho dúvidas, mas não se trata
 de "esquecer" os abomináveis
 horrores da construção de uma
 sociedade que considere a natu-
 reza humana como elemento ca-
 talizador da fraternidade e solida-
 riedade e não as diferentes raças
 com motor gerador de discórdias
 e lutas.

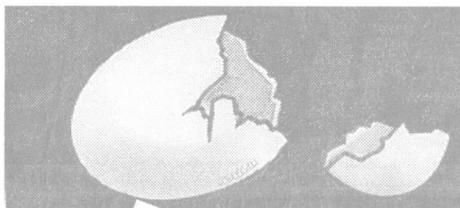
Keith Richburg, um jornalista
 negro americano recusa a designa-
 ção "afro-americano", preferen-
 ser chamado de "americano",
 embora saiba-se que nos Esta-
 dos Unidos os negros sejam de-

ela casa
 assava o
 fundo, o
 sítio
 teria
 ente
 tia
 ta-
 s-

inventou de lê-lo
 Pura burrice. Do
 menti, tomou-o
 os meus profê-
 ri.

Foi o pri-
 e uma
 ros qu
 os 97

Wilson Valentim Biasotto*
A galinha dos ovos de ouro



DOURADOS-MS, SÁBADO/DOMINGO, 13/14 DE SE

havia lido, já conhecia muito bem a
 moral da história: se um dia viesse
 uma galinha dos ovos de ouro
 na, ao contrário, tra-
 rinho, daria
 -lho o

OPINIÃO

Wilson Valentim Biasotto*

Como se perde uma Olympus*

**A MÁQUINA SÓ FICOU
 DEPENDURADA EM
 MEU PESCOÇO POR
 UMA SEMANA**

bastaria. Salgado sobre o MST o
 meu artigo souho tirou oboles-
 sigo. Meio tímido, tirou oboles-
 ideia de que não se tratava de um
 simples plágio;
 falei sobre o plá-
 gio para alguns
 amigos e a ideia
 ganhou corpo.
 Dirceu Longui,
 Valmir Ortega,
 e outros fotografos da cidade
 para montarmos um projeto, na
 oportunidade sugeriram-me que

falasse com o Emmanuel Men-
 rinho, que já escreveu muitos coi-
 sas boas sobre os índios, para
 planejarmos juntos o texto.
 Não sei ain-
 da se meus ami-
 gos já fizeram a
 parte que lhes
 cabia, contatam-
 do os demais fo-
 tografos para a
 realização de um livro no dia 19
 de abril do próximo ano. Assesu-
 ro envolvendo que Emmanuel Ma-
 rinho compreende imediatamente:
 tarefa que deveria cumprir com o
 lançamento de um livro no dia 19
 de abril do próximo ano. Assesu-
 ro envolvendo que Emmanuel Ma-
 rinho compreende imediatamente:
 tarefa que deveria cumprir com o
 lançamento de um livro no dia 19
 de abril do próximo ano. Assesu-
 ro envolvendo que Emmanuel Ma-

Com a ascensão do mestre
 Valentim Biasotto a curul executi-
 va do histórico CEUD, essa
 Magnífica Reito-
 ração, Professora
 Leocádia Petry, o
 significado do
 ano

O m
 necessário período do quí-
 legal, sob a direção da sup-
 vamente simpática e compe-
 Magnífica Reito-
 ração, Professora
 Leocádia Petry, o
 significado do
 ano

REDESCO

Passada duas semanas sem
 ver minha máquina fotográfica,
 depois de ter procurado em todos
 os cantos onde pude imaginar
 encontrá-la, posso agora, refletir
 sobre como se perde uma Olym-

Há muitos anos cultivo o so-
 cio de um dia fotografar os indí-
 gas de Dourados, uns pedindo, ou-
 tros vendendo, uns pedindo, ou-
 tros descendo numa sombra ami-
 ga. Quando via uma exposição em
 praça o livro com as fotos de Se-



O autor,
 Social pela
 CEUD.

vida de filme branco preto numa
 demonstração de que eu não era
 tão amador, e sei.
 Mal andara meio quarteirão
 tive que parar o carro: uma nota
 conduzia sua carroça, e algumas
 crianças iam atrás. Foram pelin-
 tes que tem a carroça o ponto de
 encontro. Disparar clic, clic, clic...
 Mais uns quarteirões, um grupo
 de meninas índias sentadas na
 calçada. clic, clic, clic, clic...
 Foram essas as fotos que
 tirei para entrar no livro. O
 saboteiro se sublevará aprovadas pela
 comissão e publicadas na se-
 manha. Perdida a minha pescoço uma
 máquina só ficou dependurada em
 meu ombro.

Com uma coisa eu bem sei:
 jamais sera um fotografado pois o
 fotografado pode perder o próprio
 pescoço mas não a máquina. É
 ridículo, mas não a máquina é
 meu, antes de saber como está a
 praça quebrou raigo de si.

* doutor em História Social pela USP
 e diretor do CEUD/MS
 E-mail: biasotto@dourados.com.br

Meus amigos, queria fotografar apenas
 vocês, filhos, procuraríamos ver-
 de esse aparelho, procurem con-
 tatar esse aparelho, procurem con-

eram comuns a opor-
 democrática de mostrarm-
 tos aos poderosos desse país.
 tomam público que também
 oubam, traem, prostituem-se. Os
 filhos vingam-se dos pais, os ca-
 sais desdumam as suas intimida-
 ções, vizinhos mostram as suas
 garras. E todos se agridem verbal
 e fisicamente até serem subjuga-
 dos por seguradoras agradecidos
 pela nova possibilidade de em-
 prego num país com tanta deses-
 perança.

Errolam milhões e milhões de
 reais as costas desses pobres infel-
 zes do desabafo, da deses-
 suas chagas os dex-

eram comuns a opor-
 democrática de mostrarm-
 tos aos poderosos desse país.
 tomam público que também
 oubam, traem, prostituem-se. Os
 filhos vingam-se dos pais, os ca-
 sais desdumam as suas intimida-
 ções, vizinhos mostram as suas
 garras. E todos se agridem verbal
 e fisicamente até serem subjuga-
 dos por seguradoras agradecidos
 pela nova possibilidade de em-
 prego num país com tanta deses-
 perança.

A televisão, quem den-
 titui também a praça e
 igreja.

Wilson Valentim Biasotto*
da África

**É PRECISO
 EMPREENDER A
 ALMA DO POVO
 BRASILEIRO**

entrou para
 os, a partir de
 omento de sua
 er a cultura ne-



de

SABADO/DOMINGO, 06/07 DE SETEMBRO DE 1997

Wilson Valentim Biasotto*
Como se perde uma Olympus

bastaria. Salgado sobre o MST o meu amigo souho tirou oboles-igo. Meio tímido, tirou oboles-ideia de que não se tratava de um ídolo sobre o pia- para alguns- amigos e a ideia- Direceu Longui- Maíto Ortega, para outros fotógrafos da cidade- para montarmos um projeto, na oportunidade sugeriram-me que

**A MÁQUINA SÓ FICOU
 DEPENDURADA EM
 MEU PESCOÇO POR
 UMA SEMANA**

falesse com o Emmanuel Menr- nho, que a escreveu muitas coi- suas boas sobre os índios, para- planejarmos juntos o texto, para- da se meus ami- gos já fizeram a- parte que lhes- cabia, contaten- do os demais fo- tografos para a- tarefa que deveria- cumprir com o- lançamento de um livro no dia 19- de abril do próximo ano. Assegu- ro envolvendo um projeto, na- oportunidade que Emmanuel Ma- íto e o alcance do projeto e se pro- pões a colaborar.

Meu amigo souho tirou oboles-igo. Meio tímido, tirou oboles-ideia de que não se tratava de um ídolo sobre o pia- para alguns- amigos e a ideia- Direceu Longui- Maíto Ortega, para outros fotógrafos da cidade- para montarmos um projeto, na- oportunidade sugeriram-me que

falesse com o Emmanuel Menr- nho, que a escreveu muitas coi- suas boas sobre os índios, para- planejarmos juntos o texto, para- da se meus ami- gos já fizeram a- parte que lhes- cabia, contaten- do os demais fo- tografos para a- tarefa que deveria- cumprir com o- lançamento de um livro no dia 19- de abril do próximo ano. Assegu- ro envolvendo um projeto, na- oportunidade que Emmanuel Ma- íto e o alcance do projeto e se pro- pões a colaborar.

falesse com o Emmanuel Menr- nho, que a escreveu muitas coi- suas boas sobre os índios, para- planejarmos juntos o texto, para- da se meus ami- gos já fizeram a- parte que lhes- cabia, contaten- do os demais fo- tografos para a- tarefa que deveria- cumprir com o- lançamento de um livro no dia 19- de abril do próximo ano. Assegu- ro envolvendo um projeto, na- oportunidade que Emmanuel Ma- íto e o alcance do projeto e se pro- pões a colaborar.

O autor,
 Social pela
 CEUD.

OPINIÃO

uropeus,
 questão
 te ain-
 te to-
 tra-
 ti.

Keith Richburg, um jornalista negro americano recusa a designação "afro-americano", preferindo ser chamado de "americano", embora saiba-se que nos Estados Unidos os negros sejam de-

vida de filme branco preto numa demonstração de que eu não era tão amador, e sei.

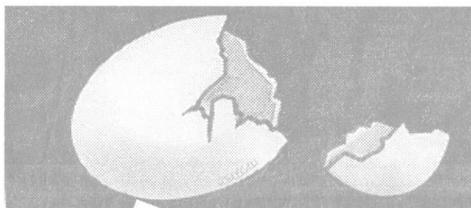
Mal andara meio quarteirão tive que parar o carro: uma nota conduzia sua carroça, e algumas crianças iam atrás. Foram pedin- tes que tem a carroça o ponto de encontro Disparar clic, clic, clic... Mais uns quarteirões, um grupo de meninas índias sentadas na calçada, clic, clic, clic, clic... Foram essas as fotos que tirei para o livro.

Com a ascensão do mestre Valentim Biasoto a curul executivo do histórico CEUD, essa Magnífica Petry, o Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

Wilson Valentim Biasotto*
A galinha dos ovos de ouro



inventou de lê-lo Pura burrice. Do tenti, tomou-os meus profet- ri.

havia lido, já conhecia muito bem a moral da história: se um dia viesse uma galinha dos ovos de ouro, ao contrário, traria o marinho, daria o filho de

Foi o pri- e uma ros qu- os 97

Com a ascensão do mestre Valentim Biasoto a curul executivo do histórico CEUD, essa Magnífica Petry, o Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

Com a ascensão do mestre Valentim Biasoto a curul executivo do histórico CEUD, essa Magnífica Petry, o Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

cessário período do quinquênio legal, sob a direção da sua vamente simpática e competente Magnífica Professora Leocádia Petry, o significado do ano

O m

REDESCO

CU S

REDESCO

REDESCO

REDESCO

REDESCO

REDESCO

REDESCO

REDESCO

REDESCO

*doutor em História Social pela USP e diretor do CEUD/UNMS. E-mail: biasotto@doutrina.com.br



eram comuns a oposição democrática de mostrarmos aos poderosos desse país, os tomam público que também oubam, traem, prostituem-se. Os filhos vingam-se dos pais, os casais desunam as suas intimidades, vizinhos mostram as suas garras. E todos se agridem verbal e fisicamente até serem subjulgados por seguranças agradecidos pela nova possibilidade de emprego num país com tanta desesperança.

Erolam milhões e milhões de reais as custas desses pobres infelizes. Pouco importa se tudo isso



TRIUNFAL
GRÁFICA & EDITORA

Diagramação, Impressão e Acabamento

Triunfal Gráfica e Editora

Rua José Vieira da Cunha e Silva, 920/930/940 - Assis/SP

CEP 19800-141 - Fone: (18) 3322-5775 - Fone/Fax: (18) 3324-3614

CNPJ 03.002.566/0001-40